BIBLIOTHECA MALHEIRO

ROSAS PALLIDAS

NARRATIVAS ORIGINAES

POR

GUIOMAR TORREZÃO

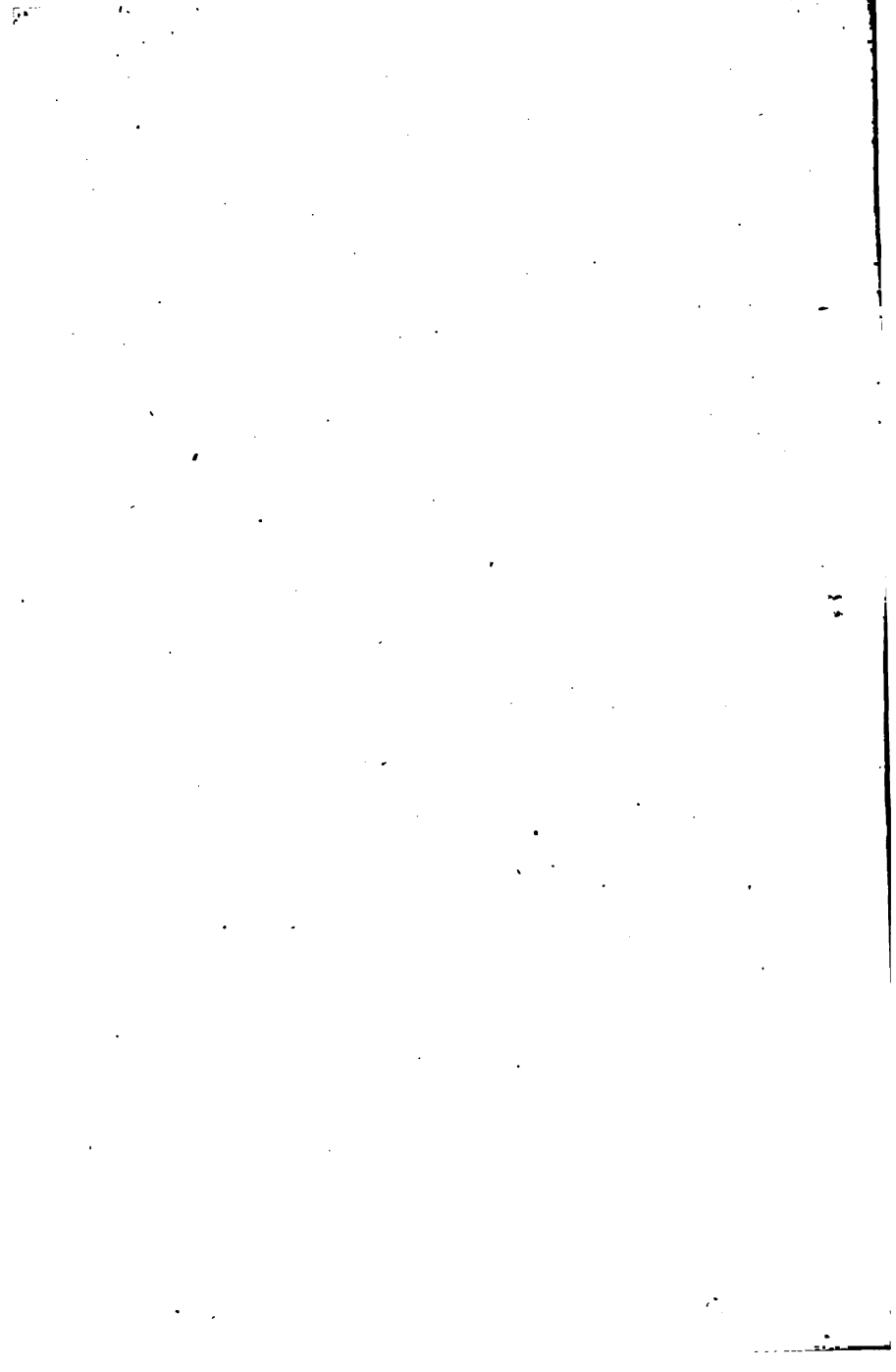
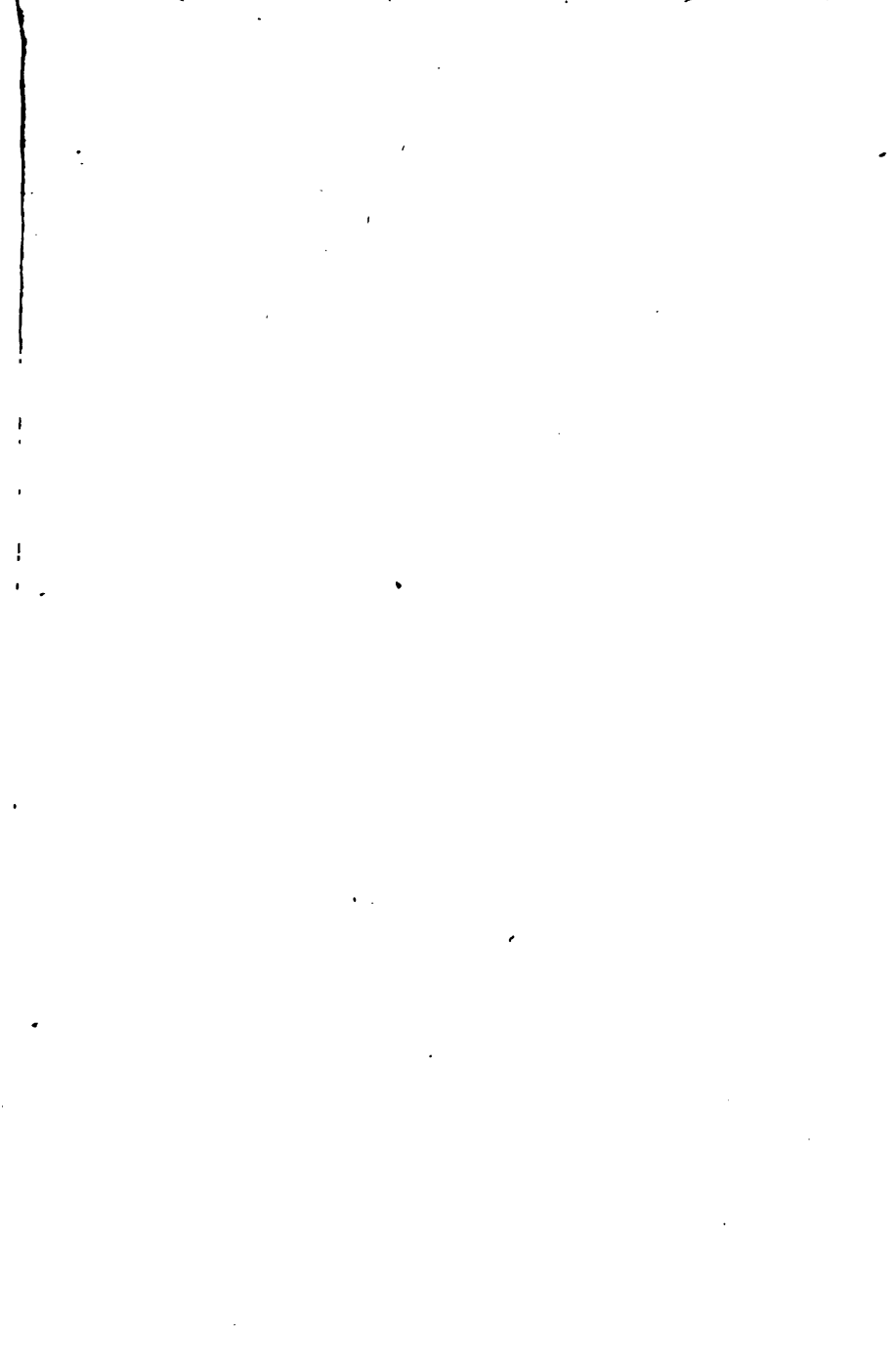
PRECEDIDAS DE UMA CARTA

DE

THOMAZ RIBEIRO

2.ª EDIÇÃO COM RETRATO

PORTO
LIVRARIA PORTUENSE—EDITORA
121—Rua do Almada—123

1877

ROSAS PALLIDAS

BIBLIOTHECA MALHEIRO

GUIOMAR TORREZÃO

ROSAS PALLIDAS

NARRATIVAS ORIGINAES

PRECEDIDAS DE UMA CARTA

DE

THOMAZ RIBEIRO

2.ª EDIÇÃO

PORTO
LIVRARIA PORTUENSE—EDITORA
121—Rua do Almada—123

1877

A MEU PAE

O ILL.^{mo} E EX.^{mo} SR.

JOAQUIM JOZÉ DE NORONHA TORREZÃO.

Á tua memoria, meu pae, pallida visão que as recordações de criança trazem n'uma especie de sonho ás saudades da mulher, a ti, que me perfumaste o berço de flores e de caricias, offereço este livro, depositario obscuro de muito sentimento meu.

Quando assentada á beira-mar escuto o melancolico soluçar das vagas, quebrando-se contra os rochedos ou deixando na areia o sendal de espuma, e o olhar mergulha, vago e absorto, na extensão do céo e mar que ao longe se confundem nas brumas do horisonte, é para ti, ó meu pae, que a alma me vôa, ajoelhando triste na terra arida que cobre as tuas cinzas, onde te ficaste dormindo o frio somno da morte!

Se não posso ir levar-te as minhas lagrimas e regar com ellas a sepultura adorada de que me separa a vasta extensão dos mares, entretecerei cá de longe esta corôa de ROSAS PALLIDAS, *e ficarão ellas attestando ao mundo, embora o tempo na sua continuidade fatal absorva a vida e apague a memoria, que não se extingue nunca a cruciante e immorredoura saudade do orphão!*

G. T.

Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sr.^{a} D. GUIOMAR TORREZÃO.

NOVA GÔA, 1871.

Venho agradecer a V. Ex.ª a remessa do manuscripto do seu romance *Celeste*, e dos livros que V. Ex.ª se dignou de offerecer-me. O primeiro tenho-o ainda aqui ao pé de mim, e li-o com os olhos da gratidão e do bem querer, que não sou eu o critico frio e severo a quem V. Ex.ª pede opinião, nem o juiz cuja sentença V. Ex.ª reclama.

Nunca na minha vida fiz critica a obras artisticas ou litterarias, raras vezes a tenho achado justa ou desapaixonada, e nunca mesmo lhe reconheci a utilidade que tão apregoada anda por esse mundo, constituindo uma especie de realeza, que eu, republicano das letras, ainda não reconheci nem reconheço, embora tenha visto curvar tantas frontes altivas ao mando da sua auctoridade, para não dizer ao medo da sua tyrannia.

Isto não quer dizer que não haja critica illustrada e illustre, e que eu não reconheça a auctoridade dos mestres; o que, porém, vulgarmente acontece é que os mestres não fazem critica, e os criticos não são mestres.

O mestre aproveita o seu tempo todo em crear, em compôr, em construir. Demolir é facil e inglorio. O mais que elle faz quando passa por edificiosito monstruoso e desaprumado é passar de largo para que lhe não caia em cima; que elle ha de cahir por si e nem das ruinas poderá tirar-se material para nova construcção.

Muita vez tenho dito bem do que me agrada; do que não gosto esqueço-me ou guardo obstinado silencio. Bem sei que a botanica, estudando as entranhas da flôr, e a anatomia, devassando os segredos do corpo humano, teem feito importantes revelações á chimica e á medicina; mas a mim repugna-me o escalpello, e nem desfolho uma rosa, nem toco n'um cadaver.

Depois, na litteratura, quantos livros morrem apezar dos hymnos que lhes exaltam o nascimento, descendo ao limbo do desconceito publico, e quantos sobem ao pantheon das glorias perduraveis por entre os apupos e os flagicios d'uma severidade apaixonada, d'um desamor gratuito, improvocado, injustificavel ? !

Isso não é critica, bem sei, e até quasi sempre é mais vivacidade irreflectida de ardente e esperançosa mocidade, do que desafogo de ruins paixões; mas faz-se muita vez, e ainda os que se julgam mais despidos de affectos e de enthusiasmos, quer condemnem, quer exaltem, lá lhes dirá mais tarde a consciencia quanto mal fizeram ao individuo sem o menor proveito para as letras e para as artes.

É por isto, minha senhora, que nunca me atrevi a fazer a critica de qualquer livro, e quando, como agora, a minha admiração me força a dizer o que sinto, tenho o cuidado de me dar de suspeito como juiz, porque sou o primeiro a desconfiar da minha justiça.

Ainda mais: a critica, o que nós entendemos por verdadeira critica, ou ha de acompanhar as obras de arte, e por consequencia as inspirações do genio, em todas as suas caprichosas evoluções, entrando nas especialidades do trabalho e devassando-lhe os segredos da vida intima, o que equivale á encarnação e humanisação do verbo doctrinario, ou ha de estacionar fixa, permanente, luminosa, nas alturas espiritualistas, como estrella polar nos céus profundos onde habita o ideal; sarça ardente do Horeb

no caminho da terra da promissão! No primeiro caso recebe a forma e a indole dos factos, das manifestações, das creações do genio, a quem, para ser sciencia, as devia imprimir; escreve mas não dicta; acceita e não offerece; obedece e não impera; aprende e não ensina; segue mas não conduz. Se é sciencia é especulativa; se luz é reflexo; se falla é echo; se retrata é espelho.

No segundo caso, porque é fixa, nega o progresso; porque é unica, nega a variedade e a harmonia; porque é luminosa, é vista mas não vê. Considerada a critica do primeiro ponto de vista é menos que sciencia; encarada do segundo é mais, é dogma.

Longe de ambas e excentrico fica o genio, o grande revolucionario, que protesta a um tempo contra os preceitos e convenções da maçonaria litteraria e contra as imposições do direito divino.

A Allemanha, a grande pensadora, quiz reconstruir a critica e collocal-a ao pé da humanidade; nem tão baixo que se confundisse com ella, nem tão alto que a não podesse vêr e vigiar; creou a critica metaphisica.

Não quero dizer a V. Ex.ª o que Voltaire disse da metaphisica, porque Voltaire ria de tudo e eu não rio de coisas serias; além de que só quem se não preza é que cita já hoje o nome de Voltaire; devo, porém, dizer-lhe, duvido que a Allemanha tenha resolvido o problema e nos tenha dado a sciencia da critica.

Assim pois, minha senhora, não serei eu quem faça a critica do seu bellissimo romance. Se estivesse em Lisboa e V. Ex.ª tivesse a bondade de conversar comigo, dir-lhe-hia, com a sinceridade de que me prezo, o que n'elle me agrada e o que lhe aconselharia que reformasse, não segundo as regras, que não sei, mas segundo os dictames da minha consciencia.

V. Ex.ª gosta de crear nas suas obras situações difficeis; revelou-o na sua Alma de mulher, revela-o ainda, e com superioridade incontestavel, n'este seu romance; signal é de que evita as vulgaridades, de que a attraem os trabalhos difficeis; só o talento, quando é verdadeiro, ousa tanto! N'esse caminho ha tantas glorias como perigos; é nobre percorrel-o, mas seria imperdoavel imprudencia a descautella.

Escusado será dizer-lhe que todas as minhas sympathias são para o primeiro vulto do seu romance, *Celeste*.

Aquella martyr, que V. Ex.ª nos pinta com todos os primores do seu estylo colorido e brilhante, e que nós vemos morrer tão nobremente resignada e tão sinceramente idolatrada, parece-me realmente uma creação divina!

Perdôe V. Ex.ª minha senhora, mas não podem achar indulgencia em mim os amores de Helena, amores aliás tão finamente descriptos pela sua penna essencialmente feminina.

Os felizes são felizes; contentem-se com isso; é, porém, sempre bom lembrar ao mundo que nunca é verdadeira a felicidade que se compra á custa da alheia desgraça.

No navio que nos leva ao doirado desterro da Italia podem ir dois remorsos abraçados na figura de dois amantes, e o bercinho alvo dos nossos filhos póde tomar as fórmas do esquife que sumimos na terra que nos fica além no horisonte.

O seu romance é sobretudo um livro de mocidade, um reflexo da sua phantasia esplendida e do seu amantissimo coração.

Ha n'elle os indecisos cambiantes do crepusculo matutino, como ha tambem as suas aragens tepidas, os seus aromas fugitivos, e as suas melodias singelissimas!

São para mais tarde os estudos sociaes, e o que n'elles seria defeito constitue o encanto d'estes devaneios em que os talentos singulares como o de V. Ex.ª, derramam toda a exhuberancia da sua seiva, toda a graciosa inexperiencia da sua juventude, todas as opulencias da sua ridente primavera.

Dir-lhe-hão por ventura que faltam sombras á luz d'aquelles quadros, contradicções humanas ao sentir quasi angelico d'aquellas almas; que ha menos realidade que poezia nos contornos vaporosos d'esses vultos que evoca a sua varinha de feiticeira, vultos que nós seguimos muito tempo com olhar enternecido e caricioso, que deixamos com saudade, e que não podemos depois encontrar na terra. É que ao desenhal-os V. Ex.ª olhou para dentro do seu puro coração; não sondou porque não póde sondar ainda esse vasto Oceano que se chama humanidade, onde as perolas estão confundidas com o lodo, onde ha occultos abysmos e calmarias

enganosas! E ainda bem que assim é! Seja moça em quanto poder sel-o, minha senhora. Deixe que a sua alma se banhe nos perfumes e nos esplendores do estio, em quanto os gelos e as trevas estão longe de si.

Ha no seu livro grandes bellezas d'estylo que eu admiro mas que me não surprehendem. A primeira producção de V. Ex.ª, com ser apenas a alvorada do seu formosissimo talento, já promettia tudo o que a *Celeste* hoje realisa.

Entre os trechos de que mais gostei devo citar-lhe a dedicatoria ás cinzas de seu pae. Está ali mais do que um primor de suavidade e de melancolia, está a prova incontestavel da elevação do seu espirito!

Sabe acaso V. Ex.ª que alegria eu sinto quando recebo livros de Portugal? É bem certo que os grandes affectos se conhecem e manifestam na ausencia. Nunca a patria nos é tão querida, nunca as amizades nos são tão affectuosas.

Consinta, pois, V. Ex.ª que eu limite a minha carta a um agradecimento e a uma felicitação sincerissima, e praza a Deus que a sua alma tão limpida e o seu coração tão carinhoso e enthusiasta se desentranhem em muitos prodigios taes como este, para gloria d'um paiz onde todas as glorias se aclimatam sem esforço e sem molestia.

A sombra de sua mãe é abrigosa e creadora; emquanto ella estiver de pé ha de ser-lhe facil o trabalho; é protecção e estimulo. Eu já escrevi algures uma verdade que está no coração de todos:

Triste de quem der um ai
sem achar ecco em ninguem!
felizes os que têm pai,
mimosos os que têm mãe!

Sinto infinitamente que V. Ex.ª não podesse mandar-me as outras narrativas de que ha de compôr-se o seu livro; mas pelo que já conheço de V. Ex.ª affirmaria sem receio que não hão de ellas em cousa alguma destoar da perfumada elegancia a que nos habituou a sua delicada penna.

Acceite-me ainda uma vez, minha senhora, os meus cordeaes parabens pelos triumphos que já lhe antevejo proximos e creia-me sempre

De V. Ex.ª

Devoto admirador e criado obrg.ᵐᵒ

Thomaz Ribeiro.

PREFACIO

DA 2.ª EDIÇÃO

DAS

ROSAS PALLIDAS.

Uma das maiores angustias do artista é a impossibilidade de levantar *a execução* á altura de nivelar-se com a fantasia.

É eterna e insaciavel a aspiração do absoluto e illimitado que devora a misera condição humana; nem se embotam nunca os punhais dos adversarios n'esse constante duello de duas faculdades, vulgarmente incompativeis, e repetidas vezes separadas pela incommensuravel distancia que medeia entre o finito e o infinito!

O finito,—a terra, povoada de seducções ephemeras, de opulencias transitorias; enriquecida pela botanica, pela mineralogia, pela geologia, pela phisica, pela chimica; aformoseada pela manifestação collectiva do Ideal artistico, a estatuaria, a pintura, a musica, a poesia; porem, circumscripta, fallivel e dissolvente como a ininterrupta evolução da materia.

O infinito,—a magestosa curva azul, onde fulguram, engastados, myriadas de rutilantes lumes, baptisados pela astronomia ao sabor do vocabulario humano, mas que o olhar debalde interroga e os braços em vão solicitam! Chammas que não aquecem, embora deslumbrem, lagrimas de luz, eternamente suspensas e eternamente intangiveis; que brilham, ás vezes, atravez do arminho das nuvens, que mergulham outras no caliginoso seio da procella, que reapparecem sempre, immateriais, limpidas, immutaveis, radiantes como a face serena do Incriado!

Tudo harmonia e omnisciencia, formosura e esplendor sidéreo; porem, tudo subtil, indefinido, mysteriozo, superior á comprehensão humana!

O cosmos, isto é a realidade palpavel e pozitiva, *a execução!*

O firmamento, constellado de lucidas espheras, marchetado de oiro e purpura, franjado de nuvens; isto é o abstracto, o illimitado, *a inspiração!*

De pólo a pólo, um mundo!

De um lado, a fantasia, aguia rasgando os vôos atravez do Immenso, mergulhando no zenith, pairando no dilúculo!

Do outro, o braço de argilla, tentando em vão arrancar ao frio marmore inanimado a divina chamma creadora!

Sempre a eterna peleja de Jacob com o mensajeiro celeste!

Gautier, o Rubens da prosa, o colorista imaginoso e brilhante, que n'um traço accendia, ás vezes, como

Jupiter, raios olympicos, pintou com admiravel eloquencia a lenta agonia d'esta luta de Titans!

No longo e complexo martyrologio do escriptor, que se fosse analisado psychologicamente, consoante as diversas paixões que afervora, extingue ou sacrifica, deixaria a perder de vista a hecatombe dos christãos ou as cruciantes dores de Laocoon; n'esse estranho martyrologio, que nem sequer é regado com o piedoso orvalho das lagrimas, existe outra angustia, que se não tem como a primeira a magestade epica das grandes dores, que estrondeiam no cerebro, desencadeiando revoltos elementos heterogéneos, subvertendo a doirada messe de esperanças e apagando de subito o lume da razão; gelam no entanto, annullam a iniciativa e despenham a fantasia no insondavel cahos da esterilidade infecunda: — é o terror, que revestindo as formas do *diabinho azul* da lenda bretã, torcendo-se, como um *pierrot,* revirando os olhos, agitando os braços e curvando maliciosamente o sibyllino corpo, vem segredar ao ouvido do pobre autor, que sobre a folha branca de papel está idealmente vendo projectar-se o esculptural archanjo da gloria, que as suas noutes veladas, a nevrose do genio que sentiu queimar-lhe o cerebro, a Galatheia acariciada ardentemente pelo seu namorado cinzel, os sonhados triumphos provenientes do estudo e do trabalho, hão de pertencer só e excluzivamente ao dominio de um publico attento, silenciozo e passivo como um enucho, o qual publico constará d'elle, autor, e dos compozitores, revizores, impresso-

res, brochadores e distribuidores da sua laboriosa obra prima!

Foi exactamente o perfido, travesso e zombeteiro *blue devil* que vi assentar-se á minha meza de trabalho, quando puz n'este papel a palavra—*prefacio!*

Raro é o livro francez que antes de introduzir o leitor na sala de recepção não o demora um segundo, pelo menos, na antecamara do prologo.

Os inglezes, em geral, tambem cultivam a introducção.

A Allemanha adora-a! É n'esse campo neutro que a symbolica philosophia das periphrases obscuras desenrola o seu roçagante manto imperial e empunha o montante da erudição didactica!

O leitor portuguez é que antipathisa formalmente com a solemnidade do prologo. Considera-o um soporifero irresistivel!

A respeito de prefacio (observava espirituosamente uma fidalga portugueza, a condessa de Oeynhausen e Almeida) só o da missa!

É de crer, pois, que o *blue devil* acertasse, e que á excepção do fiel compozitor e do devoto revizor ninguem mais leia este pobre prefacio, rapidamente escripto.

Todavia, não me soffria o animo atirar pela segunda vez ao revolto oceano da publicidade com o meu singelo ramalhete de ROSAS PALLIDAS sem mudar, pelo menos, o fio de seda que lhe prende as frageis hastes, sem embeber nas suas inodoras petalas desbotadas a crystallina lagrima da saudade!..

Pobres flores, cultivadas ao sol da mocidade, tresbordando a seiva da esperança, desabrochando no dilúculo de uma alma sedenta de luz, fostes instantaneamente a sua opulenta riqueza!...

É que o prisma, atravez do qual os olhos viam o imperfeito lavor, refrangia os fulgurantes raios da miragem, reproduzia os cambiantes do iris, era como que a flor azul do Ideal, orvalhada de diamantes, recortando as petalas na immaculada neve do Hymalaia!...

Hoje, que o prisma se desfez, decompondo as cores, sois simplesmente, modestas ROSAS PALLIDAS, a sua incontestavel pobreza!...

Este é indubitavelmente o livro da mocidade da autora, isto é o livro da inexperiencia. Quer na essencia quer na forma confirma elle plenamente o conhecido proloquio: — *Não ha rosas sem espinhos.*

O estylo pécca pela exhuberancia, como acertadamente observou, na esplendida carta que o precede, o eximio cantor do D. Jayme.

O poema é pueril e hesitante, accusa a auzencia de claro escuro e denuncia vagamente a preexistencia do idyllio, ressumbrando enjoativos aromas de feno, arribana e bucolicos epithalamios, cheios de ingenuidade e de adjectivos!

Já agora diga-se a verdade toda!

As ROSAS PALLIDAS pertencem á velha eschola do

lyrismo. Ha n'ellas um thuribulo, que se não é de preciosas gemmas, tem ainda incenso e myrra para perfumar o altar onde se celebram as religiões do amor, da amisade e da abnegação obscura!

Confessal-o, equival-e a incorrer nas sagradas iras da eschola realista, a chancellar o meu livro com a palavra INSIGNIFICANTE; porque a moderna evolução artistica, que a determinou, extinguiu os cultos e derrubou os altares!

Se a hombridade de gigante lhe consentisse humilhar-se a tirar vingança de microscopicos e inoffensivos pygmeus, poderia ella applicar ao meu desthronado lyrismo as palavras, profundamente eloquentes, do *De rerum natura,* de Lucrecio:

«Tens os olhos abertos, imaginas que existes; e no «entanto a tua vida extinguiu-se! Dormes acordado, «os teus pensamentos são sonhos, tuas esperanças «fantasmas! Se não ignorasses a origem do mal que «te punge, aprenderias o mysterio da eterna lei que «rege a natureza, e a partir d'esse dia gosarias a inex«tinguivel tranquillidade que provem do *nada,* onde «ninguem sonha!»

Sem assomos de falsa modestia nem impulsos de extemporanea vaidade, é força declarar, que com todos os seus innumeros defeitos alcançou o livro a rara felicidade de esgotar rapidamente a primeira edição!

A critica litteraria e jornalistica dignou-se offerecer-lhe o menos convencional dos seus louvores.

Successivas cartas, firmadas por nomes gloriosos, do Visconde de Castilho, Camillo Castello Branco, D. Antonio da Costa, Bulhão Pato, Teixeira de Vasconcellos, Thomaz de Carvalho, Luiz Augusto Palmeirim, E. Vidal e outros, provenientes mais da generosidade do opulento, que prodigalisa os seus thezouros, do que da justiça do critico, trouxeram á autora os primeiros jubilos da sua vida litteraria, foram como que os favos do Hymmeto que de antemão dulcificavam os travos da cicúta!...

Alem d'esses, vieram procural-a á obscuridade onde desabrocharam as suas pallidas rosas, como uma revoada de pombas, mensajeiras de affeições longiquas, os mais significativos e adoraveis testemunhos de sympathia!

Entre outros, e no meio de muitas cartas, quazi todas assignadas por nomes femininos, (revelação eloquente de que o prezente livro, embora não propozésse uma these, não hasteasse um novo estandarte nem consagrasse um genio, trazia no entanto a sobredoirar-lhe as imperfeições um raio do fecundo sol da juventude, uma fragrancia da *primavera da vida,* como lhe chama Metastasio, e vibrava por isso a intima lyra do coração da mulher!) especialiso uma que bordava aos meus pés um tapete de perolas, que me offerecia, em caçoleta de oiro e nácar, inebriantes perfumes orientais!...

*

A autora das ROSAS PALLIDAS, esperando diluir os gelos do inverno da vida, que se approxima, á chamma da amoravel epistola, guardou-a entre as que mais préza.

O perdulario de louvores occultava o nome e nem sequer revelava o sexo! Pedia em troca duas palavras de resposta no *Diario Popular*.

Infelizmente, não podia satisfazer-lhe o empenho quem por firme e invariavel propozito não responde nunca a cartas apócrifas, nem cultiva a correspondencia a vintem por linha.

Ingrata e desagradecida lhe chamaram decerto. Não é, nem esquece nunca; e a prova estampa-a aqui, ao cabo de quatro annos.

Deponho, pois, o meu modesto ramalhete no regaço da leitora, que vizivelmente descerrou para acolhel-o o cofre das suas boas graças.

Á critica do meu paiz, silenciosa como uma esphinge, invizivel como a providencia, glacial e impenetravel como a propria sabedoria, que provavelmente consome no estudo dos grandiosos problemas humanitarios, economicos, psychologicos e scientificos a possante vitalidade creadora, á critica, nada tenho que dizer.

O livro ROSAS PALLIDAS, placido, singelo, obscuro, deslisará desapercebido e morrerá ignorado.

A pouco mais aspira elle!

Ambiciona apenas um pequeno privilegio, simples, á primeira vista, mas raro no estranho tempo que atravessâmos; esse privilegio, com tão rara elegancia definido por madame de Sévigné, consiste em *deixar-se ler!*

Lisboa, 1877.

Guiomar Torrezão.

CELESTE

I

> O amor é a causa e o fim, é o resumo de todos os affectos humanos.
>
> A. HERCULANO.

> A amisade enraiza na fibra mais nobre do coração.
>
> C. CASTELLO BRANCO.

Ha nada mais delicioso do que assentar-se a gente, á sombra de uma arvore em flor, ao cair da tarde, ouvindo no campanario proximo o som demorado e melancolico das ave-marias?...

Na primavera, quando o laranjal rescende aromas inebriantes e o murmurio das brisas se confunde com o papear das aves implumes, qualquer jardim é um templo, cada flor um emblema e cada alma um thuribulo

d'onde se exhala o aroma que perfuma o grande altar da Creação!

Acompanhe-me o leitor, por uma tarde de primavera, onde vou conduzil-o e penso que se não arrependerá da digressão.

Estamos em Setubal, na cidadesinha dos laranjaes em flor, eternamente namorada pelo Sado que suspira beijando-lhe as plantas. Além do campo do Bomfim depararemos com uma excellente propriedade rural, sombreada por copadas arvores, vestida com latadas de flores trepadeiras e precedida por um alegre e aceiado pateo, cuidadosamente ladeado com vasos de porcellana, cheios de plantas de varias especies. Entrando no pateo, á direita, dava-se com a casa do jantar, ao rez do chão, mobilada sem a menor pretensão a luxo, mas evidentemente com um tacto e elegancia especiaes.

Na casa do jantar, dois homens, um velho e outro moço jogavam o xadrez. O velho, bem ao contrario do seu joven parceiro, seguia com a mais escrupulosa attenção as peripecias do jogo, emquanto este voltava a cada instante a cabeça, distraido pelas vozes de um piano que vinham da sala proxima.

Desenharemos com leves traços estas duas physionomias. O mancebo poderia quando muito contar vinte annos, e o velho não excederia sessenta. A sua cabeça, coroada de cabellos brancos, dava ao rosto naturalmente bondoso uma expressão austera. No olhar, que procurava o joven companheiro, espelhava-se a serenidade de uma alma pura de envolta com um extremo de sympathia que não carecia para revelar-se de maior manifestação.

O mancebo, branco e loiro, com os olhos azues e os labios escarlates, perfeitos labios de adolescente, apresentava o typo da belleza do norte temperada com a grave melancolia da feição peninsular.

Aos pés d'este ultimo via-se um enorme cão, Terra-Nova, espreitando os movimentos do dono com esse olhar affectuoso e intelligente que o cão tem de ordinario para o ente da sua predilecção.

Agora que temos visto a casa do jantar lancemos uma vista de olhos para a sala. Tudo quanto o bom gosto póde alliar á simplicidade continha aquella sala, alegre e perfumada como uma manhã de abril. Desde a estante de musica até á *étagère,* desde o album até á mais futil bagatella, em tudo se revelava esse *quid* que denuncia a existencia da mulher aos vinte annos, e que é como um perfume que ella deixa no menor dos objectos que toca. Duas portas de vidraça, abertas para o jardim, deixavam penetrar na sala o aroma dos jasmins, da baunilha que vestia as paredes com os seus ramos aveludados e das rosas que se desatavam em festões por entre a multiplicidade de flores que por todos os lados alastravam os taboleiros de verdura.

Tres senhoras occupavam a sala: uma edosa distraia-se folheando os albuns de desenho; as duas mais novas tocavam e cantavam.

Se houvesse de se conferir alli o premio da belleza seria difficil dizer a qual das duas meninas caberia elle; mas facilmente se reconheceria qual d'ellas se insinuava mais de prompto ao coração. A sua belleza, de genero

absolutamente diverso, resplandecia no entanto em toda a sua opulencia!

Eram duas creanças a brincar com a existencia, como a borboleta com a luz, duas cabeças adoraveis que Phidias tomaria para modelo e que apaixonariam Raphael!

Uma de cabellos negros, longos cilios, olhar profundo e melancolico, bocca breve e quasi seria, pallida como um lyrio, aeria como um sonho; suspendendo-se ás vezes a meio de um sorriso para olhar para o céo e ficar absorta em não sei que estranhas meditações!..

A outra, fartas madeixas loiras, olhos azues, luminosos e serenos como o firmamento, labios vermelhos e risonhos como as petalas de uma rosa de Alexandria, descerrados a todo o instante pela fina e metallica gargalhada que esconde a malicia do epigramma!

Ambas, cintura de vespa, pé microscopico e mão que com difficuldade abrangia a oitava do piano!

A primeira tocava um trecho da opera de Meyerbeer, a *Africana*. De repente, parando, envolveu a sua companheira n'um olhar malicioso e disse atravez de um sorriso:

—Não achas que tarda muito o comboyo?

—Má! volveu a outra, pensarias o mesmo se esperasses o teu Henrique...

—Afianço-te que o meu Henrique, como tu dizes, não se faria esperar tanto.

—Parece-me que tambem estás impaciente!...

— Talvez! Se é uma especie de heroe de romance esse senhor de quem se falla, que ama, que quer casar, e que

faz tudo isto sem nunca apparecer á gente! annunciando-se por fim, de repente... quasi á queima-roupa!

— Ora!... O teu Henrique conhece-o.

— Bem sei que o conhece; sei mais que lhe quer como a um irmão: lembras-te do que elle nos tem contado d'esse caracter extraordinario, mixto de alegria e de tristeza, excentrico, original, mas de uma generosidade sem limites?...

— Se me lembro!... suspirou a menina dos olhos azues. Manuel deve ter uma grande alma!

— Começas a amal-o, convenho; depois das cartas que entre ambos se teem trocado, era natural.

— Não são as cartas, creança!... Bem vês que o que Henrique nos tem dito é mais do que sufficiente para qualquer se sentir poderosamente attraido para esse homem singular, que se esquece de si quando se trata de minorar um infortunio, que até n'uma falta sabe ser grande, admiravel! que...

— E quem te assegura, disse a menina de olhar meridional, que Henrique não exagera? Bem sabes; quasi todos os estudantes são doidos uns pelos outros!..

— Henrique não mentiria tratando-se da minha... e por conseguinte da tua felicidade... acudiu Celeste com bondade. Henrique, com a nobre alma que tem, comprehende e admira tudo quanto é digno de ser admirado.

— Has de convir ao menos, volveu Helena sorrindo, que é muito original a maneira como esse senhor escolhe noivas! «Tenho sede de amor e não amo mulher alguma! Ando n'este mundo ao acaso, só e fatigado. És

a minha unica affeição, Henrique; queria casar com uma irmã tua e repousar n'um lar cheio de sorrisos e de promessas de tanta fadiga inutil!» Foram estas, pouco mais ou menos, as suas palavras.

Henrique não tinha irmã, continuou com uma expressão de indiscriptivel meiguice, tinha noiva, mas não podia nem queria cedel-a; a noiva, porém, possuia uma amiga, uma amiga com uma imaginação ardente e um coração de ouro! Henrique fallou d'ella com enthusiasmo ao seu amigo, e Manuel sentiu-se instinctivamente apaixonado pela imagem que a sua mente de poeta phantasiara tal qual é. Fez versos e creou idyllios para essa sylphide de olhos azues de que o seu amigo lhe fallava a todo o instante. Até aqui nada de muito extraordinario; mas de repente, e sem que o esperassemos, apparece o pae do noivo a pedir a tua mão para seu filho!...

Aceitaste, confiada nas palavras de Henrique, ou antes attraida por esse condão especial que leva umas para as outras as naturezas irmãs. Manuel adivinhou-te, tu comprehendeste-o...

Dizendo estas palavras, a voz de Helena era quasi triste; o seu olhar, até alli animado, pousou vago, pensativo, velado por não sei que mysteriosas sombras no rosto da sua joven amiga...

Todo este dialogo tinha sido a meia voz, em tom de confidencia.

Na edade em que a mulher, como diz Victor Hugo, tem o quer que é de ave, as suas fallas são como gorgeios; ha n'ellas o vago som de um harpejo; só mais

tarde, vibrada por estranho contacto, brotará do coração, lyra afinada pela juventude e doirada pela esperança, a suprema e grande musica que se chama Amor!

Ai! da pobre lyra, se o contacto lhe partir as cordas, se o epithalamio se converter em elegia!...

II

.... Esser conviene
Amor sementa in voi d'ogni virtute.
(Chan. 17.—DANTE.)

Volvamos ao passado.

Lancemos um olhar retrospectivo sobre a familia Menezes. O chefe, Guilherme de Menezes, depois de ter consumido longos annos e não poucos cabedaes nas peripecias fatigantes e inglorias da politica, peripecias que o levaram mais de uma vez a occupar uma cadeira em S. Bento, retirara-se por fim, cançado e envelhecido, á vida privada, circumscrevendo desde então todas as suas ambições ao doce remanso da familia. Ligado por duplos vinculos, de sangue e sympathia, a um irmão mais novo, pae de um filho da mesma edade de sua filha, via o ex-politico com paternal satisfação robustecer-se no convivio de todos os dias a affeição que unia as duas creanças. Aos doze annos, diziam já que Henrique e Helena eram noivos, sorrindo os dois para esse nome co-

mo se lhe comprehendessem o alcance! Aos dezaseis annos, Henrique partiu para Coimbra, exhalando seu pae, poucos mezes depois, o ultimo suspiro e recommendando á hora da morte á esposa e ao irmão o filho adorado, obrigando este a jurar que por forma alguma deixaria de unil-o á filha. Guilherme, prostrado por uma dôr immensa, ajoelhado á cabeceira do leito, jurou, regando de lagrimas essa mão hirta que se estendia ainda para a sua, que Helena não seria d'outro. O irmão reconhecido expirou entre um sorriso e uma benção.

Quando Henrique voltou a Lisboa, um anno depois da morte de seu pae, achou Helena extraordinariamente mudada. Já não ria tanto nem corria atraz das borboletas no jardim, mas em compensação accendera-se na profunda noite do seu olhar negro e melancolico o relampago da paixão, que se extinguia de subito na franja das pestanas! Henrique deixara uma creança e encontrava uma mulher, mulher que apenas começava a viver mas que já principiava a sonhar...

Foi com o coração opprimido e os olhos marejados de lagrimas que o moço tornou a ver a sua noiva; porém, a notavel belleza da donzella impressionou-o profundamente.

Os dois queriam-se com essa affeição purissima, toda sympathia e affinidades, que se prende ao berço, que mal se revela por entre as puerilidades da infancia e que só mais tarde, á luz do coração, sasona para desatar-se em fructos de bemdita dedicação.

Não é bem amor este sentimento mas tambem não é o que o mundo, na sua pomposa phraseologia, chama

amisade.. A sua essencia provém d'esses dois affectos e é como um laço entre elles, que ao menor capricho do coração póde apertar-se fundindo-os em um só.

Voltando a Coimbra, levou a alma de Henrique maior quinhão de saudades; antes de partir pediu a Helena que não abandonasse por um instante sua velha mãe, que a viuvez e ausencia do filho deixavam inconsolavel.

Algum tempo depois da partida de Henrique, novos e extraordinarios successos alteraram a tranquillidade da familia Menezes!

D. Anna de Menezes caiu gravemente doente, e não obstante os exforços da medicina e os cuidados extremosos da familia o mal, em vez de ceder, recrudescia, diminuindo, de instante a instante, as esperanças de salvação.

Era indiscriptivel a agonia de Helena em presença d'aquella respiração offegante, d'aquellas faces crestadas pelo calor da febre, d'aquelles labios lividos e ardentes, de todos aquelles fataes symptomas de que ia apagar-se a existencia da que lhe déra o ser!

Dir-se-ia que a vida se lhe suspendia dos olhos baços que as sombras da morte iam apagar de todo!

Quando a respiração parou e tudo emmudeceu para se ouvirem apenas os soluços abafados dos que rodeiavam o leito, que era já ataude, a donzella ergueu-se, muda como um phântasma, pallida como um cadaver, e caminhando para o leito funebre levantou o corpo de sua mãe nos braços, apertando-o ao seio com uma especie de furor apaixonado; depois, erguendo para o Christo de marfim um olhar, synthese de dôr, de sup-

plica e de ardente fé, assentou-se com o cadaver nos braços, immovel, absorta no abysmo da sua dôr, estranha a tudo o que a rodeiava.

Ao separarem-na do corpo adorado acharam-na hirta, gelada, quasi sem vida! Tão violento abalo moral trouxe comsigo o abalo physico.

Ao cabo de muitos mezes a mocidade triumphou do perigo, mas a alegria de Helena pareceu ficar para sempre sepultada sob a pedra do tumulo que fechára tudo que ella possuia na terra de mais precioso!

Logo depois d'esta morte, que lançou o luto e a desolação no seio da familia Menezes, recebeu Guilherme de Menezes um telegramma de Setubal, participando-lhe que o seu amigo, o barão * * *, se achava em perigo de vida e necessitava absolutamente fallar-lhe. Guilherme de Menezes, apesar de dolorosamente impressionado e abatido pelo golpe que experimentára, não lhe soffreu o animo delongas no acudir a um appello tão solemne. Partiu no mesmo instante e chegou ainda a tempo de recolher com o ultimo suspiro do fidalgo as suas derradeiras vontades. Aberto o testamento do barão, viu-se que legava toda a fortuna a Celeste, sua filha adoptiva, nomeando testamenteiro e tutor da menina o seu velho amigo, Guilherme de Menezes. Este, desejando evitar por algum tempo a vista dos logares onde tudo lhe avivava a memoria da que perdera, mandou vir toda a familia para Setubal. Foi alli que as duas meninas se abraçaram pela primeira vez, ligadas já de antemão pela mesma dôr e envoltas nos crepes da mesma orphandade.

Não tardou que as suas almas se unissem estreita-

mente, presas por essa irresistivel e poderosa sympathia que só conhecem os que padecem.

Celeste era para Helena o balsamo no intimo pungir da saudade, a irmã nos affectos, reflexo dos que perdera; Helena era para Celeste uma como revelação do amor de mãe, que só em sonhos entrevira, e cuja falta lhe deixára até alli desflorido o coração.

Completaram-se, pois, estas duas existencias uma pela outra, e quando Henrique chegou de Coimbra Helena apresentou-lhe Celeste, não como a pupilla de seu pae mas como irmã estremecida, impondo ao noivo que lhe estimasse tanto a irmã quanto ella a amava já.

III

Alors il se souléve..............
Et se frappant le cœur avec un cri sauvage,
Il pousse dans la nuit un si funébre adieu.
(A. MUSSET.)

Foi no regresso para Coimbra que Henrique travou conhecimento com Manuel de Athaide.

A este conhecimento seguiu-se uma profunda sympathia. Os dois moços, ambos no alvorecer da vida, cheios de nobres aspirações e generosos sentimentos, embora caracterisados nas suas distinctas individualidades por fórmas diversas, tornaram-se em pouco os amigos mais inseparaveis da Lusa-Athenas.

O caracter tibio e irresoluto de Henrique, o seu natural doce mas concentrado, carecia de amparar-se, como que de fortificar-se ao contacto de uma natureza viril, energica, apaixonada, rica de enthusiasmos generosos, como a de Manuel. Sympathia talvez igual á que leva a hera a enlaçar-se ao roble.

*

O ardor de commettimentos arrojados, de sentimentos apaixonados que superabundava no peito de Manuel escasseava no de Henrique.

E isto, que parece á primeira vista dever ser um obstaculo á união de duas almas, mas que é muitas vezes a causa unica d'essa união, foi o iman irresistivel que levou uma para a outra aquellas naturezas privilegiadas.

Manuel perguntava a Henrique como podia elle viver longe e separado da mulher que dizia amar com amor profundo e exclusivo. Henrique asseverava-lhe que esse amor, alimentando-se de si proprio, especie de fogo sagrado que lhe ardia na alma, illuminando-lhe a vida, não carecia da vista do objecto amado para lh'a encher de esplendores. A isto acudia Manuel protestando que se amasse assim uma mulher havia de passar a vida aos pés d'ella, cobrindo-os de beijos e flôres, doirando-lhe a existencia com o reflexo da chamma que lhe abrazasse o peito.

Como andam quasi sempre minguados, n'um *deficit* permanente, os cabedaes dos estudantes em Coimbra, sabe-o toda a gente. Havia muito que Manuel afagava na mente uma especie de ideal: juntar seis ou oito libras para fazer acquisição de uns livros de direito. Enviou-lh'as o pae, que lá de longe lhe presentiu o desejo, e o moço exultou. No mesmo dia escreveu para Paris mandando vir os livros.

Á noite saiu a dar um passeio até ao Largo da Feira: a noite corria tepida e perfumada; a lua occultava-se a espaços na franja de alguma nuvem fugitiva.

Manuel caminhava e pensava; immenso concurso de

povo assistia na Sé Nova á ladainha, cantada pelo sacerdote e acompanhada pelo orgão e vozes do povo. Manuel transpoz machinalmente, sem consciencia do que fazia, o portal do magestoso templo; descobriu-se e ficou por muito tempo immovel, avassallado não sei se pelo grandioso e sublime quadro d'aquella egreja inundada de melodias e preces, se pelo tumultuar dos pensamentos que lhe irrompiam em catadupa da ardente imaginação.

Á saida, alguem lhe tocou no hombro; voltou-se e deu de frente com uma mulher, moça e bonita, a despeito do desalinho do vestuario; a mulher inclinou-se e collando os labios ao ouvido d'elle, segredou duas ou tres palavras.

Manuel estremeceu; logo, dando o braço á mulher, atravessaram muitas ruas atravez das quaes ella o conduzia, até pararem em um becco, sujo e escuro, onde a lua introduzia a medo uma frouxa claridade.

Caminho andado, conhecera Manuel por algumas palavras trocadas que na mulher a quem dava o braço havia ainda um resto de pudor contra o qual luctavam influencias poderosas.

Vestia de escuro, o que dava um singular realce á alvura da pelle; os olhos negros e cavados scintillavam em dilatações febrís no rosto pallido e magro.

Depois de ter subido, seguida por Manuel d'Athaide, a escada ingreme e carunchosa, bateu á porta de uma miseravel mansarda; veiu abril-a uma creança maltrapilha, tendo estampados no rosto todos os indicios da fome.

— Trazes pão? foram as suas primeiras e anciosas palavras.

— Logo, respondeu a mulher; depois acrescentou, tremendo-lhe ligeiramente a voz:

— Onde está a avó?

— Deitou-se, volveu a creança.

A mulher olhou para o mancebo e indicou-lhe um banco, unico movel que se via n'aquelle quarto, allumiado pela luz vaga e indecisa de uma candeia velha: depois, pegando na mão da creança e dispondo-se a leval-a comsigo, disse para Manuel, com um sorriso que pertendia ser alegre mas que não passou de uma contracção dolorosa:

— Venho já!

Manuel ergueu-se e abeirando-se de um tabique que dividia o quarto em dois pavimentos, espreitou pelas fendas desconjuntadas. Eis o que elle viu e ouviu.

Deitada em pobrissima enxerga, envolvida em farrapos, gemia, estorcendo-se com dôres, uma mulher com as faces enrugadas e os cabellos brancos; de instante a instante tossia com violencia, comprimindo com a mão o peito que parecia despedaçar-se.

A mulher que attraira Manuel approximou-se da enxerga e ajoelhando, disse com voz carinhosa:

— Sente-se peior? Socegue... ámanhã virá o cirurgião. Logo ha de tomar um caldo. Dizendo estas palavras relanceou um olhar para onde Manuel esperava; depois, acariciando a creança:

— Pobre José! tambem vaes ter pão; agora deita-te, sim?

A criança deitou-se, abraçada á avó, e ficou-se immovel.

Manuel recuou e levou a mão á fronte que escaldava. Desapparecera de subito a impressão com que transpozera o limiar d'aquella casa; substituiu-a outra que o subjugou.

A mulher approximou-se d'elle e elle não a sentiu! Tocou-lhe no hombro e o moço quedou-se absorto; deu-lhe um beijo. Manuel estremeceu, levantou os olhos para a pobre rapariga e recuou descendo um olhar de profunda commiseração para tudo que o rodeiava; levou depois a mão ao bolso e depoz no solitario bánco todos os seus haveres. Logo, com voz impregnada em lagrimas, disse:

— Peça a Deus por mim e por si para que a afaste do crime.

E saiu como um relampago.

Chegada a occasião de pagar os livros, Manuel viu-se seriamente embaraçado; perseguido pelas vivas e reiteradas perguntas de Henrique teve de revelar o segredo.

Valeu-lhe no apuro a generosidade do seu amigo, que de então para o futuro começou não só a amal-o mas tambem a respeital-o.

Dos seus interminaveis dialogos, da mutua affeição que os ligava, nasceu o projecto que o leitor já conhece.

Agora volvamos ao começo d'esta veridica historia.

IV

Il y a des sons qui frappent le cœur avant de frapper l'oreille.

(G. SAND.)

Manuel era alto e pallido. Tinha os cabellos e o bigode da côr do ebano, os olhos grandes e scismadores, a fronte elevada e sulcada de umas linhas que poderiam parecer rugas, se a mocidade dourando aquella cabeça com todos os seus prismaticos fulgores não reclamasse tacitamente.

Vestia com esmerada elegancia mas sem vislumbres de affectação, e desde o nó da gravata até ao bico da bota tudo revelava n'elle o homem verdadeiramente distincto, que não recorre a artificios para impor-se porque tem de si para si a consciencia da sua superioridade.

Henrique e Guilherme de Menezes tinham ido esperal-o á *gare* dos caminhos de ferro. Foi pois o moço re-

cebido entre um aperto de mão cordealissimo e um abraço de sincera affeição.

Á sua entrada tudo se alvorotou em casa da familia Menezes. As duas meninas, tendo fugido da sala como timidas avesinhas, disputavam entre uma risada e um dito espirituoso qual reappareceria primeiro, sendo necessario para acabarem de vez com tamanhas hesitações que Henrique as fosse buscar, offerecendo-lhes o braço.

Manuel curvou-se respeitoso e atravez de um sorriso insinuante perguntou qual das duas meninas era Celeste.

Estabeleceu-se logo uma palestra animadissima em que o moço se distinguiu prendendo a attenção e captivando todos que o escutavam.

Fallou de Paris, onde tinha estado, accusando-lhe a par das bellezas os defeitos.

—É uma nação, dizia Manuel com voz vibrante, que hoje se levanta ébria e febril para adorar um idolo... de argila e ámanhã dá com elle em terra! Um povo enthusiasta até ao delirio, prompto a morrer por uma futilidade, a apaixonar-se por um nada; generoso até á loucura, audaz e altivo como a aguia que varre as nuvens! homens que deslumbraram o mundo com o seu 89; athletas que sustentaram nos hombros os destinos da Europa, mas capazes de os deixarem cair ao som de uma gargalhada e de afogarem ondas de lagrimas em torrentes de champagne! Eis pouco mais ou menos o que são os francezes.

— E da Hespanha, que pensas? perguntou Henrique.

—Ah! a Hespanha, nobre e generosa victima! Leão ha tanto accorrentado aos degraus de um throno man-

chado de sangue! Eil-a emfim que se levantou, forte como o direito, severa como a justiça, desmoronando o throno que se fizera patibulo, e reivindicando á face de todo o mundo a sua liberdade! Queira Deus inspirar esse povo para que a aurora da liberdade não seja o começo de uma nova escravidão. (1)

—E á Italia já foi, senhor Athaide? aventurou Helena.

—Sim, minha senhora, acudiu Manuel risonho e affectuoso. Percorri Florença, Turim, fui a Roma, á velha cidade das tradicções, mas de tudo o que mais me impressionou foi Veneza, a encantadora Nayade petrificada, chorando, debruçada para o golfo, as suas eternas saudades. Se V. Ex.ª lá fosse e visse a pallida mysteriosa, guardada pelo leão de S. Marcos, enorme, solemne e frio como a esphinge, havia de experimentar como eu experimentei uma sensação singular, cheia de sonhos, uma saudade immensa d'esses trezentos annos de opulencia cujos eccos moribundos suspiram ainda aquellas aguas do Adriatico!

Uma noite estrellada, transparente, harmoniosa, uma verdadeira noite italiana, lembro-me que me atirei para uma gondola e disse a Pietro o gondoleiro que me levasse sem destino pelo canal. Scismava, olhando para o velho palacio dos Doges, para a celebre *Ponte*

(1) Este livro saiu a publico em 1872, isto é ao tempo em que caiam os Bourbons, apparentemente para nunca mais se levantarem! Hoje lá estão outra vez em Hespanha! Caprichos da sorte!

dos suspiros, para toda aquella formosa decadencia; pareceu-me ver passar o vulto melancolico de Marino Faliero; depois, perdia-me a olhar para o golfo onde a lua desenhava arabescos de fogo. Cuidei que sonhava, embalado entre o céo e as aguas.....ouvia vagamente a canção veneziana que o gondoleiro cantava ao compasso dos remos. Repentinamente, não sei bem porque, despertei. Julguei ouvir um soluçar afflictivo. Voltei a cabeça; já nos ficava para traz uma gondola; vi ainda uma mulher que occultava o rosto com as mãos.

—Pietro, volta, quero saber porque chora aquella italiana.

—Rapariga, exclamei, logo que nos approximámos da gondola, o que é que te afflige?

A mulher, apostrophada assim, ergueu a cabeça com vivacidade. O luar bateu-lhe em cheio no rosto, admiravel pela pureza das linhas mas todo aljofrado de lagrimas. Se houvesse alli n'aquelle barco uma cruz tel-a-ía comparado á Magdalena; á falta de cruz lembrou-me a Venus de Ticiano.

—Quem é o *signor?* respondeu com a voz ainda quebrada pelos soluços.

—Que te importa saber quem sou? Dize-me porque choras, e se poder enxugarei as tuas lagrimas.

—Ah! *signor,* volveu a rapariga n'esse dialecto harmonioso que Byron diz que se solta dos labios de uma mulher como beijos e resôa como perolas sobre crystal, falta-me o dote para casar com o meu Jiacomo e o pae acaba de declarar que d'outra fórma não consente que o filho se case!...

— Quanto é o dote? perguntei logo, calculando os meus parcos haveres.

A rapariga disse-m'o, cravando em mim um olhar ancioso, ardente, um perfeito olhar de italiana.

Era uma quantia diminutissima!

Atirei-lh'a para a gondola e disse a Pietro que remasse.

— A benção da Madona o acompanhe! exclamou a rapariga caindo de joelhos.

— *Per Bacho,* patrão! acudiu o gondoleiro, a rapariga ha de dar parabens á sua fortuna pela hora em que se encontrou com *a excelenza!*

Poucos dias depois voltei para Roma, acrescentou Manuel com a voz commovida. Percorrendo a cidade eterna, no meio de todas as suas magnificencias, não esqueci nunca aquelle rosto de mulher inundado de lagrimas, pondo todo o seu futuro n'um pouco de ouro que qualquer teria dado ao mais futil dos caprichos.

Fez-se longo silencio.

A commoção, que o narrador debalde tentára esconder, communicára-se a todo o auditorio, particularmente ás duas meninas.

De repente, Manuel perguntou n'uma transição rapida:

— Já viram o tragico italiano, minhas senhoras?

Estou certo que lhes havia de fazer passar uma noite menos fastidiosa do que eu com as minhas historietas.

Todos protestaram a um tempo, tentando attraír de novo o narrador para o assumpto interrompido. Porém,

Manuel eximiu-se delicadamente, fugindo assim ao abandono das recordações que poderiam revelar o que toda a gente esconde como se fôra um crime, a sensibilidade!

Então Guilherme de Menezes discursou largamente ácerca das brilhantissimas theses sustentadas por Manuel de Athayde perante a faculdade que lhe conferira o grau de doutor, no que Henrique o secundou fallando com grande enthusiasmo do seu amigo e da Universidade. A tudo acudia Manuel com habeis evasivas, declinando toda a gloria e deitando-a á conta do seu amigo.

Ás seis horas annunciaram o jantar. A familia, precedida pelo enorme Terra-Nova, dirigiu-se para a sala do jantar. Depois do jantar seguiu-se um pequeno concerto. Henrique e Helena cantaram o dueto da *Martha*. Depois Helena cantou a aria da *Favorita*.

A voz da donzella ao pronunciar as palavras, *Ó mio Fernando,* tinha uma flexibilidade, uma pureza, uma ternura inexcediveis! A paixão d'aquelle canto, suavissimo como um gemido de rôla ferida, revelava-se não só na voz como no olhar, meigo e triste, preso a não sei que saudosa miragem!... Manuel estremeceu e quedou-se n'uma especie de enlevo contemplativo. Pareceu-lhe que era a primeira vez que o ouvia!

Quiz levantar-se e applaudir mas a voz expirou-lhe na garganta. Era profunda e real a commoção que o avassallava.

Aquella voz de mulher, cariciosa, limpida como crystal, impregnada de unctuosas doçuras, trouxera-lhe alli, n'um instante, a sua infancia, sua mãe que descera para

o tumulo quando elle ainda dormia no berço; as suas primeiras fantasias, todos os encantos e saudades da sua vida, todas quantas flôres ou espinhos brotaram da vereda que percorrera. Quando o canto cessou e o moço despertou como de um sonho esteve a ponto de cair de joelhos aos pés d'aquella fada, que evocára d'algum paraizo ignorado a torrente de melodias que o extasiára, e rogar-lhe que lhe não quebrasse o encantamento.

Dirigiu-se para o jardim receiando deixar ver a perturbação que o dominava. As flôres exhalavam ondas de perfumes, e a lua desenhava arabescos de fogo em todas as sinuosidades das alamedas, sombreadas pelo arvoredo.

Novo canto chegou aos ouvidos de Manuel e o chamou á sala. Celeste cantava a aria das joias do *Fausto*.

A voz da donzella, pequena mas argentina e meiga, quebrando-se em cadencias suavissimas, emprestava á musica de Gounod uma frescura deliciosa! Manuel ouvia-a com prazer, mas pensava ainda no canto que por um mysterio inexprimivel lhe trouxera á memoria sua mãe. A primeira voz deixára-lhe eccos na alma, a segunda expirava-lhe ao ouvido! Instinctivamente o moço ergueu os olhos e cravou-os em Helena. Cruzaram-se como dois relampagos as vistas de ambos.

Helena dirigiu-se para Henrique com os labios abertos por um affectuoso sorriso e curvando-se para elle fallou-lhe em voz baixa.

Correspondendo ás vivas instancias de Guilherme de Menezes e aos rogos do seu amigo, Manuel consentiu em demorar-se algum tempo; poucos dias foram preci-

sos para que a mais cordeal familiaridade se estabelecesse entre o hospede e os seus hospedeiros.

Um dia Helena e Celeste lembraram-se de pedir a Manuel para que lhes escrevesse nos albuns.

Este escusou-se, affirmando que os seus versos não pertenciam ao numero dos que Chateaubriand denominava *litteratura lá de cima,* antes eram umas aleijadas rimas que os albuns haviam de espancar se ousassem invadil-os.

Já sem esperança de obterem versos pediram uma linha em prosa. Manuel tomou o album de Celeste e escreveu rapidamante:

— *O ceu espelhou-se-te no olhar, que é ainda um reflexo da alma: tudo azul!*

Com o album de Helena nas mãos, hesitou um instante; depois, cedendo a um movimento precipitado escreveu:

— *Ai! dos corações que se abrazam na sede do impossivel!*

Helena leu, e sem comprehender o mysterio d'aquellas palavras córou muito.

V

> Je porte ce qui ne peut se porter, et mon cœur est toujours près de se briser dans ma poitrine.
>
> (HEINE.)

Todas as tardes saía a familia Menezes a passeio; uma tarde, porém, que o vento soprava muito forte as senhoras não quizeram sair. Henrique deu o braço a Manuel e ambos deliberaram dar um extenso passeio. Depois de se haverem internado no centro da cidade, que é irregular, triste e pouco aceiado, tomaram pela extensa praia até Troino.

O leitor já foi a Setubal? Se foi ha de convir que a praia da pittoresca cidadesinha, com quanto deixada ao abandono, é uma das mais bellas de todo o reino. Dominando-a, inclinado para ella como um velho guerreiro, vê-se o castello de S. Filippe, atalaia posta alli pelos

Filippes em 1631 e que mais tarde vomitou ondas de fogo no desastroso ataque do 1.º de maio de 1847.

Na espalda da penedia que ondula ao sobpé do rio surge o forte de Albaquel e a torre de Otão, recortando as suas negras ameias no fundo azul do firmamento, em quanto a crista da altiva e alcantilada serra da Arrabida embebe nas nuvens as suas agulhas de granito, erguendo-se sobranceira á paisagem.

Quando o rio, cançado de suspirar, se levanta offegante, convulso, ameaçador, rugindo, ennovelando-se e rebentando em niagaras de espuma que vão amortalhar as rochas com o seu immenso lençol côr de neve, é ainda mais encantadora a perspectiva!

Os dois moços seguiram á margem do rio.

Depois de longo silencio em que o pensamento de ambos viajava sem duvida pelo paiz dos sonhos, Manuel disse:

—Tive hoje carta de meu pae.

—Não te diz quando tenciona voltar a Setubal? perguntou Henrique.

—Não; pede-me simplesmente que vá a Lisboa para tratarmos...

—Dos arranjos para o teu casamento, não é assim? acudiu Henrique afagando a intelligente cabeça do cão.

—Sim... sim... Ouve, Henrique, volveu Manuel, dando á voz e á phisionomia uma expressão solemne, pensas que serei feliz?...

—Oh! duvídas?!...

—Tu não sabes ainda, amigo, de que singulares aberrações se compõe o meu caracter!... interrompeu Ma-

nuel. Vês aquella nuvem franjada de oiro, rendilhada como um capricho de fada mas que dentro em pouco ha de esvaecer-se como fumo? Assim ás vezes se desfazem as minhas fantasias, ou antes as minhas esperanças!...

Em mim ha a saciedade precoce, porque veio antes do goso, e é ella que me enferma espirito e coração! Perante estes olhos cansados de interrogar o ignoto, o impenetravel, o immenso, ha só talvez uma realidade consoladora; na terra, as cinzas de minha mãe, no céo a sua alma que manda á minha uma gota de balsamo para cada dôr!...

D'esta saciedade cruel irrompem ás vezes sedes que me abrazam, mas que se não satisfazem nunca! Sou Tàntalo de mim proprio! O padecer na minha naturéza, Henrique, é innato; não vem da sociedade nem dò acaso; tem a sua origem no desequilibrio d'esta natureza extravagante, defeituosa, incomprehensivel!...

Noto a tua admiração, Henrique; vaes dizer-me que sou ingrato para comtigo e para com Deus, que me lastimo no momento em que tudo me sorri, que duvido quando tudo me manda crer!...

—Só te pergunto uma coisa, murmurou Henrique com inflexão triste. Não amas Celeste?

—Celeste! volveu Manuel fazendo-se pallido e tremendo-lhe a voz. Porque não hei de amal-a? Ella que é tão digna de ser amada!...

—Então se a amas, como eu amo minha prima, e ella partilha o teu amor, da mesma fórma que Helena corresponde ao meu, o que te falta para ser feliz?!

—Sim... tens razão... balbuciou Manuel, dei-

xando pender a cabeça no peito e exhalando um suspiro. Eu devo ser feliz; se o não sou a culpa é só minha.

— Manuel! exclamou Henrique com indizivel doçura, apertando entre as suas as mãos do amigo. Para que te deixas vencer pelo desanimo, tu que és tão forte, que pódes ser tão feliz? Pois não tens em ti bastante energia para reagir contra essa duvida impia e dolorosa que te esmaga o coração?! Não me asseveravas tu que o amor e o casamento haviam de transfigurar-te? que os gelos da tua alma havia de diluil-os o olhar de uma mulher?... Bem sabes, dentro em tres mezes, o mais tardar, estarei casado; é necessario que te cases no mesmo dia. Uma esposa terna e dedicada como Celeste será o *fiat lux* das tuas trevas. Peço-te, meu amigo, casa o mais breve possivel!...

Não respondes, Manuel! acrescentou Henrique em vista do silencio do seu interlocutor.

Manuel olhava para o céo e para o mar que ao longe se confundiam na grande bruma da noite.

Cobria-lhe o rosto uma tristeza profunda.

Baixou os olhos, e envolvendo o seu amigo n'um olhar demorado e affectuoso murmurou com voz concentrada:

— Obrigado, Henrique, tens razão; devo casar; a menor delonga póde ser funesta! Estou fatigado; se te parece voltemos.

No caminho até casa pouco mais disseram.

Henrique absorvia-se todo n'uns risonhos enlevos que lhe entremostravam para si e para o seu amigo dias côr de rosa, horisontes banhados na luz das auroras.

Manuel descia ao abysmo da sua alma e n'elle afogava a torrente de pensamentos e sensações que se lhe despenhava do cerebro.

Um penetrava no ideal e dilatava-se na plenitude da luz; o outro descera até á realidade e sentia cravarem-se-lhe no coração as suas recurvadas garras!

Para um a existencia abria em sorrisos; para o outro fechava-se n'uma agonia surda e obscura!...

É assim a vida!

Uma eterna antithese! muitas vezes extravagante e quasi sempre dolorosa!

VI

O rio vinha suspirar-lhe aos
pés com o sussurro de um beijo.

(V. HUGO.)

Havia já dois mezes que Manuel habitava a casa da familia Menezes. Duas vezes tinha ido o mancebo a Lisboa demorando-se apenas um dia; era raro sair só; dir-se-hia que toda a felicidade para elle se resumia em viver n'aquella casa, e todavia o seu rosto estava cada vez mais pallido e triste! A tristeza de Manuel parecia ter-se communicado ás duas meninas.

Celeste perdera a côr das faces e o sorriso dos labios. Helena absorvera-se de todo nas suas meditações.

Celeste deixára de ser o rouxinol que despertava a familia com os seus gorgeios; aborrecera o canto e esquecera o piano que se conservava fechado. Os seus bellos olhos azues, tão limpidos outr'ora, mergulhavam n'uma especie de sombra que lhes escondia a luz. Gui-

lherme affligia-se e inquietava-se com a extraordinaria mudança. Henrique empregava todos os esforços para tranquillisal-o, asseverando-lhe que tudo eram symptomas naturalissimos do amor que Celeste sentia por Manuel e que a transformára tão de subito de creança em mulher. Em Helena, naturalmente pensativa, não offerecia a tristeza motivo para reparos.

A dedicação das duas amigas afrouxára, mas a confiança expansiva que unira até alli as suas almas não tinha diminuido.

Não se passava um só dia que Henrique não alludisse á sua proxima união. Manuel, porém, encontrava sempre evasivas para furtar-se a esse melindroso assumpto.

Henrique pensava de si para si que Manuel, o moço livre, versatil, amante do bulicio e variedade, assustava-se com a idéa de encadear a sua vida, de escravisar o destino, até então independente, aos pés de uma mulher.

Achavam-se as cousas n'este estado quando a familia Menezes recebeu convite para um *pic-nic* organisado por algumas familias das suas relações.

Guilherme de Menezes aceitou, desejoso de proporcionar distracções ás suas *rêveuses,* como lhes elle chamava.

No dia aprazado, tres botes esperavam ao sobpé da praia das Fontainhas a jubilosa comitiva. Depois de alguns minutos, os botes vogavam no Sado deixando na passagem um listrão de prata.

O céo de um azul purissimo disputava primazias

ao rio, transparente e limpido como um espelho. O sol erguia-se resplandecente do oriente e espalhava com a prodigalidade de um deus os seus vividos raios. Celeste e Helena sentiam-se verdadeiramente encantadas perante aquelle delicioso espectaculo e conversando alegremente seguiam com a vista a revoada de gaivotas que vinham molhar a extremidade da aza na superficie do rio e iam depõis enxugar ao sol as pennas humidas.

Henrique estava louco de alegria; fallando ora com seu tio ora com Manuel relanceava de qúando em quando olhares de ineffavel ternura para a noiva.

O proprio Manuel parecia menos preoccupado; sentado á pôpa do bote governava o leme com destreza.

De quando em quando uma orchestra de amadores juntava á harmonia da natureza a harmonia da musica. O programma do *pic-nic,* redigido pelas senhoras e sanccionado pelos homens, rezava assim:

«Almoço na torre de Otão, jantar na lapa de Santa Margarida, e merenda, com honras de ceia, no Bom Jesus da Arrabida.»

Depois do almoço recitaram-se versos e palestrou-se agradavelmente; em seguida, tornaram a embarcar, risonhos e loquazes como estudantas em ferias, vogando rio acima. O Sado parecia brincar com os barquinhos que deslizavam no crystal das suas aguas, côr de lapis-lazzuli, como cysnes. Os proprios barqueiros, notando a profunda incompatibilidade do Stygio com o Sado, caprichavam em apresentar-se ao revez do bilioso Charonte, isto é associavam-se d'alma e coração ao jubilo dos passageiros, fallando e cantarolando como possessos!

Uma cousa que me impressiona sempre é a improba fadiga a que se dá para adquirir um pedaço de pão negro o pobre homem do mar!

Á mercê do vendaval, n'um fragil madeiro batido pelas ondas e açoutado pelo furacão, filho e escravo do temivel elemento, sua unica fonte de receita e sua provavel sepultura, o marinheiro tem necessariamente de levantar os olhos para o céo no momento em que a terra parece abandonal-o e o mar ameaça engulil-o!

É talvez por isso que uma vez embarcados, sentindo não sei que piedosa sympathia por aquelles rostos tostados, molhados pelo suor do trabalho, que nos fallam no seu dialecto peculiar, todos conversamos mão por mão com elles, como se de ha muito os conhecessemos, absolutamente deslembrados de distancias sociaes e pensando só que a nossa existencia depende até certo ponto da sua vontade.

A comitiva desembarcou no Fortim, disposta a guindar-se (se permittem a palavra) até á Lapa de Santa Margarida.

Henrique deu o braço a Helena, Manuel a Celeste, Guilherme a sua cunhada, e assim successivamente.

A ascensão difficilima, por um terreno caprichosamente accidentado, cortado a cada passo de despenhadeiros, debaixo de um sol perpendicular, deixou extenuadas as senhoras e fatigados os homens.

Mais uma vez a *bête* do conde de Maistre fez sentir ao espirito o seu ascendente. A ruidosa caravana apenas chegada á poetica Lapa não fez mais do que acampar

em pleno chão e tratar do repasto exigido imperiosamente pelo estomago.

O leitor, que não necessita no momento dado de obedecer á *bête,* nem está cansado, a não ser da leitura d'estas paginas, admire commigo a maravilha da creação que se offerece ás nossas vistas.

Uma especie de gruta, talhada na rocha em fórma de abobada e tão providencialmente escondida que dir-se-hia habitação mysteriosa de alguma nayade ou genio fluvial. Da rocha, negra e escalvada, pendem como fios de crystal estalactitas, o que dá ao tecto da gruta a apparencia de um templo cravejado de diamantes! Ao fundo da gruta via-se em altar rude e desenfeitado, mas imponente na sua singeleza, a imagem de Santa Margarida.

Sente-se a alma ajoelhar, penetrada de respeito, no limiar d'aquelle recinto onde o dedo do Creador sellou mais um prodigio da creação!

A physiocracia alli manifesta-se eloquente e poderosissima; e o homem, atomo perdido entre o céo e a terra, recua assombrado mais do que nunca pela consciencia da sua inferioridade.

O espirito, porém, eleva-se perante a manifestação grandiosa do infinito e adora a magestade que tanto se revela no Sinai, coroada de fogo, atravez do estridor do trovão, como na pungente agonia do Calvario, e que surge alli, visivel e omnipotente, n'esse fragmento de granito suspenso sobre o mar!

Depois da refeição, senhoras e homens passaram em minuciosa revista todas as sinuosidades da gruta.

Estabeleceu-se espirituosa pratica.

— Talvez não saibam, observou Cesar, mancebo de fino trato com pretensões a conquistador, que as mulheres da localidade attribuem ás estalactitas que estamos vendo uma virtude singular...

— Qual? perguntaram as *touristes* a um tempo.

— A de as fazer casar cedo.

Vem aqui todos os annos em religiosa romaria raparigas de Palmella, Azeitão, Cezimbra, Quinta do Anjo e de todos estes arredores; é curioso então vêl-as de bocca escancarada e olhos em alvo, esperando anciosas que lhes cáia em cima da lingua a gota d'agua maravilhosa que não dá a juventude perpetua mas que promette um noivo. A proposito, lembra-me uma engraçada historieta que uma d'ellas me contou a ultima vez que aqui estive, com referencia a um alegre par que attraía as vistas. Aposto que o senhor se está regosijando com aquella alegria? disse-me uma graciosa rapariguita indicando o grupo. Pois olhe que alli onde os vê já andaram bem desavindos; se não fosse a santa... por isso elles cá vem todos os annos.

A observação aguilhoou-me a curiosidade; pedi á rapariga a chave do enigma. Ella sorriu, mostrando uns bonitos dentes, e volveu de prompto: Lucia é o nome d'aquella moça, uma das mais guapas de Cezimbra, onde assiste; por signal que somos visinhas. A rapariga vivia como o peixinho n'agua em companhia do pae e dos irmãos, todos pescadores, até ao instante em que começou de amores com o Antonio Lesto, dono de um bata-

réu, (1) com fama de ter bons vintens e mocetão perfeito, como o senhor vê. Mal principiaram os amores acabou a alegria de Lucia; aquillo foi como se lhe tivessem dado mau olhado, salvo seja; já não fallava com as amigas e pouco se lhe dava encontral-as. Não era isto por soberba; Lucia era incapaz de tão ruim peccado; o que é certo é que desde que pozera olhos no Antonio dera na rapariga uma tal molestia que lhe fez brancas como um papel as faces, até então vermelhas como cerejas! O pae e os irmãos, attrellados á lida diaria, não davam pela mudança de Lucia; as amigas, porém, que apesar de tudo lhe queriam muito, foram ter com o Lesto e botaram-se a perguntar-lhe se elle não fazia tenção de casar com a Lucia. Elle voltou-nos as costas e nada respondeu. A pobresinha cada vez mais se mirrava; era uma dôr d'alma vêl-a!

Deu-se o caso n'um domingo em que havia baile de roda em casa do Lesto pai. Fomos todas: Lucia não faltou. Estava a casa cheia. Antonio Lesto foi buscar a Lucia para brincarem juntos.

Começou o baile de roda. Lucia era quem devia cantar, e cantou que parecia um rouxinol, deitando para o Antonio Lesto uns olhos cheios de ternura:

> Costumei tanto os meus olhos
> A namorarem os teus,
> Que de tanto confundil-os
> Já nem sei quaes são os meus!

(1) Bote.

N'este baile, como o senhor sabe, mudam-se os pares; o Lesto foi bailar com uma moça de Setubal, bonita e bem vestida que parecia uma imagem.

Então a moça olhou para a Lucia, assim como quem a queria comer com os olhos, e cantou em ar de arremesso:

Eu fuì quem pizei a neve
Sentada no bataréu:
Atraz de lindos amores
Andas tu e ando eu.

O Antonio largou a rir e deitando-lhe o braço á roda da cintura giraram ambos como dois peões.

Repentinamente ouviu-se um grito; corremos todos!

Lucia estava caida por terra com um vadagaio! (1)

Levaram-n'a em braços para casa, e o brinco, como o senhor está ouvindo, acabou em chorinco!

No dia seguinte Lucia ardia em febre e era um nunca acabar de dizer cousas sem tom nem som; choravamos todas ao pé da pobresinha, que tinha as faces arroxeadas pela febre; e maldiziamos os causadores de tanto mal.

Ao cabo de um mez Lucia estava livre de perigo, mas mettida em tamanha tristeza que fazia vontade de chorar! O Antonio não havia vêl-o!

Chegou o dia da romaria a Santa Margarida e todas as raparigas combinaram levar Lucia, por força

(1) Desmaio.

ou por vontade, fazel-a rezar á santa e engulir a agua milagrosa.

A doente negou-se a satisfazer-nos, mas tanto ateimámos que não teve remedio senão dizer que sim.

Veio embarcada até ao Fortim e do Fortim á Lapa ao collo. Rezou, e tinha apenas engulido a agua quando todas vimos o Antonio Lesto cair-lhe aos pés arrependido e cheio de amor.

D'alli a quinze dias estavam casados.

São muito felizes, como o senhor póde ver, e devem tudo á santa que abençoou a união d'elles dando-lhes aquellas duas lindas pequerruchas.

Concluindo a sua narração, a rapariga afastou-se enxugando uma lagrima.

Cesar calou-se, e cada um commentou a seu sabor o que acabára de ouvir.

— É sempre onde se manifesta mais ardente o amor é na alma d'estas singelas filhas do povo! observou Manuel.

— E onde ha tambem todas as superstições de que nós, os filhos das cidades, zombamos, ao passo que damos credito a ridiculas puerilidades! acudiu Henrique. Ponhamos hoje de parte a nossa individualidade, acrescentou o moço sorrindo. Abdiquemos no seio d'este rochedo. Proponho um alvitre: Que todas as meninas aqui reunidas imitem as supersticiosas alemtejanas.

A lembrança foi recebida e approvada com enthusiasmo.

Tres pessoas só permaneceram silenciosas: Celeste, Helena e Manuel.

Todas as juvenis senhoras ergueram-se jubilosas, chilreando como um bando de passarinhos ao repontar da alvorada.

Henrique abeirou-se de Helena e pediu-lhe, risonho e meigo, que seguisse o exemplo das suas amigas.

Ainda que, concluiu, não me parece que careças do patrocinio da santa.

Manuel não ouviu mas adivinhou as palavras de Henrique; fez-se pallido; logo, visivelmente contrafeito, offereceu o braço a Celeste.

Celeste respondeu-lhe apenas com um leve gesto de cabeça, e sorrindo melancolica reuniu-se ás outras meninas.

O olhar das duas amigas cruzou-se como um relampago.

N'aquellas duas almas de mulher passava-se o quer que era de mysterioso! Alguma cousa, talvez, da saudade de Graziella, do delirio de Ophelia, da paixão de Julietta, da agonia de Desdemona!...

Algum desmoronamento intimo sem que a mais leve contracção dos musculos o denunciasse; ondas de lagrimas que refluiam ao coração esponjidas pelos labios que mentiam sorrindo!

E dizem-te fraca, mulher! Tu que tens força para consummar no obscuro e ignorado altar do peito dilacerado holocaustos heroicos!...

Tu, que te levantas tanta vez depois das tempestades da paixão que ameaçam apagar-te a luz do entendimento, serena, altiva, immaculada como a estatua da innocencia!...

E ainda ousam esses que lhe bordam o abysmo de perolas, attraindo-a com seducções mephistophelicas, ainda ousam esses, que lhe arrancam brutalmente da fronte intemerata a grinalda de lyrios e açucenas, chamar-lhe fraca!...

Não derivará porventura da força d'elles a unica *fraqueza* imperdoavel, e da *fraqueza* d'ellas a unica força digna dos respeitos e admiração do mundo?...

VII

«O now, for ever,
Farewell the tranquil mina! farewell content!»

Othello — SHAKSPEARE.

Guilherme de Menezes lembrou que era tempo de deixar a Lapa pelo Bom Jesus da Arrabida.

Á medida que se adiantavam na ingreme e tortuosa vereda, onde não podem transitar duas pessoas a par, tornava-se mais penosa a ascenção. O solo escabroso, irregular, erriçado de pedregulhos, cortado de despenhadeiros, obrigava as senhoras a escorregarem a cada passo.

Meio caminho andado, a vereda aberta na rocha, até então arida, despovoada de toda a especie de vegetação, começou a deixar vêr de espaço a espaço algumas plantas silvestres. Medronheiros que a juvenil caravana atacava despiedosa arrancando-lhes os acerejados fructos, pilriteiros, azinheiros, roseiras bravas, tudo formava espessas e emmaranhadas sebes onde os vestidos das se-

nhoras como estandartes da homerica façanha, deixavam evidentes despojos. Passando por uma matta de congostas que cobria a garganta de um enorme precipicio, Helena curvou-se e diligenciando colher uma das flôres collocou distrahida o pé sobre um fragmento calcáreo que resvalou, arrastando-a na queda.

Manuel que lhe seguira os movimentos com olhar receioso, soltou um grito de angustia e correndo com impeto doido conseguiu suspender Helena pelo vestido.

Henrique imitou-o; porém, Manuel, antecipára-se e quando Henrique chegou, elle, extenuado, pallido, tremulo de commoção e orgulho, confiava Helena aos braços das suas amigas, mortas de susto.

Celeste abraçou Helena com apaixonado transporte, occultando no seio d'ella duas lagrimas ardentes.

Depois de breve repouso, restabelecidos do susto que experimentaram, continuaram subindo a vereda já menos ingreme e mais ornada de verdura.

Manuel ficára para traz.

As duas amigas, dominadas pelo mesmo pensamento, obedecendo ao mesmo sentir, voltaram a cabeça.

Manuel estava de joelhos; quasi suspenso sobre o despenhadeiro tentava apoderar-se da flôr que Helena deixára cair na afflicção da queda e que se enredára no arbusto.

Instinctivamente, sem consciencia do que faziam, Celeste e Helena estenderam os braços e soltaram um grito unisono e penetrante.

O mancebo ergueu-se risonho, já com a flôr entre os

dedos, e mais rapido que o pensamento escondeu-a no peito.

Correram todos a saber o que motivára o grito de susto que lhes soára aos ouvidos.

Helena e Celeste, vermelhas e confusas, desculparam-se com a desigualdade do terreno que as fizera de novo pôr o pé em falso; depois do que trocaram um olhar e um sorriso.

Chegados ao mosteiro, ruinas silenciosas e abandonadas onde outr'ora ajoelhou o frade e onde hoje só demoram os passaros noctivagos ou os reptis, os visitantes dispersaram em grupos, examinando e admirando tudo o que havia digno de ser admirado.

Era espectaculo para vêr-se, o d'aquellas cabeças cheias de alegria e mocidade, curvando-se para transpôrem o ádito das cellas, sombrias, tristes e miseraveis como um calabouço!

Um testemunho vivo de cilicio, de meditação, de desprendimento da terra contrastando em tudo com aquella juventude buliçosa, feliz e preza ao mundo pelos doirados laços do amor e da esperança!

Atravez d[illegible]rredores longos e humidos, no meio d'aquelle edificio gelado como um tumulo, parecia ouvir-se ainda suspirar o derradeiro ecco dos psalmos, e a cada passo cuidava-se deparar com o austero monge, absorvido nos piedosos extasis da oração!...

Singular capricho este da fantasia que do pó das ruinas levanta extinctos vultos e evoca com elles, ao sabor da imaginação, as scenas do passado que mais vivas impressões despertam!...

O silencio profundo d'aquelles muros derrocados, perdidos entre a terra e o céo, só poderia, só deveria ser interrompido pela linguagem imponente da tempestade! A tantas vozes de homens evocando a Divindade era força que succedesse o clamor do vento, melancolico como um adeus, e o rugido da vaga quebrando-se contra os rochedos.

A voz da creatura emmudecera perante a voz da Creação!

O monge sumira-se arrebatado pela garra de fogo da revolução; porém, a cruz ficára de pé, a cruz, erguendo alli, do seio arido e despovoado das ruinas, os seus braços para o céo!

Em torno do mosteiro as plantas enleiavam-se e bracejavam n'uma vegetação fecundissima. O rosmaninho crescia entrelaçado com as giestas, a madre-silva brotava aos cardumes confundida como os fetos, com os malmequeres, com toda a especie de plantas silvestres.

Helena, sentindo instinctivamente a imperioza necessidade de estar só que em certas disposições do espirito produz em nós a contemplação da natureza, separou-se do grupo. No cairel da rocha debruçou-se encarando o abysmo. Havia voluptuosidade triste mas irresistivel na fascinação que lhe prendia o olhar.

A cidade, vigiada pela enorme serra que defronta com a de Palmella, recortava-se aos seus pés em vistoso amphitheatro de jaspe sobre tapetes de verdura.

«Um rochedo em que eu me sente ao pôr do sol, na gandra erma e selvagem, escreveu Garret, diz-me cousas

*

da terra e do céo, que nenhum outro espectaculo me diz na natureza.»

Ha com effeito na cumiada de uma enorme mole de granito como que uma atmosphera superior que nos engrandece e eleva acima da materia; o espirito depura-se, crystaliza-se e parece querer evaporar-se da urna de argilla para remontar-se ás espheras luminosas!...

Helena experimentava essa sensação.

Com o olhar perdido na immensidade do horisonte, suspenso do pensamento que fugia, livre, harmonioso e altivo como o condor, esquecera tudo que a rodeava. Namorada de uma idealidade seductora abandonára completamente a vida real e todos os seus dolorosos attrictos. Repentinamente, estremeceu como se lhe houvessem applicado a pilha galvanica, e por uma d'essas singulares attracções que ninguem explica mas que todos sentem uma vez na vida, voltou a cabeça.

Ao pé d'ella, contemplando-a com profundo enternecimento, estava Manuel.

VIII

«Este inferno d'amar!...»

GARRETT—*Folhas cahidas.*

Encontraram-se as vistas de ambos e ambos ficaram absortos n'um mudo embevecimento, n'essa especie de sonho delicioso e sobrehumano em que a vida abandona o corpo para refluir toda ao coração e aos olhos!

O sol descaia no occidente e enviava ás frontes de ambos os seus beijos de fogo, cingia-as com uma aureola de ouro e purpura. A seus pés marulhava o oceano, profundo e insondavel, subindo do abysmo o rumor que se confundia com o murmurio doce e triste da viração.

Uma voz mais poderosa que a do amor, a voz da consciencia insinuou a Helena que era perigosa e impossivel a prolongação d'aquelle estado, que era forçoso a todo o transe saír d'elle: chamando, pois, toda a coragem em seu

auxilio e simulando uma tranquillidade que estava longe de experimentar, disse:

— Ainda lhe não agradeci o que por mim praticou. É-me extremamente agradavel dever-lhe a vida, e... embora a minha gratidão de nada valha, nem por isso deixa de existir profunda e infinita.

Manuel curvou-se mas não respondeu uma palavra.

Helena córou muito e cada vez mais enleiada acrescentou, quasi sem ter consciencia do que dizia:

— Não acha que é grandioso o panorama que se desenrola aos nossos pés?

O mesmo silencio da parte de Manuel, que inclinou a cabeça affirmativamente.

— Parece que a alma aqui está mais perto de Deus...

— E mais longe do mundo que a crucifica! pronunciou o mancebo com inflexão solemne e mysteriosa.

— De que maneira diz isso! acudiu Helena subjugada pelo impulso do coração. É infeliz?... soffre?...

— Muito!... tornou Manuel tremendo-lhe a voz.

Estabeleceu-se novo silencio.

A propria natureza parecia ter emmudecido como preparando-se para o repouso da noute. Apenas o vento trazia de longe o ecco das fallas e das risadas dos grupos dispersos pola serra.

— Conhece esta flôr? aventurou Manuel tirando do peito a flôr da congosta. Ia-me custando a vida! É triste como a saudade!... Será a flôr do meu noivado.

— A sua flôr de noivado, volveu Helena, pallida e commovida mas diligenciando sorrir, ha de ser um ramo das

flôres de laranjeira que engrinaldarão a fronte de Celeste.

— A minha flôr de noivado, disse Manuel em tom funebre, ha de ser a flôr da mancenilha... a morte!...

— Manuel!... exclamou Helena louca, apaixonada, febril, deixando o sentimento irromper e trasbordar em torrentes de lagrimas.

Ouvindo esse grito que subira do coração aos labios n'uma onda de amor, esse grito que lhe revelava a suprema felicidade, Manuel oscillou como um ebrio e prostrando-se aos pés de Helena chorou as primeiras e santas lagrimas do amor, que brotára como uma chamma dos olhos que o allumiavam e cegavam como dois astros!...

Por um instante as duas crianças, deslembrados da terra, nos braços um do outro, no pincaro da alcantilada serra, viram entre-abrir-se o céo!...

— Helena! minha querida Helena! dizia Manuel em todo o delirio da paixão, como eu te amei desde o primeiro momento em que te vi!... Á tua voz ergui-me crente, transfigurado!... ¡Quiz ajoelhar-me a teus pés, beijar-t'os, agradecer-te a nova vida que me davas!... Quiz levar-te á sepultura de minha mãe e confessar-te ahi, ajoelhados ambos perante aquellas adoradas cinzas, este amor que me fôra luz e Providencia!

No meu delirio a duvida parecia-me uma impiedade, não a admittia sequer; mas de repente cahi esmagado sob o peso da realidade, fatalmente algemado á loucura do dever!...

— Pobre Celeste, que te ama tanto!... murmurou Helena com expressão de piedade affectuosa.

— Que me importa, se eu só te amo a ti?... exclamou Manuel cobrindo de beijos as mãos de Helena.

— E Henrique?... acudiu Helena, desprendendo-se dos braços do amante e cravando n'elle o olhar cheio de interrogações.

— Pensemos só em nós, volveu Manuel apertando Helena ao peito. Sejamos só d'este amor que Deus abençoa...

— Não, Manuel, disse Helena recuando com relampagos de altivez na voz e no gesto, Deus não abençoa os traidores, Deus não protege o perjurio! Que de lagrimas não custariam as nossas alegrias se fossemos tão crueis que as aceitassemos por esse preço!...

Pois teriamos nós coragem para despedaçar duas vidas a troco da nossa vida?... para construir o lar da felicidade com os restos palpitantes e dilacerados de dois corações?... Pois haviamos nós de calcar aos pés o dever, a amizade, a lealdade, a consciencia, e sobre tudo isso, que é sagrado, erguer o altar sacrilego e collocar o idolo profanado?!...

Não, Manuel, isso nunca! continuou Helena erguendo a fronte resplandecente e inspirada. Eu sei que repugna á nobreza da tua alma o que o amor, louco ás vezes, te fez dizer.

Elle escutava-a silencioso, extatico, triste mas resignado.

— Sabes tu por ventura quantas vezes tenho eu

ajoelhado no sanctuario das minhas ignoradas dores a pedir a Deus forças para a luta?...

E no entanto duvidas!... Leio-o no teu coração, exclamou cravando em Manuel um longo olhar.

Não crês na immensidade do meu amor porque em vez de descer eleva-se! Tu que possues uma alma forte, cheia de nobres aspirações, abandonas a minha que vacilla n'este lance supremo!... Tem dó da minha fraqueza, Manuel; ampara-me com a tua generosidade; sê grande, sê sublime e talvez que a consciencia me perdôe ainda. Bem sentes que te adoro, que obedecerei a um gesto teu como escrava submissa, que as tuas palavras vão decidir da minha vida, que entre a virtude e o crime está apenas a tua vontade; digo-t'o, porque sei que has de compadecer-te de uma pobre mulher que não sobreviverá ao remorso... Não respondes, Manuel?!... proseguiu, apertando-lhe as mãos com phrenetico ardor, com a voz estrangulada pelos soluços. Morrâmos juntos, queres?... O mar ruge lá em baixo, chama-nos talvez; precipitemo-nos e tudo acabará!

Dizendo estas palavras Helena tinha os olhos desvairados e as faces coloridas pela febre; com as mãos convulsas attraia Manuel para o despenhadeiro.

O sol mergulhára no oceano deixando no horisonte esse cambiante de luz e sombra que dá aos objectos um aspecto vago e mysterioso.

O mosteiro até alli illuminado pelos raios do sol recortava na sombra os seus contornos severos.

Manuel ajoelhára aos pés de Helena e soluçava como uma criança. A rocha negra e deserta convertera-se

em Gethsémani onde aquellas duas almas, unidas pelo amor e pelo soffrimento, agonisavam antes de consummarem o mais doloroso dos sacrificios.

— Socega, minha filha, meu anjo! disse Manuel por fim. Obedecer-te-hei!

Bem o viste, a minha alma estava longe da pureza da tua. Ao primeiro impulso recuou aterrada, medindo a profundidade do abysmo que ia tragar a sua felicidade!... As tuas lagrimas, porém, foram o baptismo da culpa. Sinto que tudo se acabou para mim na terra, mas vejo o dever erguer-se solemne e escuto a consciencia... O meu amor fez-se religião; o ente que eu amava deixou de ser mulher para ser o anjo que me aponta o caminho do céo. Quando te vi pela primeira vez, Helena, senti que vivia pelo amor; agora...sinto que morro pelo dever! Mas n'este momento que tudo perco, que me precipitam do céo para o abysmo, como ao archanjo rebelde, compensa-me a idéa de que sou digno de ti!

Helena curvou-se e pousando os labios na fronte do amante ergueu-o com melancolica ternura.

Os olhares dos dois encontraram-se, embebendo-se depois n'esse extasis em que se esquece o beijo, em que a alma desprendida do envolucro terreno sobe, unida a outra alma, até ao candido deslumbramento de um sonho de anjos...

— Não me enganei, meu adorado Manuel! murmurou Helena com voz triste e meiga. Tens uma grande alma! Quando eu disser a mim mesma, abraçada com as minhas saudades, que não ha na terra outro homem

como tu, poderei então sem remorso evocar do tumulo a imagem de minha mãe e chorar-lhe no seio as ternuras d'este amor purificado pelo sacrificio da nossa felicidade!...

Juras, Manuel, proseguiu Helena com gesto e olhar supplicantes, que não despedaçarás o coração de Celeste, da minha amiga, da minha irmã, que te ama, que se habituou á tua vista como a planta aos raios do sol?...

—E Henrique... como elle te ama!... disse Manuel sem lhe responder, seguindo um pensamento dominante. O que não daria eu em troca da sua felicidade!...

— Triste felicidade a d'elle, que vae receber uma mulher sem coração!... Não ha aqui felizes; o destino deu a cada um o seu quinhão de dores. Promette-me que aceitarás o teu resignado, que consagrarás a vida a fazel-a feliz, embora á custa da tua felicidade, que tirarás do coração para ella os thesouros que não podem ser meus. N'este calice de fel que esgotamos ambos ha balsamos divinos para a consciencia!... Dar a gente a vida pelo dever e morrer depois triste mas socegada, certa de que não ha de revolver-nos a sepultura uma maldição, antes hão de ir orvalhal-a as bemditas lagrimas da amizade!... Oh! meu nobre Manuel, exclamou Helena levando aos labios as mãos do mancebo, que suprema consolação esta!... Jura que dedicarás a vida a Celeste, que farás d'ella a tua esposa!...

A hora do crepusculo, branda e melancolica, derramando no ar voluptuosas caricias tinha alguma cousa

de nupcial que contrastava dolorosamente com o juramento que para sempre desligava duas existencias.

Alguem, n'aquelle instante de suprema agonia, pallido e immovel chorava na sombra, occulto por uma sebe de plantas silvestres.

Eram tres dôres fundidas em uma só, dilacerante, incommensuravel!...

«A dôr não tem limites,» escreveu madame de Stael no seu bello livro *Delfina d'Albémar*.

«É só pela dôr que o homem se eleva,» diz-nos George Sand.

Tremenda analyse psychologica que só podem fazer serenamente espiritos aguias, astros que se não apaguem nunca no abysmo das paixões humanas!

Os que padecem, pregados na cruz do martyrio, comprehendem a Stael mas só podem ver em George Sand o fel da ironia. Áquelles, porém, que com o riso nos labios e a tranquillidade na fronte sacrificam sem hesitar a felicidade e a propria vida, manda-lhes o Christo que n'um horto deificou a dôr, a misericordia ineffavel do seu amor!...

Ó Christo! que disseste: *Bemaventurados os que choram,* sê mil vezes glorificado!...

IX

«Et le cœur blessé qui soupire
Rend un son plus doux que la lyre.»

(LAMARTINE.)

Eis-nos de novo na sala onde começou o pequeno drama que tentâmos patentear ao leitor.

Decorreram oito dias depois da romaria á Arrabida. Á primeira vista parecia nada ter occorrido de extraordinario. O piano estava aberto, mostrando uma partitura na estante; as flôres alcatifavam o jardim e trepavam pelas janellas mandando á sala os seus deliciosos perfumes. O Terra-Nova, deitado na alcatifa, erguia de instante a instante um affectuoso olhar para os donos. Cousa alguma accusava que tivesse havido alteração na harmonia caseira, que é o supremo encanto da vida intima. Estudando, porém, attentamente as physionomias dos principaes personagens, analysando-lhes o olhar, o gesto, as palavras, os risos contrafeitos, percebia-se que

atravez d'aquella ostensiva tranquillidade agitava-se o quer que fosse de doloroso; que aquella ephemera luz occultava cinzas! Henrique estava pallido e contra a sua natural indolencia não parava um momento. Ia da sala para o jardim só para voltar do jardim para a sala; afagava machinalmente, com olhar distraido, a assetinada cabeça do cão. Depois dirigia-se ao piano, percorria o teclado com mão febril; ria muito e fallava pouco. Via-se que o dominava estranha exaltação.

De uma das vezes estacou em frente de sua mãe, quedando-se em demorada meditação; de repente estremeceu como se de subito o despertassem e dando-lhe um beijo afastou-se cantarolando a meia voz.

Manuel, ao contrario, não se levantára d'onde estava. Immovel, com a cabeça deitada na mão, seguia com olhar curioso todos os movimentos de Henrique, relanceando tambem de quando em quando a vista para o grupo das duas meninas.

Guilherme de Menezes, ignorando os symptomas de procella que pairavam no ar, dirigia risonho e despreoccupado a palavra ora a um ora a outro.

A mãe de Henrique, porém, apesar de quebrada pelos annos e pelas maguas, receiosa e apprehensiva, observava inquieta o filho.

Coração de mãe! thesouro providencial!... sanctuario de todos os amores, triaga para todas as cicútas, sombra bemdita onde se refrigera o viajante exhausto e queimado pela funesta chamma das paixões; oh! coração de mãe!... para que hão de os filhos ir procurar longe

de ti a ventura que só tu pódes, que só tu sabes dar-lhe?!

Henrique pediu a Helena que cantasse.

Helena sentou-se ao piano e depois de breve preludio dizpôz-se a cantar a *Luiza Miller*.

— Não, não! disse Henrique com vivacidade, prefiro a *Favorita*, e collocou-lh'a na estante.

Helena empallideceu, comprehendendo que heroica coragem lhe seria necessaria para libertar-se das seducções perigosas e irresistiveis que aquella musica exerceria no seu espirito excitado e no seu coração tão intimamente pungido pela dôr.

Manuel ergueu-se pallido, profundamente agitado, e voltando as costas á sala collocou-se no vão de uma janella.

Celeste, entregue a uma leitura decerto muito interessante porque a absorvia toda, mas que tinha a particularidade de a prender só n'uma pagina visto que ainda não havia voltado a folha, parecia não dar por cousa alguma do que se passava.

Ás primeiras notas d'esse canto, suspiro de uma alma apaixonada, Henrique encostou-se ao piano e toda a sua vida pareceu fugir-lhe no olhar apaixonado com que contemplava a amante.

O teclado arfava, doce e triste como um rouxinol moribundo, debaixo dos dedos de Helena. A sua voz, afinada pelo coração, parecia mergulhar ás vezes n'um abysmo de prantos: subia ás notas agudas em gritos delirantes, harmoniosos e limpidos como vibrações de crys-

taes; depois, em gemidos melancolicos, em modulações plangentes, descia ás notas graves.

N'esse canto admiravel havia mais do que a concepção musical; palpitava n'elle a realidade pungente de um coração dilacerado!...

Escutavam-n'a todos com singular anciedade; enlevados, commovidos, suspensos dos labios da cantora que pallida, perdida já no mundo da fantasia, esquecida do que a rodeava deixava correr as lagrimas...

Manuel chorava tambem, occulto pelas cortinas da janella. Henrique parecia petrificado. Repentinamente o canto emmudeceu... Helena curvou a cabeça e como o lyrio abatido pelo furacão desmaiou!...

Correram todos, impellidos pela mesma afflicção, qual mais solicito em prodigalisar desvélos.

Todos, á excepção de Manuel que desapparecera da sala.

Oito dias depois d'esta scena pedia Manuel de Athayde autorisação a Guilherme de Menezes para d'alli a quinze dias, o mais tardar, effectuar o seu casamento com Celeste, tencionando logo depois partir para o Porto, onde iria estabelecer-se.

X

. . . .
Qu'un noble cœur parfois céde á la passion,
Mais, jusque dans le trouble où son âme est en proie,
Garde le sentiment de la meillure voie.

(*Faust.*—GŒTHE.)

Fechava-se a tarde.

O céo de um azul puro e sereno attraia o pensamento para o infinito. Palpitava no ar esse não sei quê de mysterioso e divino que faz com que a alma se cubra de estrellas á hora em que o céo se prepara para recebel-as.

O sol despedia-se do zenith e mergulhava no occaso. Na terra fluctuava o perfume, o murmurio, um adeus que ninguem ouve e que todos sentem; vago, doce, intangivel! Era a hora em que a natureza cae n'uma languidez morbida, em que as flôres desmaiam com os beijos da aragem e o homem sente acrysolarem-se-lhe os

6

pensamentos e as sensações no cadinho mysterioso da meditação!

Instante supremo em que da terra se ergue o *ave* universal e em que do céo desce a promessa!...

A meia luz, pallida e fugitiva, coroava de ouro as serras e brincava em caprichosos cambiantes nas janellas das casas, que, afogueadas, vomitando chammas, pareciam, vistas de longe, pyras accesas pela pythoniza para a invocação dos augurios...

No campo do repouso, áquella hora, dominava a melancolica poesia da morte...

O cemiterio de Setubal é pequeno e humilde como o cemiterio de uma aldeia; ao cabo de um campo arido e plano ergue-se uma capella modestissima. Mas sobre aquellas lapidas singelas, alli onde não ha pompas nem monumentos ostensivos, nos braços d'aquellas cruzes negras sente-se irresistivel necessidade de deixar uma lagrima e uma oração. É que a vista d'estes campos desertos e rasos, ladeados de cyprestes, semeados de cruzes e orvalhados só pelas lagrimas, onde nascem goivos e perpetuas em vez de rosas e violetas, enche-nos a alma de uma tristeza profunda mas suave. Acodem ao pensamento as palavras de Garrett:—*Os reflexos do céo na terra são limitados e imperfeitos como as incompletas existencias que a habitam.*

É só no cemiterio que o crepusculo assume o seu verdadeiro aspecto melancolico e impregnado de saudade!... Aquella luz desmaiada, tenue, esquiva, descendo áquellas cruzes negras, significa o abraço de dois crepusculos. É como que a sua aureola dolorosa! Empresta

transitoriamente o rubor da vida á face de pedra da morte. Depois surge a lua e envolve tudo na sua claridade opalina que se alastra pelo cemiterio como uma enorme mortalha!...

N'aquella tarde a brisa tepida e serena passava silenciosa atravez dos cyprestes.

Nada interrompia o profundo silencio dos mortos. Ouvia-se apenas o piar de alguma ave que revoava dos cyprestes para a copa folhuda das arvores que defrontavam com o cemiterio. Á porta via-se uma mulher idosa. Dentro, atravez das sombras do crepusculo, avistava-se a meio do campo, reclinado sobre um tumulo, um vulto vestido de preto.

Encarado de perto prendia a vista. Era uma mulher, ou antes uma creança! Ao vel-a mal se percebia como aquella cabeça loura e juvenil como a aurora podia assim inclinar-se, triste e pensativa, para a noute do tumulo! No rosto, de uma belleza correcta e opulenta, desenhava-se em traços pronunciados a existencia de grandes dôres. O corpo delgado, alto, flexivel, talhado segundo as fórmas da plastica, dobrava-se todo n'um abatimento profundo! O olhar, ora se cobria de um véu de lagrimas que tremiam no azul como perolas, ora se levantava para o céo com a expressão inspirada dos martyres!

Se não fosse a limpidez immaculada d'aquella fronte de alabastro, a pureza d'aquella figura de anjo, dir-se-hia, ao vel-a assim prostrada, que estava alli uma grande peccadora regando de prantos os degraus da sua cruz.

— Ó meu pai! murmurou afinal com a voz impre-

gnada em pranto. Ó minha mãe!... como é dolorosa a orphandade!...

A mudez dos mortos, fria e impassivel, deixou sem resposta o appello da orphã.

Repetiu-o o ecco suspirando atravez das sepulturas.

— Ó minha mãe, como eu o amava!... Ter feito d'este amor um culto e vel-o assim ultrajado!...

Ella meréce-o mais... Depois acrescentou com inflexão compadecida:

Pobre amiga; tambem deve soffrer muito!...

Aquelle olhar de fogo consumiu-nos!...

Curvou então o corpo todo e unindo a fronte á pedra desatou n'um soluçar afflictivo.

A distancia de alguns passos alguem a contemplava com as feições contrahidas por um estranho mixto de desespero e piedade.

Ouviu-se o bater das Ave-Marias.

A alma da triste pareceu acordar do seu doloroso abatimento; ergueu a fronte, poz as mãos e com os olhos no céo exclamou:

— Meu Deus! recebe n'esta hora solemne o sacrificio de toda a minha vida!... Ó Deus de misericordia, acolhe no teu sanctuario a triste a quem o destino deu uma tão pesada cruz!...

— Celeste! disse uma voz grave e melancolica, Celeste, peça tambem a Deus por mim!...

— Henrique! clamou ella, erguendo-se n'um impeto de admiração e terror.

— Veio ao tumulo de seu pai pedir-lhe forças para

aceitar um esposo que a não ama, não é assim? perguntou o mancebo tremendo-lhe os labios.

Não! acudiu ella, vim dizer ás cinzas de meu pai que resolvi trocar a corôa de noiva pelo véu de religiosa...

— Que diz, Celeste?! exclamou Henrique fazendo-se livido. Esquece-se d'ella! de sua irmã!...

— Esqueço-me, eu! volveu Celeste profundamente magoada. É porque me lembro, e lembro-me muito, que quero levantar entre mim e o mundo as paredes de um convento. Se succumbir... morrerei com a certeza de deixal-a feliz...

— Feliz!... tornou Henrique quasi indignado, com a expressão de uma pungente amargura. É possivel que Celeste a desconheça até esse ponto?!...

Não vê que a desgraçada morrerá mas não aceitará nunca a felicidade á custa das dôres alheias?...

— É pouco então!... bradou Celeste n'um desespero cheio de angustia. Que mais querem de mim?... A vida?... tirem-m'a!... O que significa a vida para quem perdeu irremediavelmente a esperança?...

— Ah! Celeste!... redarguiu o mancebo com inflexão profundamente triste, a senhora é pouco generosa!... Que faria, se amasse como eu amo Helena, desde o berço, com todas as raizes do amor e da convivencia e a visse chorar nos braços de outro homem?...

Accusava-a? matava-a?... Eu não!

Sinto o que ella deve ter soffrido e lamento-a!

Vendo-a lutar e erguer-se palpitante de dôr para sacrificar tudo ao dever, cumpre-me a mim tirar-lhe a cruz dos hombros. Se fizesse o contrario, assassinava-a!

Celeste, tentando aniquilar todos os meus planos vae matar a infeliz de remorsos e lançar-nos a todos na desesperação!...

É possivel que a sua nobre alma não lhe tenha suggerido um meio de salval-a?!...

— Henrique, esquece que eu tambem soffro? tornou Celeste entre soluços. Esquece que o amo?!...

— Ama-o!... interrompeu Henrique estremecendo. Todos amam então aquelle homem!... e pela sua physionomia passou uma nuvem de doloroso ciume que de subito a aformoseou, emprestando-lhe a viril expressão do soffrimento. As linhas correctas e uniformes d'aquelle rosto careciam de allumiar-se ao fogo de paixões tempestuosas.

No entanto, Celeste contemplava-o com um mixto de piedade, admiração e sympathia. Chegára a esquecer as suas angustias á vista d'aquella angustia immensa mas resignada; attraia-a e dominava-a a grandeza d'aquella abnegação!

— E assim se desfez a minha ultima esperança! proseguiu Henrique com a voz afogada em pranto.

Perco d'esta maneira toda a possibilidade de fazel-a feliz!... Agora, acrescentou depois de breve silencio, tambem me tortura a sua dôr, Celeste!

E confesso-lh'o, no egoismo do meu amor tinha-me esquecido!...

Absorvido por um sonho insensato, impossivel, entrei no cemiterio. Sabia que era hoje o anniversario da morte de seu pai; presenti que havia de encontral-a aqui. O que eu tinha a propor-lhe era mais para ser dito

na morada dos mortos do que entre os vivos; estes podiam escarnecer-me, aquelles haviam de respeitar-me...

Agora é inutil! concluiu deixando cair a cabeça no peito.

— Falle, Henrique! exclamou Celeste vencida por uma extraordinaria exaltação, apertando entre as suas as mãos do mancebo. Falle, meu irmão; o que tem a dizer-me? que exige de mim?...

Depois continuou com voz trémula e profunda:

Vim perturbar a religiosa mudez das sepulturas trazendo-lhes em vez de orações a agonia d'este amor! O senhor, que é santo, ensine-me a purificar-me d'este sacrilegio. Se póde, se Deus lh'o revelou, aponte-me o caminho que devo seguir para assegurar a sua e a felicidade d'ella, e seja elle qual fôr seguil-o-hei!

— Jura? bradou Henrique apoderando-se-lhe das mãos.

Celeste recuou; a lua illuminava-a toda e dava-lhe ao rosto uma transparencia doce e etherea; os cabellos louros, coroando aquella adoravèl cabeça, completavam-lhe o encanto quasi fantastico.

Estendeu a mão direita, indicando o tumulo do pai, e com voz meiga mas firme disse:

— Juro!...

— Pois bem, acudiu Henrique, aceite-me por marido; consinta em ser minha esposa... Diremos que nos amâmos, que havia muito a sympathia nos chamava um para o outro. Illudil-os-hemos sem difficuldade: nenhuma palavra se crê mais de prompto do que a que nos salva, a que nos levanta do abysmo para abrir-nos o céo... He-

lena considerar-se-ha desligada por esse facto e entregar-se-ha com alvoroço á felicidade do seu amor.

Por mim nada receie, Celeste; hei de respeital-a como se respeita uma irmã. Se a minha presença chegar a incommodal-a, livral-a-hei d'ella. Aceita este enorme sacrificio? Terá forças para dar-se assim toda á ventura da sua irmã?...

—Henrique! exclamou Celeste como deslumbrada, caindo de joelhos aos pés do mancebo, Henrique! O senhor é um anjo!

A lua, a pallida deusa amiga dos tristes, resvalava no azul semeado de estrellas. Os cyprestes destacavam na sombra banhando os ramos negros e esguios na mysteriosa luz do luar.

Pareciam espectros contando ás estrellas o poema das saudades e o segredo das lagrimas!...

XI

«A alma que ama e que soffre não
póde attingir maior sublimidade.»

(V. HUGO.)

Estamos no inverno de 18**.

A familia Menezes tinha voltado para Lisboa, disposta a passar os rigores do inverno na capital.

Manuel precedera-a com intervallo de um mez.

O seu casamento com Celeste tinha sido, a rogos d'ella, transferido para mais tarde. É de crer (a intelligencia do leitor dispensa até que eu lh'o diga) que Manuel se submetteu ao preceito sem murmurar.

O casamento era para elle o báratro onde se abysmaria para sempre toda a sua felicidade.

Dera-se por aquelle tempo grande mudança no viver intimo da familia Menezes. Celeste, a companheira

affectuosa, a amiga dedicada de Helena evitava-a, mostrando-se fria e reservada. Helena, pela sua parte, sentindo-se culpada para com a sua amiga, não ousando sustentar o olhar d'ella que lhe parecia dever ser uma exprobração, aceitava a situação como menos difficil de supportar.

Henrique tambem já não parecia o mesmo!

Pouco tempo era o que passava em casa; elle, tão contrario outr'ora aos divertimentos ruidosos, á vida agitada, peculiar em quasi todos os moços da sua idade, abandonava-se-lhe agora com frenesi, acompanhando n'uma especie de embriaguez o bando de ociosos que apparece sempre onde ha uma alma ferida ou uma cabeça allucinada para mais fundo as despenhar na voragem!

O rosto de Henrique, até então saudavel, risonho, puro mesmo como o de uma virgem, tornára-se livido e abatido; as palpebras vermelhas e as faces cavadas accusavam o abuso das vigilias e dos desregramentos que o impelliam e precipitavam no seu pendor fatal!

A mãe chorava em silencio. Guilherme de Menezes, pensando que o casamento havia de cortar pela raiz os maus habitos contraidos de fresco, instava todos os dias com o sobrinho para que lhe marcasse o praso, mas todos os dias Henrique se ausentava dando respostas evasivas. Helena, porém, presentindo que alguma cousa nova, terrivel e extraordinaria se passava no coração do primo, ferida pelo remorso, instigada pela affeição que lhe dedicava, redobrára de extremos para com

elle. Henrique, em guerra aberta com o passado, repellia-os tacitamente evitando toda a occasião de recebel-os!

Helena, entregue a si mesma, lyrio abandonado no pelago revolto e indomito das paixões, á proporção que esses dois entes queridos da sua alma a deixavam só sentia, por uma naturalissima reacção, altear-se a chamma que a deslumbrava descobrindo-lhe mundos novos, paraisos vedados!...

A sua alma até então adormecida no placido remanso dos affectos de familia, conhecendo apenas o tranquillo sentimento da amizade, rompera emfim a chrysalida aos raios do sol do amor e esvoaçava, borboleta namorada, em torno do fogo que a consumia! Nos breves momentos em que a razão se fazia ouvir, a triste recuava soltando gritos de dôr, promettendo então á consciencia renunciar áquella loucura. Inutil promessa!

O amor, esse baptismo de fogo que transfigura e devora, quando brota espontaneo, dominador, immenso como o infinito não ha razão por mais fria que consiga extinguil-o.

Manuel mudára tambem completamente!

A varinha magica do amor, não menos prodigiosa que a de Moisés, tocando-lhe no coração arrancára-lhe mananciaes ignorados!... A sua vida até alli nómada, esteril, saciada como elle o dissera antes mesmo do goso, gasta em caprichos, perdida em frivolidades, absorvia-se agora em um culto, na adoração de um idolo. Na fatal impossibilidade de fazel-o descer do pedestal onde o le-

vantára para estreital-o nos braços, enviava-lhe a cada instante a essencia do coração sublimado, nuvem de perfume inebriante brotando de um thuribulo de preciosas gemmas! Déra toda a sua vida áquelle amor que lhe não podia dar em troca a felicidade, mas que o furtava á prozaica trivialidade da terra com o revelar-lhe o céo. Nos dias em que Manuel não podia voar para a casa que compendiava para elle o mundo inteiro, levava horas e horas cobrindo de beijos e lagrimas a flôr de congosta e o retrato de Helena. No rapaz estouvado, desdenhoso, celebre pelas suas excentricidades, escarnecedor como a propria duvida, acordára o poeta, crente como um apostolo, beijando como reliquias as flôres tocadas pelos dedos da mulher amada, creando um paraizo com as doces puerilidades do amor, que não as ha mais suaves nem que mais acendrem o coração. D'estas e d'outras futilidades identicas ri o mundo que lá fóra se acotovella, moureja e tressua na solução dos grandes problemas politicos, economicos e sociaes; o mundo, que na sua descommunal sapiencia tem o sentimento e tudo que d'elle provém como cousa inutil e de mau gosto, não duvidando mesmo de passar certidão de alienação mental ao sujeito que á luz do seculo XIX, entre o silvo da locomotiva, o fio electrico, a philosophia materealista e as escholas satanica e ultra-realista, ousar dizer que ama e crê ainda na missão providencial da mulher, sua mãe e sua companheira na vida.

Ó puerilidades do amor! puerilidades da virtude! puerilidades da fé! puerilidades da infancia! que nasceis

no berço n'um botão de rosa e engrinaldaes o tumulo de perpetuas e saudades orvalhadas de lagrimas santissimas, sois vós, as inseparaveis irmãs gemeas dos poetas, dos namorados, dos scismadores, das almas puras que crêem em Deus, na virtude e no amor!

Arrastem-se muito embora na sombra os reptis e grasnem os corvos, ficae-vos sempre, doces e santas puerilidades insuffladas com o leite das mães, sois muitas vezes, ó sublimes *nadas*, a aza milagrosa que nos salva!

Henrique, cada vez mais frio para Helena, mostrava-se ao contrario junto de Celeste affectuoso, assiduo, quasi terno! Esta acolhia-o sempre com o sorriso nos labios. Celeste ria, tocava e cantava; parecia tão feliz como antes da chegada de Manuel; porém, no avelludado da cutis é que se lhe não via já o rubor sanissimo que é a côr das rosas e da alegria, quando desabrocha no coração.

Uma noute, aconteceu que Celeste deixou sobre a meza de costura da sua amiga, esquecido n'um estojo, um pedaço de papel escripto. Esta olhára para elle machinalmente, pegára-lhe e sem consciencia do que fazia foi lendo:

«Que subita e extraordinaria mudança fez na minha alma o seu olhar, Celeste?!... Sinto e duvido ainda! Vejo e mal posso crer! Que encantamento é pois este que assim me avassalla o entendimento e a vontade?...

Diga-m'o, Celeste, que eu... não posso... não ouso confessar-lh'o!....

Henrique.»

O papel tremia nas mãos de Helena que ficou por muito tempo irresoluta, fixando os caracteres como se os não entendesse. Afinal chegou a perceber que lera uma declaração de amor feita a outra mulher pelo homem que ia desposar e que essa mulher era Celeste, a sua amiga, a sua irmã. Porém, o olhar ergueu-se d'aquella imagem deixando-lhe toda a natural pureza; nem uma sombra a obscureceu. Deitou á conta de fantasias de rapaz aquella epistola de Henrique. Tel-a-hia maravilhado decerto se fosse no tempo em que seu primo evitava todo o genero de distracção para viver exclusivamente do seu amor.

— Que singular capricho! monologava Helena, ephemero como é ha de desvanecer-se por si mesmo.

Aqui teem as consequencias de uma vida ociosa, de companhias pouco edificantes; provavelmente foi plano suggerido por algum d'aquelles senhores e aceito sem mais reflexão por Henrique!...

N'estes e outros commentarios levou Helena parte da noute; pensou antes de adormecer no grande pasmo com que a sua amiga leria uma tão singular confissão.

As reflexões antecedentes pareciam áquelle coração dominado por um amor ardentissimo logica sã e natu-

ral; se a razão se fizesse ouvir e lhe dissesse que só do amor que déra a outro, amor que lhe preoccupava a existencia, provinha a indifferença com que avaliava o facto, significativo depois da frieza de Henrique, e que se não fôra esse amor o bilhete tel-a-hia ferido senão no coração indubitavelmente no orgulho, Helena comprehenderia até que ponto a paixão, que é uma chamma, tem muitas vezes em si o punhado de cinzas que nos cega!...

XII

«Je t'ai aimé de toute mon âme: et tu m'as abandonné comme un arbre fané!»

(CHŒUR ALBANIEN.)

Entremos em S. Carlos.

Como sempre, povôa a sala a flôr da sociedade lisbonense.

Cantava-se a *Somnambula,* esse melodioso sonho inspirador que Bellini, o *cysne das almas sensiveis,* como lhe chamavam os seus contemporaneos, teve decerto em noute de primavera, á margem de um lago azulado, acariciado suavemente pela *bianca luna* do céo italiano, evocando porventura o radiante e saudoso vulto de Maria Malibran!...

Em um dos camarotes da primeira ordem admiravam os *leões* de sapato envernisado duas cabeças talhadas

para modelo de esculptores, dois rostos adoraveis, um emmoldurado em cabellos pretos, o segundo coroado por fartas tranças louras de reflexos fulvos.

No olhar da primeira fluctuava uma distracção vaga e triste; nos labios da segunda estereotypava-se um pallido sorriso.

Os binoculos, assestados para o camarote, prestavam á belleza o preito da admiração; eram uma especie de caçoletas, prodigas em aromas, que infelizmente em vez de inebriarem os idolos nem sequer lhes lisongeavam o olfacto!

O primeiro acto, escutado attentamente por toda a sala, não conseguiu prender a attenção das duas meninas; a todo o instante fitavam a plateia com um olhar investigador, que visivelmente procurava alguem.

No fim do primeiro acto entrou na plateia um rapaz elegante, distincto e examinou a sala com um olhar rapido; logo, descobrindo o camarote que procurava, ficou-se em demorada contemplação.

As duas senhoras, (faço ao leitor e a mim a justiça de acreditar que reconheceu n'ellas á primeira vista, Celeste e Helena) notaram logo a presença do recem-chegado.

Celeste córou de leve; acto continuo, inclinando-se para a sua amiga, observou com expressão espirituosa acompanhada por um gesto identico:

—Já reparaste na crusta de *poudre de riz* e carmim que cobre o venerando rosto da marqueza de***? Ia apostar em como o seu interlocutor admira n'este instante o esmero artistico com que estão retocadas

aquellas ruinas!... E concluiu estas palavras com uma gargalhada que deixou encantado Guilherme de Menezes.

O ex-politico folgava com a ventura das duas meninas, seus affectos dilectos, como o jardineiro com o viço das rosas. Quando as via tristes entristecia tambem; a sua existencia, já attingida pelos gelos do inverno, necessitava do calor d'aquellas duas primaveras.

Helena não ouvira a sua amiga; toda a alma lhe fugira para os olhos que procuravam o recem-chegado, scintillando ao cruzarem-se com os d'elle.

Passado o primeiro impulso que a fascinára, Helena perturbou-se; inquieta, anciosa dirigiu aos que a rodeiavam um olhar perscrutador.

Celeste sorria com expressão tranquilla e assestava o binoculo com elegante negligencia ora para um ora para outro camarote. Guilherme de Menezes louvava, em dueto com um conselheiro seu amigo que entrára no camarote, o excellente methodo de canto da prima-dona.

Helena respirou e voltou de novo a embeber os raios fulgurantes dos seus bellos olhos n'esses outros que a deslumbravam.

Cantava-se o terceiro acto: toda a sala palpitava captiva d'essa musica cariciosa, cheia de doces melancolias; as notas enlaçavam-se, volteavam, gorgeiavam no ar como um bando de rouxinoes.

Celeste e Helena abandonaram-se com dolorosa voluptuosidade a esse encanto simultaneamente suave e cruel que a musica exerce sobre todas as almas apaixonadas. Com os olhos fitos em não sei que se-

ductora miragem, os labios entre-abertos e os seios trémulos deixaram-se embalar pelo rythmo cadenciado e harmonico que arrebata a fantasia ás lucidas espheras do Ideal!

Tinha apenas descido o panno, entre ruidozos applausos, quando Manuel entrou no camarote.

Vinha pallido e triste. Apertou a mão de Guilherme de Menezes e curvou-se respeitoso em face das duas senhoras.

Celeste e Helena acolheram-n'o risonhas e serenas; mas quem devéras reparasse na expressão das suas feições teria visto um subito clarão brilhar e extinguir-se logo nos olhos d'ellas.

—Era de esperar que VV. Ex.as não faltassem hoje em S. Carlos, disse Manuel dirigindo-se-lhes. Se ha musica digna de attrair os anjos é decerto a musica de Bellini.

Helena córou muito. Celeste estremeceu imperceptivelmente; logo, com inflexão affectuosa e delicada volveu:

—Bellini agradecer-lhe-ia o comprimento, se lhe fôra dado ouvil-o; nós não podemos, não é verdade, Helena? Na terra não ha anjos: Deus ama-os demasiadamente para consentir em confial-os ao mundo.

—Não é possivel! acudiu Manuel respondendo a Celeste porém, olhando para Helena. Creio que existem anjos na terra assim como acredito na luz do sol que me allumia, no perfume da flôr que me encanta, na musica que me enleva, no bello, emfim, seja qual fôr a fórma porque se manifeste.

Esta noute, continuou Manuel tão baixo que a palavra soou como um murmurio, acreditei mais do que nunca!... Depois, proseguiu em voz alta, como quem se furta a uma profunda commoção. Oh! é que a *Somnanbula* é decididamente a opera dos scismadores!...

Estou que é da minha opinião, não é verdade senhor Menezes? concluiu Manuel assentando-se ao lado de Guilherme de Menezes com o visivel proposito de occultar-se na penumbra do camarote.

No mesmo instante Celeste sorrindo, assestou o binoculo para um ponto da plateia.

Helena olhou tambem e deu com a loura cabeça de Henrique cujo olhar ardente fixava Celeste.

Naturalmente occorreram-lhe as palavras do bilhete que encontrára e encarou com a sua amiga; o binoculo continuava assestado para a mesma direcção; sómente ao sorriso que illuminára de subito a physionomia de Celeste succedera uma pallidez de marmore. Helena pegou-lhe na mão e sentiu-a fria atravez da luva; inclinou-se para ella e disse-lhe ao ouvido:

— Tens alguma cousa, Celeste?

O binoculo caiu das mãos de Celeste; tinha os olhos cheios de lagrimas; sentindo-as, levou com gesto impaciente a mão ás palpebras.

— Faz um calor excessivo, parece que suffoco! saiamos por um instante, respondeu com voz trémula.

Manuel offereceu-lhe o braço. Celeste, com a elegante figura desempenada, a pallidez do alabastro na fronte,

formosa e glacial, parecia uma d'essas maravilhosas esculpturas a que só falta o sôpro da vida.

No corredor deram de frente com Henrique. Este, sem fallar a ninguem, ancioso, visivelmente commovido, approximou-se de Celeste; trocaram ambos algumas palavras em voz baixa, depois do que Celeste sorriu com expressão melancolica fazendo com a cabeça um gesto affirmativo.

Helena teve medo!

Começava a formar-se-lhe na mente uma suspeita cruel, contra a qual toda a sua alma reagia, mas que a despeito d'ella crescia ameaçando deitar por terra duas imagens que levantára muito alto para que na queda deixassem de esmagar-lhe o coração.

Ha dentro de nós duas entidades; uma que interroga, que accusa, que sentenceia; outra que responde, que defende, que justifica.

A primeira é o instincto auxiliado pelo raio visual; o presentimento que desposa muitas vezes a razão.

A segunda, a que advoga, modesta mas eloquentissima, é nada menos do que a essencia da virtude, uma radiação da divindade, a consciencia: pupilla luminosa que se não apaga nunca, mas que as trevas obscurecem logo que desce sobre o homem a enorme sombra do crime.

Na alma de Helena dialogavam as duas entidades. Tudo o que ultimamente descobrira e que ha mais tempo presenciava sem lhe ter ligado até alli idéa reservada a levava a crer que Henrique, o seu noivo, amava Celeste; porém, no momento dado, principiava a crer que a sua

amiga, longe de o reprovar, alimentava esse estranho amor!

Indignava-a essa mutua traição; surprehendia-a sobre tudo não empregarem a minina precaução para occultar-lh'a, emquanto ella escondia como um crime o mais simples dos olhares que lhe dirigia a *elle,* que tanto amava! Exprobrava-lhes o não terem a franqueza de lhe confessar face a face esse amor; criminava-os, julgava-os despiedosamente, constituia-se victima e esquecia que era algoz!

Depois d'esse *eu* egoista e cruel fallava o outro, brando como um murmurio mas persuasivo como a verdade:

Tambem tu os traistes e primeiro do que elles deixaste penetrar no coração um sentimento que não podia deixar de ser o que é, um crime! Quem sabe se do teu duplo abandono, se da frieza de Manuel para Celeste não proviria uma sympathia que a igualdade das situações transformou em amor?...

Como podes pedir contas do delicto que é só teu, de que foste origem? e condemnar um sentimento cujo indomavel imperio reconheces?...

A alma de Helena acendrada no evangelho das mais nobres virtudes transigia sem lutar com a consciencia e refugiava-se n'ella como o filho nos braços da mãe.

Levantando a cabeça que o pensamento curvára e entristecera desceu á sua amiga um olhar meigo e sereno como uma caricia, depois unindo-a a si beijou-a na fronte.

Era um pedir perdão tacito!

Celeste comprehendeu-a e estremeceu.

Helena encarou com ella visivelmente assustada.

A fronte de Celeste escaldava, ao mesmo tempo as mãos que Helena segurava nas suas estavam geladas!

XIII

> Sentirsi, oh dei! morir,
> E non poter mai dir:
> Morir mi sento!
>
> (METASTASIO.)

O leitor que se tem dignado tomar algum interesse pela historia que singelamente lhe estou contando, entre comigo no recinto onde tenho de conduzil-o.

Persigne-se: estamos em um templo christão, n'esse logar onde não ha sceptico, embora a descrença o tenha contaminado até á medulla dos ossos, que deixe de ajoelhar aos pés da cruz.

Nenhum rumor perturba o piedoso silencio da casa de Deus: os thuribulos guardam o incenso apagado e o orgão fechado recorda apenas o derradeiro psalmo que expirou ao longo da nave, atravez do aroma das flôres e da scintillação dos cirios. Dois candelabros de prata,

accesos em frente do altar mór, brilham na penumbra como duas pupillas vigilantes.

A luz do sol bruxoleia interceptada pelos vidros de côres e colorida pela refracção vai morrer, dividida em delgados fios iriados, aos pés dos altares ou nos rostos das imagens.

Um templo silencioso e deserto, acolhendo a oração no seio do mysterio é onde a alma, flôr delicada que só desabrocha no tepido ambiente da estufa, toda se dilata e volta para o céo, exhalando as suas mais preciosas fragrancias. Perguntem aos grandes desgraçados que vacillam a meio da via dolorosa, aos que succumbem ao peso do remorso ou fraquejam na hora da provação que força sobrehumana levam comsigo ao sairem os umbraes do templo christão?...

De subito um ruido de passos quebrou a mudez da egreja.

Uma mulher transpoz o espaço que a separava do altar mór. Chegando ahi ajoelhou e curvou a cabeça até ao chão; decorridos alguns momentos levantou o véo de finissima renda que lh'a envolvia e cravou um olhar angustiado e supplicante na imagem do Crucificado.

O rosto pallido, as longas pregas magestosas do vestido preto, a meia luz do templo, a immobilidade do corpo, tudo reunido dava áquelle vulto um aspecto sobrenatural! O profano adoral-a-hia como uma divindade expatriada do Olympo; o christão acreditaria que baixára do céo um anjo. Depois de breve scismar purpurearam-se-lhe ao de leve as faces e tremeram-lhe os labios. De repente levou com gesto convulso as mãos ás

palpebras, enxugou o pranto e abeirando-se de uma columna onde encostou meio corpo caiu de novo no mesmo scismar. De quando em quando os olhos semi-cerrados despediam relampagos e as mãos erguiam-se para comprimir o seio convulso.

Estaria alli alguma martyr pedindo ao Christo que lhe ungisse com as gotas do seu divino sangue a palma do martyrio que o mundo lhe pozera nas mãos?...

Quem póde profundar atravez do pranto que requeima as faces a insondavel voragem do abysmo que a dôr cava no coração?!... Aquella angustia, porém, como todas as grandes dôres não prorompia em gritos, não se desentranhava em queixas; revelava-se apenas no copioso extravazar das lagrimas.

Algum tempo depois entrou na egreja um rapaz de rosto pallido e macerado; approximou-se da senhora e tocando-lhe no hombro perguntou com inflexão suave:

— Chora?... Tem razão; o sacrificio é tremendo!...

Quem não recuaria com assombro ao ver aquelle homem e aquella mulher, na plena irradiação da mocidade, lividos e glaciaes como espectros, encontrarem-se em um templo deserto e sombrio?

— Chóro, volveu ella estremecendo, porque tenho pena de si!

— De mim! Quem se lembra de mim?... Creia que eu proprio me esqueci. Não vê como vivo alegre? Como vou todos os dias, com a serenidade na fronte e o riso na bocca, bater á porta dos felizes e participar das suas festas? Creia-me, Celeste, sinto-me satisfeito, consegui esquecer, e porque não ha de mesmo acreditar que a

sua imagem tem não pequena parte n'esta transformação, que o seu olhar meigo e triste gerou uma esperança que póde facilmente converter-se em amor...

— Oh! não... isso não, Henrique! interrompeu Celeste. Não profane a sublimidade da sua abnegação com um fingimento; não desça a mentir a si proprio, ao coração, ao passado, a tudo! Comprehendo-o, acrescentou depois de breve silencio; a sua piedade quer ver se me aligeira o peso da cruz deitando flôres no meu arido caminho. Foi para isso que me pediu que viesse aqui?.... Vim, intimamente persuadida de que encontrava um irmão; penso que não me enganei?...

— Mas, Celeste, exclamou Henrique apertando-lhe as mãos, cuida que aos vinte annos o coração está morto? Pensa que se póde encarar com o sol sem que o sol nos queime?... Julga que é possivel viver com uma mulher como Celeste, vel-a a todo o instante, dar-lhe todas as demonstrações de amor e não sentir por fim essa paixão, que era simulada, apoderar-se do nosso ser, inebrial-o até fazer-lhe perder a consciencia do passado para só lhe sorrir esperanças no futuro?...

— Henrique! acudiu Celeste, que exaltação a sua!... Repare onde estamos; não é aqui logar proprio para dizer e ouvir essas estranhas palavras. Mesmo que eu podesse acreditar na verdade do que me diz recorde-se de que ha entre nós duas pessoas que recuariam estupefactas se o escutassem, Helena e...

— Helena!... Que está dizendo?... Não é a ella primeiro do que a ninguem que necessito fazer persuadir de que a amo?... Demais, não lhe pronuncie o nome;

ajude-me antes a esquecel-o. Se soubesse o gelo que accumulei sobre elle, assustava-se! Ás vezes tenho medo de vir a odial-a!...

—Odial-a! Pois já se esqueceu das generosas palavras com que ha dois mezes levantou a minha alma á altura da sua, obrigando-me a respeital-o?... Não se arrependa de ter sido bom; e sobre tudo deixe-a sempre ignorar este enorme sacrificio de toda a nossa felicidade!

Dizendo isto a voz de Celeste tremia e os olhos inundavam-se-lhe de lagrimas.

—Ama-o muito, Celeste?... murmurou Henrique timidamente.

—Se o amo!... Tanto, que cheguei a acreditar que esse amor era uma aurora de canticos e festas! Hoje creio apenas que é a noute que me ha de arrastar para o tumulo!... É uma loucura, bem sei, um desvario sem nome!... morrer por um ente que nem sequer nos dá a esmola de um olhar, crestarmo-nos á chamma de uma luz que não brilha para nós, namorarmos um astro que passa radiante e orgulhoso deixando-nos entontecidos e cegos!...

Mas que desatinos que eu estou dizendo!... Perdôe, meu irmão; o coração, por moribundo que pareça, tem d'estas incoherencias!... Devia recordar-me o que ainda agora lhe lembrei, que estamos na casa de Deus. Foi misericordioso o seu silencio! concluiu apertando a mão de Henrique.

—Despertou-me de um sonho, Celeste; e embora

elle fosse tão suave como é triste a realidade devo agradecer-lhe.

— Henrique, as nossas almas entendem-se por isso que Deus as fez irmãs; não esqueçamos, porém, meu irmão, que é necessario fixar o dia do nosso casamento... São uns tristes esponsaes, não é assim? perguntou a joven senhora com um melancolico sorriso.

— Uns esponsaes que poderiam talvez salvar-me se o seu coração não se houvesse dado todo a esse homem...

— Não calumnie o coração; o seu amor é e ha de ser sempre de Helena.

— Celeste!... acudiu elle com inflexão queixosa.

— No praso de um mez, o mais tardar, é necessario que Helena seja feliz, disse Celeste com voz meiga.

Consente? acrescentou estendendo a mão a Henrique.

Este por unica resposta curvou-se, pousando os labios n'essa mão branca e franzina que a febre queimava. D'alli a um instante Celeste subia para a carruagem e Henrique tomava, profundamente meditativo, pela primeira rua que se lhe apresentou.

XIV

> Dieu est amour—c'est èncore aujourd'hui l'idéal de toutes les âmes éprises de la dévorante ambition de l'infini.
>
> (LAMENAIS.)

O manuscripto que o leitor vae ler, finissimos primores calligraphicos que denunciam a origem feminina, e que menos discretamente talvez transcrevo para aqui, vale quanto a mim mais que todas as minudenciosas explicações que désse consoante ao caso. D'onde e como me veio ás mãos o autographo que copio, consinta o leitor que lh'o não revele; baste-lhe saber, quanto ao presente, que vae lêl-o em um gabinete elegante e perfumado pela atmosphera balsamica, tepida e suave que exhala o quarto de uma mulher moça e formosa.

DIARIO DE CELESTE

AGOSTO, 18.

... Porque tão cedo caiu, pendida, murcha e desfolhada a minha flôr de esperança?!... Que é feito dos meus risos, do meu piano e ainda mais do meu socego?!...

Calou-se tudo, e eu fiquei sósinha no areal correndo atraz da miragem!...

SETEMBRO, 4—8 DA NOUTE.

Tenho saudades do que fui!...

Que anjo ou que demonio foi este que passou pela minha vida accendendo-me um vulcão no peito?!...

Sinto em mim o manancial que refrigera e devora-me a sede de Tantalo!...

Pois será possivel que elle me não ame?!...

MEIA NOUTE.

Se me amasse porque deixaria succederem-se as horas e os dias sem me dizer: — *Vem minha desposada, vem comigo sanctificar á face do Eterno a união das nossas almas!*

SETEMBRO, 8.

Queima-me o seu olhar!...

Manuel, se tu penetrasses na minha alma ficarias deslumbrado!...

Quando te vi pela primeira vez nada me surprehendeu em ti. Esperava-te! A realidade continuava o sonho, radiante, divino! Entrevira o infinito e o infinito és tu!...

Fiquei sim extasiada!... Não sei que haja filtro mais inebriante do que o teu olhar nem melodia mais suave do que a da tua voz.

Manuel, enlouqueceste-me! Assenhoreia-te da minha vida, se não queres vêl-a apagar-se como um meteóro!...

DUAS HORAS DEPOIS.

Que de vezes repito mentalmente este verso de Petrarcha:

«E'l cantar che nell'anima si sente»

Cantico que nos falla do céo na terra e que se chama *Amor!*

SETEMBRO, 9.

Instantes de felicidade, para que fugis mais rapidos ainda do que o pensamento?!...

Ó tempo, Sphinge implacavel que, impassivel, devoras tanto os momentos da ventura como os do soffrimento!

Nada é estavel na vida!...

Desprendem-se as folhas das arvores, os lyrios das hastes, o espirito da materia... e a mocidade, o amor, a luminosa visão apaga-se e desapparece na penumbra do tumulo!...

Ó minha felicidade! não és já como foste, sol sem nuvens, aurora sem crepusculo, riso sem pranto!......
....

Amor! Salamandra que o fogo gera e o fogo devora, deixa-me viver ou morrer por ti!...

SETEMBRO, 10.

Desatae-vos em fragrancias, ó flôres da minha alma, soltae-vos em melodias, hymnos do coração, azulejae céo que me sorrides promessas.

Hontem o campo tinha a doce serenidade da primavera; havia perfumes de rosas e gorgeios de rouxinoes. Os myrtaes cobertos de argenteas flôres, leves e fugitivas como as borboletas que esvoaçavam de ramo em ramo, brilhavam ao sol.

Manuel deu-me o braço e offereceu-me uma rosa; depois fallou de sua mãe. De sua mãe!...

Como eu desejaria chamal-a á vida e receber d'ella as caricias de que Deus me desherdou!...

Manuel lembrou, com lagrimas na voz, os dias da infancia... Daria tudo por me ter sido permittido ajoelhar á beira d'aquelle berço e beijar aquella cabecinha loura que mais tarde havia de erguer-se bella, altiva e resplandecente de intelligencia!...

Em quanto na sua voz meiga e sonora vibrava a commoção que o dominava, tremia-me o coração no peito, mas o rosto ficou impassivel e frio como o marmore.

Perdôa, Manuel, eu devia cair-te aos pés como o pagão em face do idolo!

OUTUBRO, 1.

..... Está tudo acabado!.....................

Para que sonhaste loucuras, desgraçada, quando a vida é o acordar frio e positivo?...

Hontem cuidei perder a razão... e pedi a Deus que me poupasse ao tormento de viver; hoje, supplico-lh'o á custa da propria razão!

Elle ama outra, e eu sei-o, escrevo-o, sinto-o, e não se me parte o coração alanceado por tamanha dôr!!...

UMA HORA DEPOIS.

Helena! pois tu?...

Oh perdôa, minha irmã; quem póde subtrair-se á fascinação d'aquelle olhar que incendeia?...

Pobre borboleta que te queimaste na luz!...

Mas não sabias tu que eu tambem o amava?...

Ninguem m'o disse, nada m'o prova; *sinto-o,* é quanto basta... ou antes li-o n'esse olhar rapido mas decisivo!

OUTUBRO, 10.

Ha horas de pungente revelação, ó Christo, que valem por quantas prédicas soltam do alto do pulpito os teus ministros!

As lagrimas são a essencia da fé!... Ungida com ellas contempla a minha alma, com a dupla vista do martyrio que medita e ora, as sobrehumanas imagens de Magdalena e Thereza de Jesus. Uma, a peccadora santa, enxugando com os assetinados cabellos os pés do Mestre; a outra, a divina poetisa, abraçando extatica o Crucificado!...

Creio, ó Christo! na tua ineffavel doutrina; orphã, esmolo a tua benção, meu pae, abandonada pelos mais caros affectos, consagro-te a minha vida! Ó Christo! não me desampares; deixa-me pregar o coração na cruz do teu horto!... Deus que levantaste do pó a Magdalena, que defendeste a adultera, que déste vida a Lazaro, não me expulses do teu sanctuario!... Sósinha como Agar

nas areias do deserto, requeimada a face pelas lagrimas que retalham como latego de chammas, com os pés em sangue, deixa, ó Christo, que adormeça á sombra da arvore da graça!...

Acolhe a desherdada, tu que no extremo da agonia cobriste o mundo com um olhar de pai!

OUTUBRO, 20.

Que mais querem de mim?... Henrique está doido!... É impossivel que... E com tudo prende-me um juramento feito á face de um morto, e de um morto que é meu pai!!...

Pois até a Deus me disputam!...

Oh! Helena, doce irmã da minha alma, não cáiam nunca sobre a tua cabeça as cinzas d'estes dois corações que o teu esmagou!... Perdôo-te, mas pede a Deus que afaste de mim este calix!...

Sinto rebates de loucura esbrasearem-me o cerebro!...

Henrique!... Henrique! onde foste buscar as divinas azas que tão alto te levaram? Respeito-te, admiro-te como se admira um semi-deus, mas não posso, não sei elevar-me comtigo!

OUTUBRO, 30.

Helena empallidece como a açucena crestada pelo sol do estio! Doem-lhe entre as rosas d'aquelle amor espinhos que lhe não deixam aspirar o perfume!

É que aquellas rosas consumiram a seiva de duas vidas!...

Helena!... para que invocavas a imagem de minha mãe, chamando-me irmã, se mais tarde esse santo laço que nos ligava havia de ser um laço fatal e assassino?. . . . . Quem me diria, quando de mãos dadas, cheias de esperança e mocidade, interrogavamos risonhas o futuro, que tu serias o algoz que me daria fel a beber!... Oh! Helena, quando penso que é de ti que me vem a morte, sinto impulsos de ir levantar a pedra que cobre o corpo de meu pai e perguntar-lhe porque não me poupou a este doloroso transe levando-me comsigo para o frio da sepultura!

DUAS HORAS DEPOIS.

> Deshojadas y mârchitas,
> ¡Pobres flores de tu alma!
>
> (ESPRONCEDA.)

Murchas e desfolhadas!!.......................

Alma ambiciosa e singular para que te foste prender ao Impossivel?!... É que o teu ideal de poeta era aquella esculptural cabeça onde pousa suavemente a aza do archanjo das tristezas!

Seria assim a Beatriz do Dante?...

DEZEMBRO, 20.

Onde é que se viu o algoz depois de espremer fel no coração da victima cravar-lhe despiedozo o cilicio do desprezo?... Pois tu não presentes que me roubaste a vida e que vou dar-te em troca a felicidade?!... Pois tu nem sequer vês como a febre me cresta as faces?... E podeste acreditar que eu amo Henrique!!.......... Podeste, e ainda bem para que tu e *elle* sejam felizes. Pobre Henrique!... Como lhe resvala o pé no pendor fatal que se prolonga no interminavel abysmo!...

Daria ainda o que me resta de vida para arrancar um som brando e crente áquella alma que como a lyra de Ossian só tem prantos e lamentos; para salvar da queda o grande desgraçado que se deixa despenhar, esquecido do céo, condemnado pelo inferno da duvida!

Ai! da alma desnorteada pela vaga indomita do infortunio se lhe não luz no céo a estrella da fé!........

MEIA NOITE.

Helena leu o bilhete, não lhe deve restar a menor duvida.

DEZEMBRO, 30.

Ó coração humano, Sphinge de Delphos, onde ha ahi Œdipo que te decifre os mysteriosos arcanos?!...

Porque me ajoelhou Henrique aos pés fallando-me

de amor?... Quererá elle lisongear-me a pretendida vaidade de mulher?...

Louco! que não vê que a rajada da tempestade desbastou para sempre e irremediavelmente a minha florida primavera!...

Tenho dó d'elle que vae desposar na força da vida um cadaver!

JANEIRO, 5.

Meu Deus! sinto-me vacillar!... Ámanhã é o dia solemne... Ámanhã odiar-me-ha Helena, desprezar-me-ha Manuel, partir-se-ha o derradeiro fio que me prendia á *esperança*, mas para elles surgirá radiante e infinita como uma aurora a felicidade!

Cumpra-se!

JANEIRO, 7.

Que terrivel momento!

Henrique parecia um espectro e eu... tinha a morte no coração!... Tremia-lhe a voz ao dizer estas palavras: «Minha mãe diga a meu tio o que eu não tenho coragem para dizer-lhe; que o amor que julgava ter a sua filha não era mais do que uma d'estas illusões da mocidade que a reflexão desfaz!... que sentindo-me seu irmão não posso ser seu marido, porque a paixão que só devera sentir por Helena dediquei-a a outra mulher. Não se offenda comigo, minha mãe, não me accuse!... acrescentou Henrique ajoelhado aos pés da santa que o interrogava com um olhar de amor e de supplica.

«Quem póde deter a onda do destino e impôr leis ao coração?...»

«Estás louco, meu pobre filho! observou a boa senhora. Vê que desgosto vaes dar a teu tio e a tua prima; além d'isso, Celeste é a promettida de Manuel...»

«Celeste é minha noiva; prende-nos um laço sagrado, minha mãe.................................»

MEIA NOITE.

Guilherme de Menezes mandou-me chamar; o que vae elle dizer-me e como lhe responderei eu?!...

DUAS HORAS DA NOITE.

Latejam-me as fontes; sinto as forças gastas!

Que olhar o do meu tutor, penetrante e severo!

É ainda a esponja embebida em vinagre para quem tem o coração extravazando fel!

«Diga-me, Celeste, é verdade o que Henrique revelou a minha irmã?...»

Curvei a cabeça como o réo em frente do juiz, eu!... Que mais poderão exigir de mim? Não seria melhor livrarem-me do tormento da vida do que matarem-me assim lentamente?!...

Não sei o que disse nem o que se passou!...

A agonia tem sido acerba; a febre desvaira-me, perturba-me as idéas, e as recordações fogem como relampagos deixando-me em trevas o entendimento!...

JANEIRO, 30.

> Ah! dimmi: é vero
> Ch'io ti perdo, o mia vita?
>
> (METASTASIO.)

Creio que vou morrer!

Presinto a morte no sopro gelido que não sei se se exhala de mim se d'aquelle céo profundo e sombrio como uma alma que se despede da vida! Comparo-me a essas arvores sem folhas, espectros que estendem os braços na solidão do espaço! Se aquelles troncos nus tem de reflorir aos raios do sol, porque não mandaes vós tambem a esta aridez, ó meu Deus, um lampejo de esperança?

Serei eu só a condemnada?

FEVEREIRO, 15 — 4 HORAS DA MANHÃ.

Que dia este que amanhece!...

Em vez da capella de goivos e martyrios cingir-me-ha a fronte a grinalda de flôr de laranjeira!

Pungente ironia a do destino!...

Que encadeamento fatal de horas que succedem umas ás outras! Vertigem que me desvaira, pesadelo que me entontece, onda que me leva!

E eu, sombra de mim mesma, impondo o riso aos labios, a serenidade á fronte e deixando morrer o coração!...

Por fim o meu tutor cedeu. Helena acolheu a inesperada revelação como se ella lhe não fôra a felicidade, com o rosto contraido pelo espanto e pela dôr! com severo e glacial olhar!.... E eu que lhe dei a vida, depois d'ella me haver roubado a felicidade, pedi-lhe perdão!!.......................................

Manuel nem pensa na necessidade de occultar a sua alegria! É o astro que gravita em torno de outro astro, sem se dignar aquecer com um só raio de luz vivificadora os que morrem enregelados na voragem da sombra!...

Oh! eu quizera poder diluir as lagrimas em fel, entornal-as no peito d'este homem que crestou com o seu halito a flôr da minha mocidade, envenenar-lhe o coração, e morrer depois prostrada aos seus pés!

....

UMA HORA DEPOIS.

Irritam-me aquelles amores, matam-me os seus olhares!... Nem sequer esperou que a pedra de um tumulo nos separasse! Pediu-a em casamento!!

E são tão crueis e vivem por tal fórma absortos no seu mutuo enlevo que não presentem o tremendo drama que se representa á sua vista, holocausto onde duas victimas vão ser immoladas!

Perdôa, ó minha doce irmã, pomba que te namoraste do azul, perdôa... e sê feliz!... Em paga d'esta agonia immensa, d'este desmoronamento em que só eu fico de pé, que has de sempre ignorar, peço-te uma lagrima para

a minha sepultura... e uma oração para a minha memoria!

Manuel, archanjo despiedoso que me expulsaste do paraiso, entrego-te tudo o que possuia de mais precioso, —minha irmã! Leva-a comtigo para as regiões da luz... porém, nas tuas horas de divinos jubilos, quando sobre um punhado de cinzas não restar mais do que a cruz, symbolo de todas as agonias, prende-lhe uma saudade...

Como me parece livida e sinistra esta meia luz, nuncia do dia!

E não poder arrancar o coração aos pedaços deixando só o envólucro frio e inerte!

Adeus, pois, visões magicas que me envolvieis comvosco em nuvens de ouro e purpura, rosaes floridos da minha infancia, hymnos da juventude, sonhos de felicidade, chymeras, illusões, aspirações insoffridas—tudo que amei e que perdi!—Helena... Manuel... adeus!...

...je meurs... De leur froide haleine
M'ont touché les sombres autans,
Et j'ai vu, comme une ombre vaine,
S'évanouir mon beau printemps !

(MILLEVOYE—*Feuilles tombées.*)

XV

«Toda scintillante de noites estrelladas, toda murmurante de brisas silvestres, toda resplandecente de lagos que reflectem o céo, e de cascatas que espelham o sol em cada gota de agua que brilha como uma faisca, que se esvae como um vapor.»

(A. DUMAS.)

Para além do Poço do Bispo, na azinhaga que corta direita do centro da povoação até Braço de Prata, depararemos com uma deliciosa vivenda sombreada por copado arvoredo.

Compõe-se ella de uma casa de construcção singela mas elegante, que recata, como virgem modesta, a irreprehensivel alvura da fachada com o manto bordado de arabescos das viçosas trepadeiras, avergadas de perfumadas flôres. Uma rua ladeada de hortensias e rosas, que contorna o vestibulo, conduz directamente ao portão.

Logo á entrada patenteiava-se um gabinete todo forrado de azul, paredes e moveis, elegantemente decorado com estatuetas, quadros e plantas de estufa.

A casa, afogada pelo frondoso arvoredo que entrelaçando os ramos formava uma cerrada cupula de verdura, tinha a feição montesinha de uma vivenda rural; porém, as alcatifas que vestiam as salas desmentiam-na! Á noite, quando a lua resvalava suavemente no firmamento desenhando cifras de diamantes nas aleas, tapetadas de folhas, nos arbustos ou nos folhudos ramos das arvores que pareciam mutuar segredos com as brisas e dilatarem os seios tremulos aos beijos do luar, era encantador o aspecto da casa que compendiava n'um conjuncto harmonico o gracioso desalinho do campo com a garrida *coquetterie* da cidade!

Prodigio de fada ou inspiração de amor, que é tudo obra de magia, presidira decerto á ornamentação do eden!...

Os seus placidos silencios quebravam-lh'os apenas os rouxinoes e as toutinegras, unicos maestros que ousavam executar alli a grande partitura da alvorada ou a dos maviosos crepusculos!

Vejamos agora o que se passa no gabinete azul.

O leitor ha de convir que a felicidade, flôr exotica que em raras estufas consegue acclimatar-se, possue um aroma unico que de subito a denuncía.

No quarto onde nos achamos, desde o livro aberto e esquecido sobre o pequeno *gueridon* de nácar até á camelia vermelha que embebia a haste na jarra de porcellana de Sévres, tudo exhalava o raro e subtil perfume

que esvoaça de fugida pela terra para volver ao thuribulo de oiro e diamantes, suspenso das mãos dos anjos.

Uma mulher moça, assentada em frente da porta que abria para o jardim, lia com olhar meigo e scismador uma carta.

Ao lado d'ella, um homem, moço tambem, acariciava a cabecinha loura de uma creança que lhe pulava sobre os joelhos, fitando a sua companheira com um olhar affectuoso.

Ella interrompia de instante a instante a leitura para lhe corresponder com sorrisos que só desabrocham em labios de mulher que ama. Depois a creança ria e palrava e os dois, movidos por um só impulso, curvavam-se e devoravam o pequeno corpo com beijos.

Aproveitemos-lhe o silencio, que é no elegante dizer de D. Antonio da Costa quando mais eloquentemente se falla, para lançar uma vista d'olhos sobre a carta aberta e esquecida e com a liberdade de romancista, a quem se perdôam todas as indiscripções, ponhamos o leitor ao facto do seu conteúdo.

« Perguntas-me d'onde partiu a nuvem de tristeza
« que escurece o céo da minha felicidade e que de longe
« mesmo vai toldar o teu!... Se eu te contasse todas
« as minhas loucuras... seria um nunca acabar!...
« Perdôa, minha irmã, ou antes pensa que ao dar os
« primeiros passos no caminho da vida caira já sobre o
« seio que me deveria ser manancial de amor, so-

« bre os labios que me haviam de orvalhar a alma de
« perolas, a fria lousa de um tumulo!... O que é indu-
« bitavel é que nada ha que se pareça mais com o sen-
« timentalismo, ou por outras palavras com o absurdo
« do que a voz da saudade! Aqui estou dando inadver-
« tidamente razão ao ultimo periodo da tua carta:—*Sof-*
« *fres, Celeste, e occultas-m'o! Presinto em ti tristezas que*
« *me dóem! adivinho que não ha um só dos teus sorrisos*
« *que não esconda uma lagrima!...*

« Bem deves saber, Helena, que o unico verdadeiro
« desgosto da minha vida é estar separada de ti! Bem
« viste como eu era feliz mesmo devorada pela febre!
« Se me desvanecia toda com os extremos de dedicação
« com que tu, Henrique, e até teu marido cuidavam da
« pobre enferma!...

« Singular lua de mel foi aquella passada no deli-
« rio da febre, n'um leito, retalhada de dôres!

« Nunca esquecerei o muito que devo a Henrique.

« Em uma d'essas noites de eterno soffrimento, abri
« de repente os olhos e com o olhar vago e melancolico
« dos doentes examinei o meu quarto, allumiado pela
« tenue luz da lampada que ora parecia apagar-se
« ora lançava clarões subitos; a pendula batia com
« pausada lentidão no quarto immediato, e eu sentia
« as pulsações cada vez mais acceleradas annuncia-
« rem o paroxismo . . . Ao lado da cama estava um
« vulto immovel como uma estatua, reprimindo a res-
« piração, com a anciedade, a angustia e o terror estam-
« pados na phisionomia, espreitando com olhar perscru-
« tador todos os meus movimentos... era Henrique! Quan-

« do o reconheci experimentei um suavissimo conforto, es-
« tendi os braços e senti voltar-me a vida! Creio firmemen-
« te que lhe devo a especie de resurreição com que tu, nem
« ninguem, contavam! Beija por mim a tua filhinha, a
« nossa Celeste, a benção com que Deus sanctificou a
« tua união!... Agradéce-lh'a, feliz mãe, que vês a cada
« sorriso d'esses labios em flôr abrir-se o paraiso!... »

— Sempre tristezas? perguntou o mancebo indicando a carta e pedindo com o gesto permissão para lêl-a.

— Vê! respondeu ella pondo-lhe o papel nas mãos.

— Sempre! acudiu, concluindo a leitura. Não comprehendo que genero de desgostos possa experimentar uma mulher casada com um homem amado e amante!

— Paréce-te que elles se amam?... observou Helena, cobrindo o marido com um olhar penetrante.

— Quem o duvída?

— A minha consciencia! Sinto mil vezes o pungir do remorso no meio d'esta felicidade immensa que lhes devo, porque não sei que voz mysteriosa me revela que foi a preço da sua! Quando a ventura do nosso amor consegue adormecer estes tristes presentimentos vem as cartas de Celeste despertal-os. Muitas querem ser alegres, riem mesmo como póde rir uma creança, mas eu que daria tudo para que aquella felicidade fosse verdadeira adivinho atravez da mascara uns olhos que choram!

— Louquinha! volveu Manuel beijando-a na testa. A tua affeição por Celeste reunida aos cuidados que te inspira a sua debil saude illudem-te e dão margem a esses infundados receios!

—Escuta, Manuel, tornou Helena curvando a cabeça até roçar com os cabellos o rosto de Manuel; Celeste amava-te! Paréce-te que uma mulher como ella possa esquecer-se de um homem como tu e substituir esse amor por outro amor sem que o coração lhe fique esmagado e a vida extincta?...

—E Henrique não te esqueceu tambem?

—A alma de Henrique é de outra tempera: é-lhe facil sujeitar o sentimento ao raciocinio. Bastou a minha frieza para que elle de subito mudasse. Apenas levantou olhos do desengano que o feriu, amou Celeste como se ama a esperança que nos salva. É verdade que tambem o meu coração que até alli se dera em extremos de irmã a Henrique foi todo para ti; mas se tu eras o meu bello sonho realisado!... Quem não havia de prostrar-se e adorar?... Ah! Manuel, julgas que ella poderia trocar-te por outro?... Não a viste, pallida como um cadaver, tentando sorrir mas fazendo chorar, n'esse dia em que sobre a florente grinalda de noiva esvoaçava como que um crepe funebre!... Não reparaste como o seu olhar fugia de todos os objectos sem se fixar em nenhum, triste, vago, quasi desvairado? Quando se é feliz, Manuel, ha o quer que é em nós que resplandece, uma especie de reverberação intima, e no rosto de Celeste lia-se só a idéa dominante de cobrir com uns pallidos e ephemeros sorrisos a luta de sentimentos que se lhe travava no peito! Outros olhos illudir-se-iam, talvez; os meus, não, que estavam habituados a comprehendel-a.

Quem sabe se tudo aquillo, repentino e ostensivo de

mais para ser verdadeiro, não seria o resultado de uma convicção adquirida a preço de muitas dôres?...

Ás vezes, Manuel, quando todos estes acerbos pensamentos me flagellam e que a imagem de Celeste, melancolica como a saudade, me pede contas da ventura que lhe roubei, fujo para o berço do nosso filho, acolho-me á sombra das suas azas de anjo, fico-me a contemplal-o, a aspirar-lhe o halito com uma sofreguidão que te faria rir, e supplico-lhe o perdão de Deus! Não te zangues comigo, não? Estas expansões fazem-me bem!... Se eu te não dissesse tudo soffria mais!

— Todas essas apprehensões, acudiu Manuel acariciando a esposa, hão de desvanecel-as a felicidade d'elles. A tua alma delicada como a sensitiva assustou-se injustificadamente por algumas palavras que Celeste escreveu ao acaso, talvez para encher papel! Como Hamlet, minha pobre Helena, consomes o tempo a interrogar o impossivel! Porque não dizes tambem como elle, *palavras, palavras, palavras!*

Celeste nunca me teve amor, crê; quanto a Henrique estou convencido que não sentiu nunca por ti essa paixão dominadora e unica que se assenhoreia de toda a vida. Se elles não se amassem o que poderia instigal-os a unirem-se por laços indissoluveis?

— Mas se tudo fosse natural e verdadeiro, como asseveras, para que se separariam de nós a despeito das nossas instancias, pretextando negocios tão insignificantes que não podiam ser senão uma evasiva?

—Eu sei!... Talvez a saude melindrosa de Celeste aconselhasse a Henrique mudal-a de terra.

—E a mãe de Henrique, a quem essa resolução affligiu tanto! Pensas que o filho a levaria ao cabo se o não impellisse alguma razão grave e ponderosa?

Que separação está tão penosa para todos e particularmente para meu pai!... Celeste era a sua segunda filha, que cantava e ria quando eu scismava...

Foste tu que converteste a criança risonha e despreoccupada na melancolica mulher que conhecemos hoje.

Foi o teu olhar profundo e fascinador que apagou o sereno e radiante azul dos olhos de Celeste!

Oh! Manuel, que milagres os do amor!...

Ora se dilue em perolas que jorram em caudais das mãos dos anjos sobre as petalas dos lyrios que entreabrem a medo o seio immaculado; ora surge na vida como um raio fulminando e prostrando os gigantes, os invulneraveis!

E dizes tu, louco! que ella te não amava!...

Quem podéra acreditar-te? mas a minha consciencia... a minha razão... não podem! Quem sabe se elles padeciam horrores em quanto as nossas vidas se enlaçavam?... Quem sabe se a loucura da abnegação os despenhou sem haver um braço que os detivesse, sem que uma voz se fizesse ouvir para dizer-lhes: —párem, desgraçados!

Agora é muito tarde!... concluiu Helena afogando a voz em lagrimas.

*

— Helena! suspirou Manuel unindo os labios da criança aos da mãe, olha a nossa filhinha como está a reprehender-te com sorrisos! Bem sabe ella que é do céo que lá não se chora.

Fez-se longo silencio. De mãos enlaçadas contemplavam-se os dois com apaixonado olhar.

A phisionomia de Helena até então contrahida pela angustia serenou pouco a pouco.

— Posso assegurar-te, minha Helena, continuou Manuel desejando expulsar a derradeira nuvem que obscurecia ainda a fronte da esposa, isto sem receio de enganar-me, que Henrique ama Celeste. Li-o nos seus olhares, nas suas palavras, na espontanea dedicação d'aquellas noites de vigilia á cabeceira de Celeste. O sacrificio, embora heroico, não exigia tamanho gráu de dissimulação: o amor d'elle é sufficiente garantia para tranquillisar-te. Celeste ha de vir a corresponder-lhe, se é que lhe não deu já o coração.

Henrique tem uma alma nobilissima, far-se-ha amar; e se na verdade tanto devemos a Celeste recompensal-a-ha a sua propria felicidade. Acredita-me, minha filha, não deixes que as nuvens tomem posse do nosso céo azul.

— Nuvens! pois ainda?! perguntou Guilherme de Menezes entrando no gabinete e sorrindo com amoravel expressão.

— Não, meu pai, acudiu Helena erguendo-se risonha, cingindo com o collar dos braços a cabeça branca do pai e beijando-lhe a fronte cortada de rugas.

Depois voltando-se para o marido, amante na voz e no olhar humido de ternuras disse:

— Não é verdade, Manuel, que não se póde ser mais feliz?...

XVI

> Ó cruelles angoisses d'un cœur que dévore la soif impatiente de la lumière et de l'air pur des cieux!
>
> (BYRON.)

« Porque não vens, Celeste?... » escrevia Helena assentada em frente de uma elegante secretária, guarnecida com duas jarras de flôres, por uma manhã de sol radiante.

« Esse teu continuo padecer inquieta-me e afflige-me!
« Diz-me o coração (elle é tão vaidoso!) que os risos da
« minha filhinha e o aroma das flôres que me perfumam o
« quarto e o papel onde te escrevo, reunindo-se aos ex-
« tremos da nossa dedicação seriam agentes therapeuti-
« cos a que a tua doença, por mais teimosa, não saberia
« resistir. Os cuidados incessantes em que vivo confes-
« so-te que não me deixam ser feliz! Porque não vens, ó

« minha doce irmã, completar com a tua presença este
« viver talvez demasiadamente bello para que possa ser
« perfeito?

« Ás vezes sou tão louca que tenho medo, e pergun-
« to então se não será a felicidade uma usurpação
« onde ha tanto quem padeça?... E se tu padecesses
« tambem, Celeste?... Se em quanto Deus me abre o
« paraiso agonisasses tu!... Oh! que se assim fosse o
« que não daria eu para me ser permittido confundir
« com as tuas as minhas lagrimas!... Não vês como
« tudo isto me desvaira e quantos supplicios invento pa-
« ra torturar-me?!... Bem podes ter dó!... Meu pae
« tambem não sabe resignar-se a viver sem ti. Queira
« Deus que á volta do correio me digas que te vá espe-
« rar. Como tudo se alindará para receber-te!... Tudo
« desde o singelo alegrete de malmequeres até á touqui-
« nha de rendas da minha filha... Verás como ella é bo-
« nita! Poderás tu resistir a todas estas seducções, ingra-
« ta?... Não creio!»

Decorridos alguns dias recebia Helena a seguinte
carta:

« Inebrias-me com a ambrosia do teu Olympo, des-
« lumbras-me com a pintura do teu eden, minha feiti-
« ceira! Aqui me chegou uma pouca de fragrancia e nem
« por isso, com despeito o confesso, me deixaram aspi-
« ral-a estes meus crueis pulmões!... Quizera levantar

« vôos para essas paragens onde ha brisas tepidas, rosas
« cheias de seiva, anjos que sorriem e corações exhube-
« rantes de amor! mas por desgraça não posso! A fe-
« bre teima em crestar-me o viço da mocidade e paréce
« querer esphacelar-me o peito!... Não te assustes, mi-
« nha irmã, bem sabes que se a vida se obstina em ten-
« tar fugir-me não é porque me faltem desvelos da mais
« acrisolada dedicação. Henrique, o meu bom e gene-
« roso Henrique vive exclusivamente para mim. É o
« anjo custodio que véla noute e dia pela criança que lhe
« confiaram. Não me digas que soffres, Helena; se ha na
« vida ambição que deveras me preoccupe é a de vêr-te
« radiante de felicidade, como um astro propicio que mes-
« mo de longe possa aquecer-me o coração!

« A realisação d'este desejo não deves nem te é per-
« mittido roubar-m'a. Deus não te perdoaria!...

« Vive, minha irmã, sê completamente feliz, não te
« inquietes por amor de mim. Deixa passar o perfido ou-
« tomno que me pésa no peito como a fria lousa dos tu-
« mulos! Quando a luz da primavera fecundar o campo
« e me transmittir o seu almo calor pedirei então ao meu
« Henrique que me leve para ti, como a alma penada
« pediria a Deus que a levasse do purgatorio para o
« paraiso ! »

Estas cartas que Helena estudava attentamente diligenciando adivinhar-lhes o recondito segredo, levando horas consecutivas a interrogar a impassivel folha de papel, a supplicar-lhe que lhe fosse luz para as trevas do remorso

que lhe minava o coração ennoiteciam-lhe a melhor parte da existencia. Como que preadivinhavam ellas o acordar severo da consciencia que pediria contas da felicidade adquirida á custa de alheias dôres.

Celeste allucinada pela febre do sacrificio, combatendo como os martyres christãos o dilaceramento da tortura com a exaltação da crença estava longe de suppor o effeito das suas palavras. Parecia-lhe que ninguem poderia descortinar o oceano revolto em que se lhe transformára a tranquilla e suavissima alma atravez da apparente serenidade do seu estylo!

Helena, porém, é que não conseguia amortecer o penetrante e implacavel olhar da consciencia! Adivinhava tudo quanto havia de constrangido, ephemero e falso no matiz do quadro; os sorrisos volviam-se-lhe em pranto e pungiam-na no intimo do coração!

No fim de outros quinze dias de mortaes inquietações, de presagios afflictivos recebeu Helena nova carta:

« Louvado Deus! que os estremecidos affectos que
« me dão ares de *enfant gâté* afastaram por emquanto
« o insaciavel vampiro!... A morte poupou-me!...
« Hontem dei um passeio de borboleta, esvoaçando de flôr
« em flôr e sugando-lhe o nectario! Fomos a S. Lazaro:
« o céo azulejava resplandecendo jubilos e confortos, as
« toutinegras e cotovias, os pardaes e pintasilgos, to-
« da a alada familia, emfim, chilreava banhando-se na
« luz do sol que transformava as gottas de orvalho
« pendentes das folhas das arvores e das petalas das flô-

« res em diamantes e abrazava o campo com os seus
« osculos de fogo. A fecunda natureza, divino Protheu
« de eternas metamorphoses, parecia ter desentranhado
« do seio da criação as suas mais ridentes galas para
« florear primazias com a primavera! A viração que nos
« acariciava o rosto era tepida e balsamica como a das
« tardes de estio! Dir-se-ia que a infinita bondade de
« Deus communicára ao dia o piedoso encargo de alegrar
« a pobre convalescente que voltava, rindo como uma
« criança, aos braços da provida mãe. Se nos visses,
« Helena!...

« Pareciamos dois estudantes em ferias! Corriamos
« atraz das borboletas, devastavamos os alegretes das
« rosas, disputavamos um ao outro os canteiros das vio-
« letas!... é escusado dizer-te que a derrota era sem-
« pre para mim; mas queres saber? (ponham os olhos
« n'este exemplo todos os conquistadores do mundo!)

« O vencedor correspondia ás magoas do vencido of-
« ferecendo-lhe as primicias da victoria!

« Já vês, minha pomba assustadiça, que não havia
« motivo justificado para os teus terrores!...

« Pensas na vinda ao Porto; e a tua filhinha? Seria
« uma imprudencia expol-a aos incommodos da jornada
« e ás intemperies da estação. Eu é que hei de ir abra-
« çar-te, e deliciar-me com as venturas que lá me es-
« peram logo que a primavera espalhe ás mãos cheias
« flôres pelos campos e rejuvenesça a terra com a sua vita-
« lidade creadora. Para longe as tristezas, minha irmã.
« No filho que Deus te deu, consagração ineffavel de
« dois amores, irradia a aurora de todos os jubilos; bem

« vês que debalde pretenderiam obscurecer-te a alma as
« sombras da noite! Fallas-me em presentimentos, em
« tristezas, em risos que escondem lagrimas!... e creio
« até que escreveste a palavra *remorso!!...* Será ver-
« dade o que diz a Girardin? — *Que o excesso da fe-*
« *licidade se parece com a desdita?* Remorso! Pois não
« castigou logo a louca palavra o bom anjo das tuas ho-
« ras de encanto?... Em conclusão, minha irmã, isto
« para afinar um pouco pela diapasão das tuas mais que
« pueris apprehensões: crês que será grande desgraça
« morrer?

« O que é a vida senão um sonho ephemero durante
« o qual se desfazem á nossa vista, como globos de sa-
« bão, tudo quanto mais se amou: illusões douradas, as-
« pirações insoffridas, enlevos intimamente acariciados!...
« Que importa a quem desce impellida por uma fatal at-
« tracção a sondar-lhe a aridez e volta á superficie tra-
« zendo como o mergulhador por unico premio da fadiga
« uma perola, a *realidade,* que o limite da jornada seja
« proximo ou longiquo?... Helena! Helena!... enthe-
« soura com avara solicitude os teus sonhos, as tuas cren-
« ças, o teu paraiso de celestiaes alegrias!... Não dei-
« xes que a aza negra da tempestade desfolhe a flôr sin-
« gular e unica que enraizou na tua alma!...

« Se tu soubesses como tudo isso é raro no mun-
« do!...

« As dôres reaes são tantas, Helena, que é mais do
« que loucura, que chega a ser crime creal-as imagina-
« rias! »

Helena acolheu com rebates de alegria a noticia das melhoras da amiga e ainda que ella se parecesse com o pallido raio do sol que atravessa a medo castellos de nuvens foi o bastante para que deslembrada da gravidade inherente ao seu duplo titulo de esposa e mãe batesse as palmas suspendendo-se n'um impeto de jubilo do pescoço do marido.

Na manhã do dia subsequente saiu Helena como tinha por costume no cumprimento da sua missão de mãe dos pobres, mas n'esse dia tiveram elles que se sentiam reviver em presença da sua formosa bemfeitora esmola duplicada! As bençães e orações seguiam-n'a e coroavam-n'a e ella preferia-as aos diamantes que deslumbram outras mulheres.

Pela tarde, Helena, Manuel e Guilherme de Menezes sairam. Helena parava a todo o instante ora para admirar algum ponto notavel da paizagem, ora para colher uma flôr silvestre, ora para fallar em Celeste indicando os logares que de preferencia se lhe deviam fazer notar.

Manuel dominado pelo contagio d'aquella alegria associava-se-lhe rindo como um perdido. Guilherme de Menezes olhava para ambos com mostras de visivel satisfação.

A tarde estava encantadora a despeito do vento cortante do outomno que varria as folhas das arvores levantando-as em turbilhões. A pallidez do sol quebrava-se na ondulante esteira da planicie em cambiantes de suave languidez; os trabalhadores occupados na faina da vindima recolhiam com os cestos onde atravez dos verdes pampanos lourejavam os cachos; as ovelhas pastavam

e presentindo a noute balavam com saudades do aprisco; os bois, somnolentos e pausados, voltavam do trabalho com passo vagaroso.

Pouco a pouco o rosicler do crepusculo foi escurecendo; a purpura fundiu-se em tons violaceos fechando-se de subito n'um manto côr de chumbo que toldou de repente o céo. No meio de uma clareira redomoinháram punhados de folhas seccas e ergueram-se em espiraès fustigadas pelo furacão; sentiu-se o cheiro acre que exhala a terra ao adivinhar a chuva e revoadas de passaros, piando assustados, fugiram indo occultar-se na espessura do arvoredo.

Os tres passeiantes pararam surprehendidos, dispondo-se a voltarem para casa ou a recolherem no primeiro alpendre.

A chuva não se fez esperar e começou a cair impellida pelas rajadas do vento.

Manuel inquieto e cuidadoso pela saude de Helena, depois de envolvel-a em um chale que lhe resguardava a cabeça levantou-a nos braços e seguido por Guilherme de Menezes tomou rapidamente pelo atalho aberto no pendor do valle.

Apenas chegados entregaram uma carta a Manuel; era de Henrique.

Dominado por funestas apprehensões Manuel rasgou o sobrescrito, desejando ao mesmo tempo esconder a carta das vistas de Helena. Era tarde! A mesma apprehensão a ferira a ella que trémula e anciosa cravava os olhos no papel. Manuel hesitou um instante; porém, calculando que a sua perplexidade, talvez infundada,

poderia causar maior damno a Helena dispoz-se à ler a carta.

Continha duas linhas apenas, traçadas por mão trémula e visivelmente dictadas pelo desvario de uma grande dôr:

— «Venham, meus amigos, talvez possam ainda salval-a?... Ella morre!...»

XVII

Duas palavras antes do epilogo, que o leitor poderá deixar de ler mas que a fantasia, caprichosa e dominadora para não desmentir o sexo, me não consente supprimir.

É mais do que provavel que este livro atravesse desapercebido os arraiaes da critica, porém, supponho por um instante que de lá se levante a ferula despiedosa e que estas paginas tenham de ser castigadas conversemos um pouco.

Se ellas copiam a vida real ou se são apenas uma ficção concebida á luz do ideal é o que, com a devida venia, não direi, deixando á intelligencia de cada leitor a conjectura que mais de geito se lhe moldar.

O amor, flôr que todas as abelhas libam e de que extrahem o aureo mel e a amisade, esthetica do sentimento, raridade que por muito falsificada passa como

duvidosa são as unicas molas em torno das quaes gira a acção do romance. Indicarei algumas das sombras que sem auxilio de telescopio resaltam ao primeiro exame, ainda que não saiba, nem possa, nem talvez queira dissipal-as e para isso estabelecerei um dialogo entre a individualidade, autor, e a collectividade, leitor.

Leitor: — É preciso confessar que o seu estylo justifica mais uma vez o axioma de Buffon! Vê-se atravez d'elle a alma feminil que vibra como uma harpa ao contacto dos sentimentos, que se deixa ir presa ás azas da fantasia, attraida pelo capricho, captiva de inverosimeis devaneios e deslembrada dos preceitos austeros e intransigiveis da Arte!

Pois o amor (é o leitor quem falla!) clamyde de Dejanira, fogo que humanisa o marmore, archanjo luminoso que suspira no seio de Julietta moribunda, que absolve o algoz no derradeiro olhar de Desdemona, que entrança rubras flôres nos myrtos da corôa do Tasso, que jorra em torrentes de eloquencia dos pallidos labios de Corinna no Capitolio, realeza que não depõe o sceptro nem mesmo á beira do tumulo deverá ser sentido como Henrique o sente?! Henrique que parece destinado a levantar a these do amor puro e infinito e que cae de subito na vulgaridade de um galan de officio, pueril conquistador de salas!...

Eu: — Abramos um parenthesis, se o leitor está de acordo, antes de responder consoante ao reparo.

Ácerca de um pobre conto meu, (1) que corre mundo, houve quem se dignasse expender opiniões que mutuamente se contradiziam!

—Fez bem em casar Cecilia com o conselheiro!

—Fez mal casando o conselheiro com Cecilia!

Analisemol-as!

Na primeira reside a meu ver um reflexo da moderna escola realista, na segunda depara-se-nos a tendencia para os idealismos da romantica.

Se o romance deve ser exclusivamente o que é hoje o theatro de Sardou e Dumas filho e a *Madame Bovary* de G. Flaubert, isto é um transumpto de realidades hediondas, uma photographia de scenas mais ou menos desoladoras, uma especie de fiel resenha do que se passa de peior (de melhor nunca!) em cada *ménage* dissolvente, mordido pela lepra do adulterio, que se penteia no Godefroy, calça luvas no Baron e botas no Stelpflug, ou se o romancista deve subir ás regiões ethereas para inspirar-se no concerto das espheras, compôr hymnos e fantasiar idyllios; para despregar as estrellas que bordam a cupula azul, metamorphosear ao calor d'ellas a argilla em ouro, vasar o ouro derretido nos moldes homericos que a antiguidade grega sepultou no seu grande tumulo perfumado pela legenda da esplendida formosura, e apresentar depois Jupiters como os de Phidias, amantes como Werther ou Amaury, visionarias como Lelia, sylphides como Dêa, cynicos como D. João ou loucos tragicos como Antony é o que humildemente confesso que não sei,

(1) *«Uma alma de mulher.»*

mas sempre direi que se não sympatiso em synthese com a escola realista, tal qual a comprehendem os seus interpretes, tambem não morro de amores pelos descabellados extravios dos romanticos.

Seria indubitavelmente mais poetica a natureza de Henrique, appareceria aos olhos da mocidade idealisadora mais attrahente e mais lyrica se trahido no primeiro amor, no doce amor da infancia procurasse no suicidio a solução do seu destino. O que elle resolve, porém, segundo o meu modo de julgar, é mais elevado, mais natural á sua indole, menos inverosimil sobre tudo.

Leitor, se não approva ao menos absolva que eu já de antemão me penitenceio.

Leitor: — O que é certo e irrespondivel é que não são bem aproveitados os lances de effeito chegando a sua impericia a ponto de consentir que Celeste, a mulher superior, aureolada pelos prestigios de um grande amor, se molde ás fórmas liliputianas de boa dona de *ménage*, e o que é peior occupando os ocios a fazer espirito epistolar! Nem sequer lhe abriu as portas de um convento!! Pois não estava a pedir a poesia elegiaca do claustro, com vidros de côres, arcarias gothicas, cellas estreitas, jejuns macerados e orgão de plangentes psalmos maviozos aquella Celeste loira, suave e formosa como uma virgem biblica?

Eu: — Não estava, não, leitor!

Celeste filia-se na pleiade (e bem podemos chamar-lhe pleiade!) de certas creaturas que preferem diluir o coração em lagrimas, crucifical-o na hora da agonia n'um calvario que ninguem vê a prorromperem no selvagem delirio de Sapho ou a darem em espectaculo ao mundo a sua dôr n'uma descozida scena de melodrama! Almas de semelhante tempera sacrificam-se serenas e resignadas; dizem adeus á vida, como o Nazareno, com a doçura unctuosa do perdão nos labios; vão á flôr da onda, rio abaixo, entrançando grinaldas e despedindo-se da terra, como Ophelia, com os olhos no céo! É preciso subir até onde ellas pairam para comprehender a sublime religião das grandes abnegações silenciosas.

Leitor:—Mas se essa mulher tinha coração para amar, como Graziella, morrendo de amor, como poderia dar-se a Henrique arrancando assim o proprio coração aos pedaços? A amisade não é estimulo que dê de si heroismos taes! Os nomes de Pylades e Orestes, remotos e excentricos, chegáram aos nossos dias apenas como um pouco de pó que o vento leva!

Eu: — Na singularidade d'esse grande sacrificio consummado nas aras do sentimento puro de interesses está, segundo me parece, a revelação do que é e do que vale Celeste, a mulher superior que sentindo os espinhos rasgarem-lhe os pés embebe os olhos no fulgor diamantino das estrellas!

Leitor: — Deixe-me tambem observar-lhe que ha monotonia na paizagem, falta de aperfeiçoamento nos contornos, má disposição no claro escuro e sobre tudo auzencia de sentimento artistico na concepção de uma das principaes figuras: — Helena, Helena que desce até á vulgaridade de mulher leviana e inconstante!

Eu: — O romance, leitor, tirante os accessorios, tanto póde ser ficção minha como facto real e verdadeiro, e para esse bem sabe que não ha logica que preste.

Concluo eu, porém, seja qual fôr a hypothese, que a alma de Helena tem de ser analysada á luz de outro criterio. Dou agora mesmo com os olhos na pagina onde Byron põe nos labios do Tasso estas palavras:

« *Eras para mim uma reliquia sagrada, encerrada em globo de crystal, que adorava sempre em distancia beijando reverente a terra.* »

Sabido é que a sagrada reliquia é a princeza d'Este: e todavia o poeta que *beijava respeitoso a terra* ousou levantar os olhos para a mulher!

Pobre Tasso! que se viu martyr á hora em que sonhára ser amante!

O livro de Byron ministra-nos pois um corollario eloquente.

Se a natureza viril do poeta da *Gierusalemme* succumbe, como tantas outras, fulminada pelos raios do grande astro o que será de Helena que se atreveu a en-

carar com elle sem primeiro resalvar o peito, forrando-o de amianto?!

Leitor: — Ainda uma reflexão consoante á precedente e creio que difficil de responder. Porque é que o fantastico Manuel, devaneador, poeta e amante como Raphael e visionario como Hamlet retrahe de subito as suas qualidades ingenitas e atraiçôa dois santos e intimos affectos?...

Eu: — Esperava em nome do meu dilecto heroe a pergunta que lhe haviam de assestar ao coração como um ferro buido!

Manuel, que se não parece em cousa alguma com o leão, janota ou *petit crevé* é, se o leitor dá licença, um vulto excepcional que permanece na esphera que lhe é assignalada e tem de ser observado tambem de uma maneira excepcional. Alma enregelada pelo attrito da arida existencia consumida no vacuo, saciada de prazeres ephemeros, despojada de crenças, adormecida na sombra sonhava ainda ás vezes com o impossivel, radiante de formosas chymeras!

Do seu leito de pedra, convulsionado como Tantalo pelo suppliciante simulacro da appetecida e mentirosa felicidade poderia, estendendo os braços para a fugitiva e allucinadora visão, exclamar como o malfadado poeta da *Rolla:*

«Pourquoi promenez-vous ces spectres de lumière.
Devant le rideau noir de nos nuits sans sommeil?»

Um dia a miragem substituiu-se pelo objecto real, curvou-se para o visionario e deu-lhe na fronte o osculo redemptor! O beijo diluiu os gelos da mortalha e o morto ergueu-se do tumulo como Lazaro cheio de fé.

O excesso da felicidade que se parece fatalmente com o egoismo não lhe deixou vêr que o pedestal onde levantára o idolo esmagava dois corações!

Isto é evidente e logico.

O homem cego pelas irradiações do dilúculo não vê o que se passa na sombra. Só mais tarde, quando o raio visual consegue dominar o raio luminoso é que lhe é dado descer a vista á consciencia.

Se o leitor crê que um filho do seculo, d'este seculo que dorme mas não sonha, que preferiu o raciocinio á chymera, que poz o pensamento no logar do sentimento não é dado a idealisações nem consome a vida a evocar fantasmas conclua então, que para isso lhe dei já ampla liberdade, que o romance é fructo exotico de uma intelligencia mediocre.

Leitor: — O que é peremptorio é que o romance, real ou imaginario, bom ou mau não prova cousa alguma, não apresenta nem sequer discute uma só these!

Eu: — Convenho! Mas, santo Deus! se exigissemos passaportes identicos a todos os romances menos de metade teria de renunciar á viagem.

Deixem passar este que não affirma nem nega, que

não prova nem discute, que aspira só a ser lido pela gente moça e a levantar-lhe o espirito, por breves instantes, acima das tristes realidades da vida.

«*Les romans font les mœurs*» disse algures A. Karr. Ainda não é ponto decidido, isto com permissão do célebre autor das *Guêpes,* se são ao contrario *les mœurs qui font les romans*. Esta segunda maxima, se a admittissemos, daria talvez razão de si e explicaria o que ha ou o que parece haver de contradictorio nos personagens do meu romance.

Agora saiba o leitor amigo (confesso-lh'o á puridade) que se a autora criticou o livro foi de proposito para que elle não passasse á posteridade (!) desacompanhado das honras da Critica.

XVIII

«Bois que j'aime, adieu, je succombe;

. . . .

Et dans chaque feuille qui tombe,
Je vois un présage de mort.»

(MILLEVOYE.)

Amanhece!

Passaros e rosas exhalam e cantam, com a fragrancia que perfuma e com a voz que é melodia, o *ave* da manhã. O céo embebendo a côr lactea da alvorada nas rubras tintas do crepusculo annuncia vagamente o nascer do sol. As aves voam em bandos enchendo o campo com os seus gorgeios. Ao longe avistam-se as eiras testemunhando com as suas ondas de espigas de ouro a riqueza dos lavradores. Pouco a pouco veem-se ao de leve no céo as côres da opala que avelludam os pincaros dos montes e transformam as perolas do orvalho, suspensas dos arbustos, em diamantes.

Amanhece!

A natureza acorda risonha como uma criança a espelhar-se nas aguas e a rever-se no céo; as acacias alastram o chão com as ultimas flôres desfolhadas, as violetas exhalam o subtil perfume que as brisas da manhã colhem ao despontar e espalham no ambiente.

Amanhece!

As janellas abrem-se para os que vem, coração alegre e riso na bocca, saudar o sol que se levanta por detraz das serras despedindo torrentes de luz, revestindo os açudes que rebentam em jorros de agua, os regatos marginados de fetos e as sebes floridas de pilriteiros, amoreiras silvestres e congostas de um aspecto risonho e festivo. Outros sahiam para beber com o ar puro da manhã a vitalidade creadora que provém da terra fecundada pelo orvalho.

Se ha hora em que as almás recebam como as flôres do seio da natureza forças para as inclemencias da vida é decerto n'esta hora de transição suavissima entre as sombras e a luz, entre a noute e o dia.

Havia só uma janella, entre tantas, que conservava as stores hermeticamente corridas. Pertencia ella a um *cottage* (como diria qualquer escriptor moderno) mas eu dou a primazia ao meu nativo portuguez e chamar-lhe-hei o que realmente era, uma casa de campo.

Poucas cousas ha que mais de sabor se ageitem ao capricho da fantasia do que uma casa pequena, branca como a neve, escondida entre arvores, de pé na solidão como o genio das florestas a deixar-nos lêr nas suas paredes brancas, como em folhas enormes de um livro esquecido,

idyllios, sonhos de fadas que penteiam ao luar os louros cabellos perfumados, romances de amor e mysterios de saudades que fogem para o passado ou que aspiram ao futuro! D'esta vez, por excepção, cortemos as azas á phantasia e examinemos simplesmente o que se passa dentro da casa mysteriosa. A antithese com o ridente quadro exterior é terrivel!

É justo, porém, que a natureza, amante de todos quantos lhe pagam os extremos com indifferença, castigue ás vezes pungentes dôres com o espectaculo ironico das suas festas!

Deixe-me confessar-lhe antes de mais nada, leitor, que me sinto incompetente ante a grandeza da situação e que lamento a impossibilidade de esboçar-lh'a a traços rapidos mas vigorosos.

Em quarto pequeno e simples, deitada n'um fanteuil, vê-se uma mulher loura, pallida e triste como uma visão que vae sumir-se no espaço. Adivinham-se-lhe as fórmas franzinas e irreprehensiveis debaixo das pregas de um amplo penteador. A cabeça, encostada nas almofadas, faz lembrar um rosto de virgem Raphaelesca destacando de um fundo de marmore, emquanto as mãos brancas e transparentes pendem, uma sobre o braço da cadeira e a outra no concavo de duas mãos que a apertam estreitamente. Não se ouvia no quarto senão a respiração difficil e irregular da enferma e o bater pausado e monotono da pendula.

— Henrique! disse a doente para alguem que chorava a seus pés tentando reprimir os soluços que lhe rebentavam convulsos do peito, pobre Henrique!...

A claridade da manhã esbatida pela sombra das cortinas augmentava a pallidez d'aquelle rosto que parecia de cera.

— Ouve, Henrique, acrescentou curvando-se para elle, se tenho pena do mundo é por amor de ti. Pobre amigo, que ficas só n'este deserto da vida!...

Henrique levantou-se e beijou-lhe a testa.

Não era o beijo do amor, era o beijo da agonia!

— Sinto o sangue queimar-me e tenho frio!... Abre a janella, Henrique, deixa entrar a luz, o calor, a vida!

Henrique obedeceu: livido, com os olhos queimados pelas lagrimas levantou com mão trémula as cortinas. No mesmo instante o aroma dos campos e a claridade do dia invadiram o quarto.

Celeste sorriu com expressão angelica e aspirou com uma especie de avidez o ar puro da manhã.

— Tardam tanto!... disse a meia voz, e a morte não espera!

— Celeste, acudiu Henrique com a voz cortada pelos soluços, Celeste! repetiu ajoelhando, tem dó de mim! Bem sabes que no mundo só te tenho a ti, que foi a tua voz que me restituiu a vida...

Todos os sacrificios devem ter grandes compensações... Não foi debalde que Deus te trouxe ao meu calvario. Onde queres tu, criança que sonhas com a morte, que eu vá esconder as lagrimas?...

— Fica-te tua mãe, Henrique.

— Minha mãe! atalhou Henrique, minha mãe que tem no coração os gelos da velhice!...

— Louco! bradou Celeste pondo na voz toda a ener-

gia que lhe restava. Louco! o que não poderá o amor de mãe?... Sabes tu porque anoitece para mim quando os outros tem a aurora de todas as venturas no coração?

Porque se me apagou á nascença essa grande luz de amor; porque quando me tiraram do berço, pobre orphã! já a pedra do tumulo tinha descido sobre ella! Henrique, continuou dominada por uma profunda commoção, com a voz cada vez mais fraca, perdôa-me em nome do que tenho padecido; deve ser terrivel levar para a eternidade o remorso de haver feito alguem desgraçado! Pede a tua mãe que me perdôe ter-lhe roubado o filho; restituo-lh'o agora... Supplica-lhe em meu nome que te faça feliz...

— Socega, minha filha, interrompeu Henrique. Não falles tanto! Olha, acrescentou com voz trémula e cerrando os dentes para simular um sorriso, se continuas vou chamar o medico. Quero, ordeno que vivas; hasde viver!

— Viver! segredou a doente meneando a cabeça com gesto melancolico e fechando os olhos, é tarde!...

Defronte da janella do quarto, que o sol inundava, havia uma arvore; escondida na bastura da folhagem soltava a toutinegra o seu canto doce e triste.

— Falla-me em Deus, Henrique, proseguiu quasi inintelligivelmente, falta aqui o padre... a voz austera que nos chama para Deus!... o balsamo para todas as dôres... o perdão para todas as culpas!... Suppre-o tu, Henrique. O brilho do sol... o azul do céo... o perfume das ultimas flôres... tudo são vozes d'essa harmonia immensa que prende a creatura ao Creador. Falla-me em tudo isso que me annuncia o paraiso!

Tu que és bom, que crês com toda a energia da tua força viril em Deus e nas grandes recompensas que elle reserva ás almas escolhidas... aos martyres... tu que levantaste a tua fé isenta e rediviva acima d'este seculo indifferente e sceptico... transmitte-me as tuas crenças... dá-me forças para transpor o desconhecido... Só tu podes acompanhar-me na hora da agonia...

— Ó meu Deus!... meu Deus!... exclamou Henrique aterrado. Vou chamar o medico.

— O medico, para que? Não chames ninguem, atalhou Celeste com voz extincta, não te tires do pé de mim... acrescentou apertando-lhe as mãos. Deixa-me morrer nos teus braços... Quando ella vier dize-lhe... que lhe... perdôo... que morri querendo-lhe muito... Mas tu não me fallas... em Deus, Henrique... n'esse Deus que morreu por nós! Já te não vejo... dá-me as tuas mãos... assim... Agora falla, meu amigo, falla... quero ouvir a tua voz... como uma melodia... que me adormeça a alma... no Senhor!...

— Era justo que eu te perdesse, minha pomba, tu não pertencias á terra!... disse Henrique suffocado pelos soluços, afogando em lagrimas as mãos que procuravam as suas. Vai depôr aos pés de Deus a palma do teu martyrio... volta para o céo!

A toutinegra continuava a cantar e o sol cada vez mais brilhante enchia o quarto de luz. Um nome e um sorriso adejaram nos labios de Celeste, percorreu-lhe o corpo um leve tremor; de subito suspendeu-se-lhe a respiração.

Henrique não soltou um ai. Ficou de joelhos á beira

d'aquelle corpo, bello como uma estatua adormecida, immovel e livido como se a morte tivesse feito d'elle outro cadaver. Abriu-se a porta do quarto, ouviu-se uma palavra e o baque de um corpo.

Henrique levantou-se como um automato, com o olhar vago e desvairado: viu Helena caida a seus pés e Manuel que o contemplava com a expressão do terror na physionomia, foi então que precipitando-se nos braços de Manuel deixou desbordar a dôr que lhe rebentava do peito n'um grito unico e dilacerante.

CONCLUSÃO

Adieu! adieu ma terre natale, disparaît au loin sur l'onde azurée; les vents soupirent, les vagues mugissent... nous suivons dans sa fuite ce soleil qui va se coucher dans le palais de l'océan. Adieu pour un temps, à elle et à toi; ô terre natale, adieu!

(BYRON. — *Childe-Harold.*)

Gósto do mar, e no entanto sempre que o vejo ou que tenho de fallar d'elle fico triste e sinto fugir-me o pensamento, mergulhar no seio profundo das ondas, envolto como a Venus da mythologia n'um manto de espuma, e descer com ellas para o insondavel abysmo! Captiva-nos essa magestade cheia de mysterio que ora cresce e se levanta, altiva, furiosa, dominadora, despedaçando rochedos e absorvendo vidas como se fossem átomos, Titan enorme querendo escalar o céo, ora suspira como Omphale aos pés do heroe, beijando amoro-

samente o seio do coral e da madreperola e lambendo a quilha do barco que se perde no meio da sua immensidade como uma casca de noz.

Quando o luar entorna sobre elle os seus jorros de luz e a ardentia serpenteia phosphorescente e fugitiva á flôr das aguas, experimenta-se mais do que nunca a singular attracção que o mar exerce sobre todas as organisações impressionaveis.

O poeta da Graziella, o alcyone que banhava a aza da inspiração no seio da vaga, afinando a lyra pela harmonia grandiosa do oceano diz-nos fallando do mar: *rien n'est si doux que ce qui est fort.*

Entremos em um vapor que corta as aguas demandando a Italia.

Encostados na amurada junto á popa, de pé, pensativos e silenciosos, viam-se dois vultos um homem e uma mulher. Pelas frontes de ambos embora moços e cheios de futuro adejava a sombra de uma tristeza intima. Nos olhares vagos e melancolicos, perdidos na extensão do horisonte, poderia ler-se talvez a elegia da saudade por algum passado querido. Despediam-se aquelles olhos que mal reprezavam as lagrimas de tudo que ficava ao longe e desapparecia na penumbra do afastamento: patria, familia, amigos, lar tepido e caricioso, e como Maria Stuart enviavam o adeus supremo a todas essas abençoadas reliquias que se não perdem nunca, mesmo que nos separemos d'ellas, porque se levam reflectidas no espelho da memoria.

— Helena! disse o homem com inflexão affectuosa, Helena? repetiu tocando no hombro da sua companheira.

Ella, absorta, com a vaga languidez de um pensamento fixo e triste nos olhos, com a fronte curvada, admiravelmente bella como uma esculptura da antiga Grecia, não deu pela voz que a chamava.

— Helena, tornou elle pegando-lhe na mão e beijando-lh'a, vamos vêr o nosso anjinho, queres?

— Sim, sim, respondeu! estremecendo como se a houvessem acordado; depois respondendo á ideia que a dominava exclamou com lagrimas na voz: Pobre Celeste!...

— Dize antes, feliz Celeste que está no céo!

— Que saudades, meu Deus! acudiu Helena deixando correr as lagrimas, e que remorsos!...

— Remorsos? atalhou elle apertando-a ao peito.

— Perdoar-me-hia ella?...

— Oh! juro-t'o! bradou Manuel com vehemencia. Asseveram-t'o aquellas paginas que Henrique depoz nas tuas mãos; estão alli as lagrimas de um coração que soffria e amava como uma mulher sabe amar, mas que perdoava como um anjo.

— E morrer ella longe de mim!... murmurou Helena levantando para o céo um olhar cheio de angustia, sem que eu podesse recolher-lhe o ultimo suspiro, sem me ser dado arrastar-me aos seus pés, banhar-lh'os de lagrimas, pedir o meu perdão ou expiar alli á sua vista, com o sacrificio da propria vida o crime que lhe roubou a sua!

— Não foste tu que a mataste, disse Manuel com voz grave e triste, foi Deus que assim o quiz! Disse-t'o Henrique, o desgraçado que tem na voz a austeridade persuasiva das grandes dôres e disse-t'o na hora do exilio, ao deixar a terra que tudo lhe roubou!

— Que excellente alma aquella que eu aniquilei! volveu Helena tremendo-lhe a voz. Fui eu que abri com as minhas mãos o sepulchro dos seus amores, — mãe e espoza, eu que correspondi á sua estima com uma traição! Hoje nem sequer me é permittido offerecer-lhe as minhas lagrimas! Ah! Manuel, e queres tu que eu esqueça, que seja feliz, que abençoe a existencia!!...

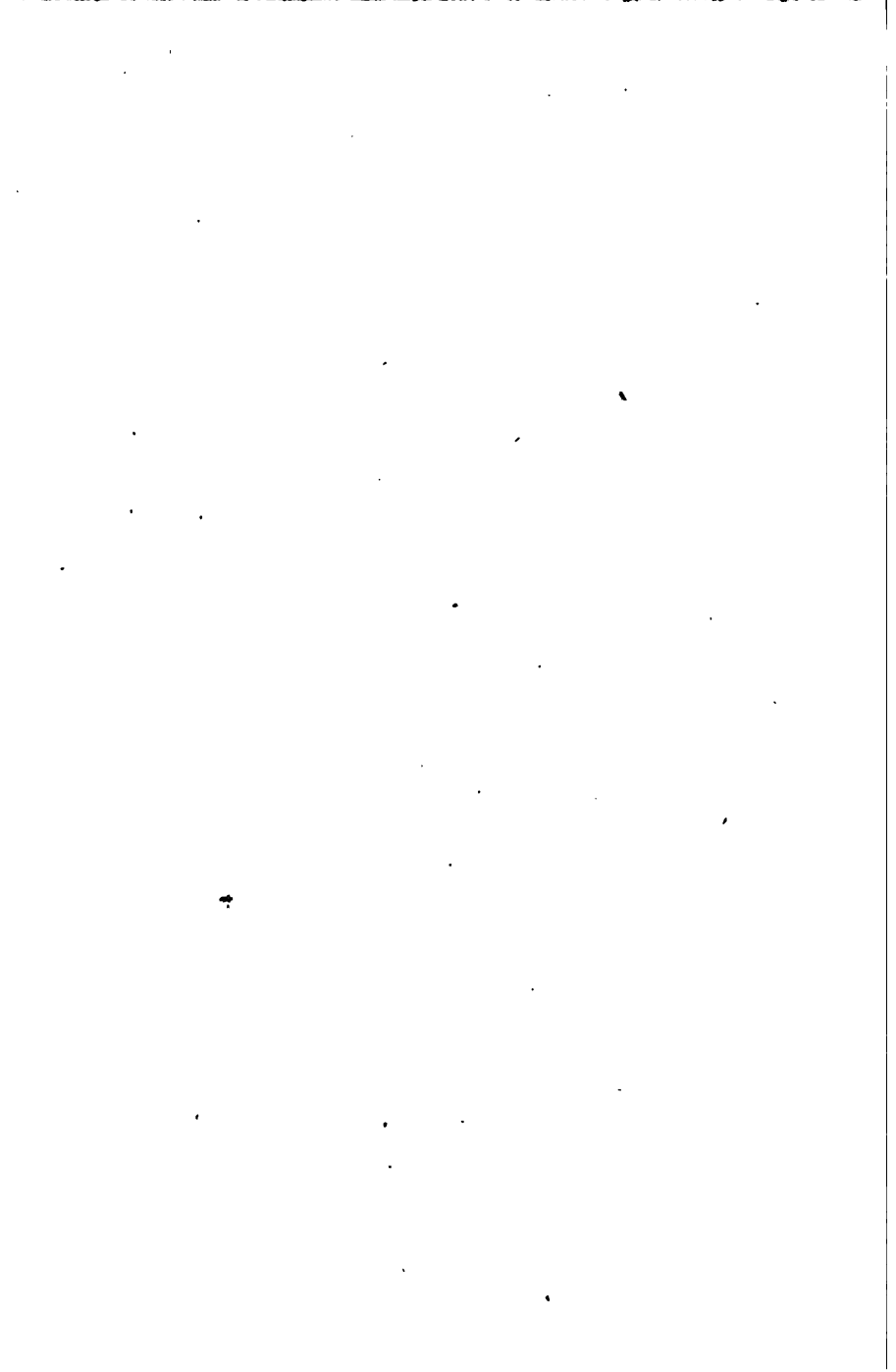
— Tens uma filha, acudiu Manuel com inflexão carinhoza. Quando mesmo houvesse crime tres annos de lagrimas tel-o-hiam já expiado: é tempo que o nosso amor...

— O nosso amor!... interrompeu ella com o sorriso dos bemaventurados na bocca, transfigurada, radiante. O nosso amor!... acrescentou cobrindo o esposo com um olhar apaixonado; depois concluiu com inflexão profunda: Se não fosses tu e a minha filha teria morrido!

— Deus no céo, disse-lhe elle ao ouvido, apertando-a nos braços, e o amor na terra!...

O mar sereno, limpido, transparente, reflectindo o azul luminoso do céo, emmoldurava aquelle quadro, bello, harmonioso, digno do supremo artista, immortal e indefinivel como elle: duas almas fundidas em uma só, exhalando como um perfume todas as crenças, enlaçando n'um beijo todos os affectos, purificando na religião da sau-

dade que voava para o céo, alva e pura como a pomba do diluvio, o peccado do amor, exclusivo e egoista, que para edificar arrazára e tecêra flôres, como a ideal amante de Hamlet, sobre o frio leito da morte!

AMOR DE FILHA

AMOR DE FILHA

AMOR DE FILHA

I

> Da paixão mais invencivel
> só por morte é que é possivel
> separar-mo-nos!
>
> (V. DE CASTILHO.)

Tudo quanto havia de melhor na sociedade de Lisboa enchia as salas do visconde de***.

Os diamantes brilhavam como constellações entre nuvens de rendas, sedas e velludos; no meio d'esse variado matiz sobresaiam, formando um cambiante verdadeiramente artistico, as sombrias e severas casacas, estrelladas de condecorações.

Ia alta a noite e o baile attingira por isso a maxima animação. Approximavam-se, envolviam-se, confundiam-se umas com as outras as flôres, as sedas, os diamantes, as casacas pretas e as fardas agaloadas.

As mulheres, mais ou menos formosas, passeiavam pelas salas a sua opulencia, os seus attractivos, as suas

pretensões e os restos da sua mocidade crestada pela devoradora atmosphera dos bailes. No meio d'ellas attraia as vistas uma criança branca e singela como um lyrio; ao pé d'ella via-se um rapaz elegante e distincto. De subito enlaçaram os braços e deixaram-se arrebatar pelo turbilhão da dança, supplicio de Werther, inferno dos prégadores, tormento dos ciumentos, pela walsa!

Quando expirou no ar a ultima cadencia pararam ambos: elle murmurou-lhe com voz trémula o nome Luiza; ella respondeu-lhe com um olhar eloquente, revelador de intimos affectos.

II

Algumas palavras com respeito a Luiza e á sua familia.

O visconde de***, pae de Luiza, era um d'estes homens gastos, prematuramente envelhecidos cuja mocidade passa como uma vertigem deixando em troca o punhado de cinzas que são de ordinario, no declinar para o tumulo, um remorso!

Depois de haver esbanjado um farto patrimonio viu-se de repente face a face com a miseria e sentiu-se asphixiar pelos crédores avidos.

N'esta difficil conjunctura suggeriu-lhe alguem como expediente salvador o casamento. Offerecia-se para o caso o negociante Matheus Palharês, que tinha uma filha, luz dos seus olhos, e cubiçava para ella do meio dos seus milhões o ideal de um brazão e de um titulo. Pediram-lhe a mão da filha para um visconde que tinha, (escusado é dizel-o, e decerto não lh'o disseram a elle!) os olhos cravados no dote; o pobre homem disse que

sim com voz sonora e sentiu desejos de presentear com todos os seus milhões quem lhe trazia aquelle sonhado titulo de viscondessa.

Aos trinta annos achou-se o nosso visconde unido pelos laços do matrimonio a uma senhora que lhe queria com toda a devoção de um coração amante e que se dispunha a votar-lhe exclusivamente a existencia. Boa, carinhosa, com um genio igual, despido de artificios, a viscondessa moldou os seus risonhos vinte annos a todos os caprichos do marido.

A criança estouvada e travessa fez-se sem esforço mulher pensadora e séria.

Quanto ao visconde, continuou sem interrupção o seu viver desordenado; passava as noutes assentado á banca do jogo sem ver sequer o anjo que surgira no seu caminho para o deter á beira do abysmo!

Era elle o unico que não ouvia os murmurios de admiração que despertava a presença da formosa e exemplar esposa.

Ella, despenhada do mundo ideal que a sua fantasia concebera e o cego amor do pae alindára de antemão teria succumbido de certo se Deus não lhe houvesse concedido a maior e a mais real de todas as alegrias da mulher, a maternidade.

Vendo-se mãe resumiu todos os affectos na filha. Luiza cresceu e desenvolveu-se entre os extremos maternos e a mediocre affeição do pae. Á medida que os annos succediam a flôr, creada entre mimos, medrava em graças e encantos. A mãe revia-se n'ella com orgulho e contemplando-a volvia em espirito aos dias da infancia;

outras vezes, quando pensava no futuro, tremia pela filha da sua alma. Bem sabia ella que cada dia que passava diminuia a fortuna que levára em dote a seu marido, e que as sommas fabulosas esbanjadas d'esse capital pelas loucas prodigalidades do visconde açabariam pela ruina total. Por duas vezes tentára afastar o marido d'aquella continua dissipação lembrando-lhe o futuro da filha, asseverando-lhe entre lagrimas que elle arrastaria comsigo na queda, que era inevitavel, os dois entes que Deus lhe dera para proteger.

O visconde respondia invariavelmente que a sua fortuna estava nas melhores condições; depois beijava a mulher na testa, encolhia os hombros e voltava sem a menor alteração á sua habitual existencia.

Luiza chegára aos dezoito annos. Alta e airosa tinha no andar a flexibilidade da palmeira; a fronte branca, elevada e lisa como o alabastro arredondava-se em curvas graciosas d'onde se desatavam uns fartos cabellos da côr do oiro.

Na suavidade d'aquella cabeça loira, nos olhos azues onde parecia espelhar-se o céo, havia a angelica candura das cabeças de Guido.

Quando fitava alguem com aquelles grandes olhos limpidos, serenos e luminosos o espirito d'esse alguem levantava-se instinctivamente para o céo.

A formosura de Luiza, ou o que é mais provavel a opulencia do seu palacio e das suas carruagens attraira numerosos pretendentes.

O visconde, tendo em vista só o interesse monetario

recebia de braços abertos todos os que se faziam annunciar precedidos pela fama dos seus contos de réis.

A viscondessa, porém, velando sem cessar pela felicidade da filha impugnava, repellindo-os energicamente, quantos via não poderem assegurar-lh'a.

Um dia apresentou-se o conde Jorge.

O conde era um rapaz da moda, d'estes que fazem bulha em todas as salas. Rico sem insolencia, espirituoso sem ostentação, intelligente sem pedantismo, elegante sem affectação insinuava-se facilmente no coração das mulheres que distinguia. Mettendo a ridiculo em publico os D. Juans guardava em segredo uma lista de numerosas conquistas.

Viu Luiza n'um baile e sentiu-se impressionado.

Seguiu com olhar de verdadeira sympathia aquella formosa menina naturalmente alegre no meio de tanta gravidade postiça, que passava pelo meio das outras mulheres sem se confundir com ellas. Desafogou os cabellos da testa e dispoz-se a afogar a importuna chamma em um copo de Champagne; porém, ella teimou em reviver. Então o conde, fatigado da vida de bohemio amoroso entendeu que o unico meio de acabar com ella era pedir a mão de Luiza.

Luiza vira e sentira penetrar-lhe no coração o fogo sombrio d'aquelles olhos negros. Quando sua mãe depois de ouvir o pretendente a interrogou como costumava, Luiza córou, baixou os olhos perante o olhar ancioso e perscrutador da viscondessa e deitando-lhe os braços ao pescoço murmurou com voz trémula o sim, até então inutilmente solicitado.

A viscondessa tremeu. Estava bem longe de suspeitar a existencia d'aquelles subitos amores; a certeza, encarada assim de repente, aterrou-a! O seu coração de mãe dizia-lhe que aquelle conde tão bello e tão ruidosamente acclamado não podia fazer a felicidade de Luiza: mas a vontade d'esta era para a viscondessa a suprema lei e desde então fez por se convencer a si propria de que os seus receios além de absurdos podiam ser ridiculos.

III

Em uma das salas do palacio do visconde jogava-se jogo forte, paravam-se quantias avultadas em quanto a maior parte dos convidados folgavam com os prazeres da dança. Viam-se sobre as mezas, scintillantes, tentadores, irresistiveis montes de oiro; as cartas, as fatais cartas que roubaram o juizo a uma cabeça coroada e o socego e a ventura de tantas outras giravam n'um torvelinho.

Os olhos dos homens, cravados nas mezas tinham uma immobilidade assustadora; contrahia-lhes as boccas um silencio glacial. Havia na alegria concentrada dos que ganhavam o quer que seja de feroz; na phisionomia dos outros, dos que perdiam via-se distinctamente a luta, apenas dissimulada, de estranhos e contradictorios sentimentos. Apparentemente pareciam aquelles homens, fidalgos que jogavam para matar tempo, uma especie de aventureiros, ebrios de cubiça, tentando espoliar-se mutuamente!

No meio dos jogadores notava-se o visconde pelo ar

altivo. Havia n'aquelle corpo que se curvava como o de um velho, n'aquellas ruinas de um passado tempestuoso a distincção innata do fidalgo que não carece do brazão para affirmar a sua nobreza.

O olhar amortecido pelo abuso das vigilias illuminava-se ainda ás vezes com uns vislumbres de bondade, estranha em homem evidentemente morto para todos os affectos. Dir-se-hia que algum genio malfasejo esterilisára o germen d'aquella natureza fadada para melhor destino.

Em pé, desdenhoso e impassivel o visconde perdia umas apoz outras sommas enormes, parando sempre em duplicado.

O banqueiro era um hespanhol cuja riqueza podia competir com a interminavel felicidade. Tinha sido introduzido havia pouco tempo nas principaes salas de Lisboa sem se saber d'onde viera nem a que familia pertencia: ninguem pensava em perguntar-lh'o. A opulencia das suas carruagens e verbosidade dos seus lacaios que sopravam pelas cem tubas da fama as excellencias e somma de cabedais do amo impunham silencio á *élite* da sociedade lisbonense.

O hespanhol jogava sempre e não perdia nunca. D'esta vez a victima, (victima voluntaria, diga-se sempre!) era o visconde.

Não se via no rosto de marmore do fidalgo outro signal de impaciencia além de uma leve contracção dos labios. Acabára de perder 100 libras e parára 50 quando se approximou da meza do jogo uma mulher visivelmente

commovida. Vestia de velludo preto e tinha nos cabellos fartos e negros uma estrella de diamantes.

Naturalmente distincta levantava a gentil cabeça com a altivez de uma rainha e no entanto no primeiro olhar que dirigiu ao visconde, humilde e suave, lia-se a supplica da escrava. A expressão triste e meditativa do seu rosto accusava um martyrio occulto, uma dôr intima e pungente.

O visconde levantou os olhos e deu com os de sua mulher cravados n'elle, eloquentes na sua fixidez.

O fidalgo perdia n'aquelle mesmo instante as cincoenta libras que parára; acto continuo atirou com affectada negligencia para cima de uma carta somma igual.

O banqueiro sem se lhe alterar uma linha do rosto descobriu uma dama, logo depois um rei.

O visconde fez-se livido, percorreu-lhe o corpo um tremor convulso, estendeu os braços com gesto desesperado, despediu da garganta com inflexão rouca e guttural dois nomes, Luiza e Margarida, e caiu inanimado no chão.

Acabára de perder os restos da sua malbaratada fortuna!

Os jogadores largaram a um tempo das mezas e rodeiaram o visconde. A viscondessa ajoelhou e amparando a cabeça do marido de encontro ao peito ficou-se immovel, sem consciencia da vida. A noticia da catástrophe correu por todo o palacio e chamou á beira dos viscondes todos os convidados.

O hespanhol, parecendo absolutamente estranho ao que se passava occupava-se levantando o oiro da meza.

De subito o visconde ergueu-se, hirto e livido como se fôra cadaver, estendeu o braço e indicando o hespanhol bradou com voz vibrante:

—Aquelle homem é um ladrão, um scelerado, prendam-n'o!

O hespanhol soltou uma risada provocadora e insolente, abraçou com olhar de desafio toda a sala e exclamou com inflexão caustica, mostrando um papel:

—E V. Exc.ª, illustre fidalgo, é nada menos do que um falsificador de letras: se duvidam aqui teem a prova!

O visconde caiu fulminado sobre uma cadeira, levando as mãos á cabeça.

A viscondessa e a filha confundiam ardentes e amargas lagrimas; a immensa e dilacerante dôr da esposa e da filha era d'essas que se esquivam á analyse e que se algumas vezes se representam em espirito é só para pedirmos a Deus que as afaste do coração.

Com os braços enlaçados ficaram-se amoravelmente ajoelhadas, amparando o corpo do desgraçado que estremeciam. O seu repentino e inesperado infortunio, absorvendo-lhes todas as faculdades poupou-lhes um espectaculo repugnante, simulacro da *verdadeira amisade,* a saida glacial dos amigos que ao primeiro rebate da adversidade levantavam o vôo como um bando de córvos para irem abatel-o onde houvesse credulidade, festas e opulencias novas a explorar!

Entre tantos amigos só um ficou, prendia-o o coração; foi o conde Jorge.

IV

Por uma agreste noite do mez de dezembro via-se um vulto cuidadosamente embuçado ao sopé do muro do jardim, contiguo ao palacio do visconde de***.

O vento soprando com impetuosidade fustigava as arvores que largavam as folhas e agitava a capa do embuçado que parecia insensivel a tudo.

O furacão foi seguido de perto por uma chuva torrencial. Ouviram-se as doze badaladas da meia noite e no mesmo instante um leve rumor de passos na areia do jardim, surgindo acto continuo no parapeito do muro, dentro do caramanchão, o vulto airoso e delicado de uma mulher.

—Jorge! pediste-me que viesse, aqui estou!

O embuçado approximou-se vivamente.

—Obrigado, minha Luiza, meu anjo!...

—Para que é todo este mysterio, Jorge?! Porque não poderá minha mãe ouvir o que tens a dizer-me?! murmurou ella timidamente.

Um relampago acompanhado pelo trovão arrancou da sombra aquelle prestigioso quadro de Julieta e Romeo, colorido pela immortal palheta de Shakspeare com todas as seducções reais e imaginarias.

— Tua mãe podia... póde ouvir tudo o que tenho a dizer-te; mas... e teu pae?

— Meu pae! Pois tu não sabes, Jorge, que o desgraçado perdeu a razão?... Sim, não podias sabel-o; temol-o occultado a toda a gente e desde aquella fatal noite nunca mais vieste...

— Ouve, Luiza, disse Jorge com voz grave e solemne, e perdôa-me o que vou dizer-te: teu pae é um homem sem consciencia... sem brios!...

— Jorge!...

— Teu pae desviou-se do caminho do céo por onde podiam conduzil-o dois anjos e caiu no mais ignobil dos abysmos!...

— Jorge!... soluçou Luiza banhada em lagrimas.

— Perdôa-me, minha Luiza, minha pomba, mas é indispensavel que me oiças, que me comprehendas, que não duvides do meu amor. Não me culpes porque eu não encontro perdão para o homem que consumiu na voragem do jogo tudo o que pertencia áquella que Deus lhe déra por filha! Mas que importa tudo isso, Luiza, se eu te amo? O meu amor e o meu nome saberão purificar o teu!

— Meu Deus!... meu Deus! exclamou a pobre menina a rir e a chorar e caindo de joelhos, bemdito sejaes! Era minha mãe que se enganava. Olha, meu Jorge, dizia ella que tu, cheio de mocidade e de futuro,

rico e nobre não quererias a triste Luiza, pobre e desestimada e por isso te afastavas; teimava que tu havias de ser como todos, cruel e ingrato. Não lhe queiras mal, Jorge; pobre mãe! foi o seu amor por mim que a fez injusta para comtigo!... Mas tu, meu nobre Jorge, não podias ser como os outros; tu sentiste as lagrimas da tua Luiza e vieste convertel-as em alegrias do céo. Deus t'o pague! Verás como minha mãe ha de até pedir-te perdão.

Em quanto Luiza fallava, Jorge passou a mão pelos cabellos e mordeu os beiços com visivel impaciencia.

Luiza calou-se e poz-se a contemplal-o com infinita ternura; depois voltando a uma idéa dominante acrescentou:

—Mas porque não foste dizel-o a minha mãe? Que consolação lhe terias dado!...

—Escuta, meu anjo, interrompeu Jorge, deixa ver se posso furtar-me um pouco ao encanto que exerce em mim a tua voz para explicar-te tudo. Sabes porque não fui ajoelhar aos teus pés em presença de tua mãe? é porque quiz poupar á pobre senhora uma explicação dolorosissima para ambos. Chegou o momento em que vou exigir do teu amor uma prova suprema, e se é verdade que esse amor corresponde em tudo ao meu não deves hesitar: é absolutamente preciso que consintas em um casamento clandestino e que me acompanhes logo depois para Londres onde tenciono ir viver.

—E pensaste por um instante só que eu me recusaria a acompanhar-te?! Ai, Jorge! pois tu não sabes que sou tua? Iremos, sim, eu, tu e elles!...

— Elles! Que queres dizer, Luiza? perguntou Jorge commovido.

— Meu pae e minha mãe, pois quem? acudiu ella ingenuamente.

— Perdão, não me entendeste, meu pobre anjo, respôndeu elle tremendo-lhe a voz. Lastimo teu pae e respeito tua mãe, hoje como hontem; porém, o mundo cuja estima é fatalmente necessaria a cada um de nós não pensa como eu; elle é inexoravel nas suas sentenças! Aos olhos d'esse mundo que devia prostrar-se em face do infortunio é hoje tua mãe a mulher e até certo ponto a cumplice de um falsificador!...

— Basta, Jorge! bradou Luiza com a voz estrangulada pelos soluços, basta, por Deus!

— Não te afflijas, minha vida; serei eu quem te rehabilite, quem te proteja contra esse mundo algoz: mas para isso é preciso que por mim esqueças tudo e que digas um adeus eterno á patria e á familia.

— Jorge, Jorge, pois és tu que me pedes!... exclamou a infeliz com o olhar desvairado.

— Isto é cruel, Luiza! volveu elle convulso, tão cruel como irremediavel!

— Deixar meus paes, soluçou Luiza erguendo a fronte de golpe, abandonal-os na hora da provação e correr eu sósinha em busca da felicidade, nunca, nunca! Aqui o juro, meu Deus, acrescentou caindo de joelhos e deixando soltar-se livre e torrencial o pranto reprezado. Pouco depois erguendo-se e dando alguns passos para o interior do jardim bradou com voz extincta: Adeus, Jorge, adeus para sempre!

— Luiza! supplicou elle, Luiza tem ao menos dó de mim!

— Dó! tornou a infeliz, e n'isto um relampago irradiou-lhe na fronte um diadema de luz!

Dó, como se alguem o tivesse de mim!...

Acto contínuo, levantando para o céo um olhar coberto de pranto murmurou:

Deus! e só elle me dará forças.

V

Entre o leitor comigo em uma casa pequena, pobrissima mas extremamente asseada, situada na rua direita de Campolide. Examinemol-a: deparar-se-nos-ha primeiro uma alcova menos do que modesta, com as paredes caiadas de branco e dois caixilhos de pau santo emmoldurando umas imagens melancolicas como o aspecto da casa, da Virgem das dôres e do Crucificado; dois leitos de ferro e duas cadeiras de pau concluiam a decoração da alcova onde penetrava a furto o reflexo da luz de uma véla que ardia no aposento immediato, que servia a um tempo de sala e casa do jantar, tendo por unica mobilia uma meza ao centro.

Ao pé da meza estavam duas mulheres, uma bordava a outra lia.

Trajavam pobremente, quasi austeramente; o vestuario preto e sem nenhuma especie de enfeites harmonisava em tudo com o aspecto da casa; a phisionomia das locatarias e o seu porte fino e distincto é que contrastavam com a humildade do fato e da casa.

A fronte de uma tinha as fulgurantes irradiações da mocidade, nos cabellos da outra começavam a branquejar as geadas do inverno; porém, ambas eram formosas embora de diversas maneiras.

A primeira possuia a belleza luminosa dos anjos, a segunda a formosura sombria dos martyres. Esta lia attentamente descaindo a cabeça na mão esquerda, emquanto a direita voltava as folhas de um livro aberto sobre a meza. No chagrin da capa lia-se em caracteres dourados o titulo do livro: *Imitação de Christo.* Era o suavissimo livro dos desgraçados, o divino balsamo de todas as dôres.

Por varias vezes levantaram-se-lhe os olhos do livro e pousaram no rosto da companheira que meia curvada para o bastidor creava sob o contacto dos delicados dedos grinaldas de flôres de oiro. Radiante de mocidade como uma aurora de abril obscurecia-lhe no entanto o transparente olhar azul a sombra de intimas melancolias.

— Luiza, disse-lhe a outra largando o livro, deixa isso; é demasiado, minha filha, mátas-te! Todo um dia e toda uma noite ao bastidor!!...

— Não tenha cuidado, minha mãe; olhe, estou acabando este botão de rosa, falta um quasi nada.

— Botão de rosa és tu, minha angelica Luiza; pobre flôr murcha á falta de uma réstia de sol!...

— Então!... acudiu Luiza inquieta. Tinha-me promettido dizer adeus ás tristezas; ainda hontem me affirmou que se sentia feliz...

— E sinto, com os teus extremos; mas como queres

tu, criança! que eu levante de todo os olhos do abysmo onde caiste comigo, querida martyr do dever?...

Tu não sabes que dôr aguda é para uma mãe ver a filha da sua alma, para quem pedira a Deus todas as felicidades da terra e todas as bençãos do céo votada á pesada cruz do trabalho que lhe consome a mocidade e que mal lhe suppre ás primeiras necessidades da vida?

E tudo isto quando a triste mãe sonhára fazer-se altar do seu idolo!... É atroz, Luiza! Se o soffrimento me coubesse só a mim em partilha, embora tivesse de pedir uma esmola, se eu te visse feliz saberia resignar-me. Mas partilhar a minha filha esta miseria, ir-se-lhe apagando a luz da mocidade n'esta escuridão dos tumulos que se fez em torno de mim!...

É muito, é mais do que uma pobre creatura póde supportar!... Porque tudo te roubaram, minha pobre Luiza! concluiu apertando-lhe a cabeça com as mãos, pae, amigos, riqueza e até o nome que o mundo não respeita nem mesmo quando o envolve uma mortalha!...

Luiza ajoelhou aos pés da mãe, deitou-lhe um braço á cintura e indicando o livro aberto sobre a meza disse com inflexão meiga:

— Ficou-me a consciencia e o seu amor, minha santa mãe! Bem o sabe, Elle disse: *Bemaventurados os que choram;* além de que eu tenho sempre presentes á memoria ás ultimas palavras de meu pae quando mais pertencia ao céo do que á terra: *Confiem em Deus que me perdoou e que não ha de abandonal-as.*

— Boa e querida alma que o mundo perdeu e que Deus purificou pelo arrependimento, acudiu Margarida.

— Pobre pae! exclamou Luiza com a voz afogada em pranto, que dilacerantes agonias não seriam as tuas n'essas ultimas horas em que a consciencia se fez ouvir!...

Mãe e filha cairam nos braços uma da outra, confundindo as lagrimas; depois, instigadas pelo mesmo cuidado enxugaram os olhos e confortaram-se reciprocamente com essas doces palavras que saem naturalmente dos corações amantes quando se trata de suavisar as dôres do ente amado.

— Hoje não trabalhas mais, não é assim, Luiza? perguntou a viscondessa annelando com os dedos os cabellos loiros da filha.

— Não, minha mãe, visto que assim o deseja.

Ditas estas palavras Luiza ergueu-se e com a maior simplicidade, como se de há muito estivesse habituada aos lavores domesticos tratou de preparar a ceia.

Quem diria que era aquella a mesma Luiza que um anno antes vivia entre as opulencias do luxo, admirada, invejada, adorada, completamente feliz?

Porém, a belleza de Luiza nada perdera com a mudança. O que ordinariamente desfeia o vulgar das mulheres ia-lhe bem a ella. O vestido de lã preta realçava-lhe a brancura do rosto e o dourado fulvo dos finos e ondeados cabellos. Parecia que essa criança, pallida, delicada e gentil como uma duqueza só poderia atravessar o recinto d'aquelle quarto pequeno e miseravel como uma visão fugitiva.

Depois da ceia a viscondessa e a filha ajoelharam e confundiram as vozes n'uma oração fervorosa.

Se é verdade que a terra é vista pela grande pupilla azul do céo Deus deveria olhar n'aquelle instante para essas duas almas cheias de fé no auge da provação.

— São horas de recolher, minha mãe, observou Luiza levantando-se.

— Só se fôr com a condição de que tu tambem te has de deitar, respondeu a viscondessa.

Luiza disse que sim, sorrindo e córando, e cingindo com o collar dos braços a cabeça da mãe cobriu-a de beijos. Esta cravou na filha um olhar demorado e perscrutador, depois murmurou com inflexão meiga:

— Queres illudir-me com esse apparente socego! Julgas que assim se engana uma mãe? Quantas vezes leio eu nos teus olhos as saudades do passado!...

Olha, minha Luiza, acrescentou depois de um silencio de alguns instantes, elle não te merecia; era um homem vulgar como a maior parte dos homens.

— Esqueçamos o passado, minha mãe, acudiu Luiza, ajoelhando e deitando a cabeça no peito da viscondessa, peço-lh'o!

— Esquecer... pobre anjo! quando tu ainda o amas!

— Sinto que não devo amal-o, balbuciou Luiza com voz maguada e como desmentindo-se a si propria, e não o amo!

Ditas estas palavras a viscondessa levantou-se e dispoz-se a deitar-se. Luiza ajudou-a a despir, conchegou-lhe a roupa, beijou-a repetidas vezes e deitou-se tambem.

VI

Ainda estava tepido o corpo do visconde de ***, cujas ultimas horas foram uma violenta e pungitiva agonia, quando entraram em casa os credores attraidos como aves de rapina pela presença de um cadaver! As duas senhoras viram-se n'um instante despojadas dos restos da sua fortuna á mercê dos quaes se lhe occultára até alli a fria e arida miseria que as esperava. Pareceu-lhes então o palacio, testemunha dos seus dias felizes, um escuro carcere. Dois ou tres credores, condoidos do seu estado, offereceram-lhe domicilio provisorio no palacio; houve mesmo um, filho unico de um capitalista, que captivado pela doçura angelica de Luiza e pela sua formosura pediu-lhe licença para solicitar a sua mão. Luiza respondeu com modestia, agradecendo a distincção mas recusando terminantemente, e por tal fórma se houve que deixou no animo do sensivel credor além da sympathia, admiração e respeito.

A viscondessa e a filha abandonaram pois, tran-

quillas e resignadas o palacio que lhes fallava de um passado bem incompativel com o presente e foram habitar a casa onde as encontrámos, um anno depois da lamentavel occorrencia.

Luiza soccorrera-se ao seu talento; dando lições de musica e bordando conseguira supprir ás primeiras necessidades da vida, e tudo isto fazia naturalmente, sem queixas nem violencia, parecendo mesmo haver esquecido o que fôra para se devotar exclusivamente ao que era. Quanto á viscondessa só pelo amor da filha padecia e vivia.

VII

Voltemos á casa de Campolide.

Havia cerca de meia hora que a viscondessa adormecera, quebrada pela constante lucubração do espirito quando Luiza levantou a cabeça e applicou o ouvido á respiração da mãe; logo depois assentou-se na cama e principiou a vestir-se com todas as precauções imaginaveis; de quando em quando parava e ficava-se escutando-lhe o dormir. Acabando de vestir-se approximou-se da cama da pobre senhora e deu-lhe um beijo na testa.

A noite corria serena e estrellada e enchia o quarto de luar. Luiza atravessou-o nos bicos dos pés, chegou á janella, abriu-a com mão trémula, como se praticasse um crime, encostou-se ao peitoril, espraiou a vista pela amplidão do espaço, Deus sabe até onde! e largou a scismar.

O luar beijando-lhe os cabellos, illuminando-lhe a cabeça e empallidecendo-lhe mais as faces dava-lhe um aspecto fantastico; dir-se-ia que aquella loira criança,

formosa como uma visão, podia se quizesse suspender-se dos raios da lua e voar com elles para o céo.

O silencio melancolico da noite quebrado apenas pelo ramalhar das arvores e pelo latir longiquo dos cães, as grandes sombras do campo que o luar revestia de fórmas extravagantes, a escuridão do firmamento onde as estrellas tremiam como lagrimas de luz, a grande e austera tranquillidade da noite que condensa a melancolia e aviva a saudade apoderavam-se da alma de Luiza, flôr nocturna que só no seio das trevas descerrava a corolla ebria de perfumes, e arrancavam-lhe os segredos que a pobre alma, cançada de cobrir com o véu das lagrimas, confiava á lua, ás estrellas, ao mysterio e ao silencio!...

Longo tempo durou a meditação, interrompeu-a o pranto deslisando em fios de cristal pelas faces.

Então Luiza levou a mão ao peito, tirou um retrato e aparou com elle as lagrimas.

—Jorge! exclamou com os olhos fitos no retrato. Jorge! repetiu com a ancia de quem sentia ha muito o nome adorado suspenso da bocca e não ousava pronuncial-o. Jorge, como eu te amo ainda! Em seguida calou-se, perplexa, receiosa e quedou-se extatica, como que prestando ouvido ao ecco das palavras indiscretas que a razão condemnava mas que lhe deliciavam o coração.

De subito a filha triumphou da amante, voltou-se com gesto rapido e relanceou a vista na direcção da alcova; depois fechou a janella e assentando-se em frente do bastidor começou a bordar sem levantar cabeça.

Áquella hora entrava-se nos bailes e sahia-se dos theatros. Que diria qualquer d'esses homens ou d'essas

mulheres afagados pelo luxo, fatigados pelo abuso dos prazeres, desdenhosos ou indifferentes ás miserias da vida, habituados a ouvirem fallar da virtude ignorada, da pobreza austera e envergonhada, dos sacrificios, das grandes abnegações, só nos palcos, pelas boccas dos actores ou nos livros de Julio Diniz e de outros romancistas, (dos poucos que entendem que é melhor e mais util pôr os olhos nas boas realidades que derivam do céo do que descel-os á trivialidade e aos aleijões moraes da terra) mas absolutamente estranhos a todas essas bugigangas de sentimentalismo, demasiadamente romanescas para serem tomadas a serio ou trasladadas para a vida real; que diriam esses homens e essas mulheres, os suppostos felizes do mundo, se entrassem alli, no solitario aposento e vissem aquella criança delicada, franzina, encantadora pedindo á laboriosa agulha o sustento da mãe e utilizando assim santamente as horas da vigilia que vulgarmente se consomem em festas e dissipações?!...

Se é verdade que existem no fundo de todos os corações germens latentes do mal e do bem é de crêr que em prezença de tão singelo e eloquente quadro desabrochasse este em divinos fructos!

E se com effeito Deus permitte que revôem das lucidas espheras a pousar no asperrimo caminho da terra os seus alados cherubins de azas brancas e consente que o vil barro absorva a essencia etherea e immaterial é decerto n'estes vultos suavissimos que sacrificam no altar do dever a mocidade e muitas vezes a vida, engri-

naldando-o com as flôres das suas primaveras, que devemos buscar os mensageiros do paraiso.

É certo que o mundo, esse personagem grotesco e tragico como Triboulet, não usa glorifical-os nem sequer se detem um instante a pensar que existem; o mundo folga, ri, passa descuidoso, embuçado á D. João Tenorio no seu manto de egoismos faceis; ou se lhe dá para tecer apotheoses procura de ordinario os nimbos onde irradiam esplendores e jubilos uns anjos alegres, sadios triumphaes, recamados de oiro e diamantes, desazados a poder de pezadas joias, a ponto de cairem redondo no chão se alguma vez intentam ensaiar o vôo!

VIII

Amanhecera um dia de rosas.

O sol entrava pela casa de Campolide e allumiava-a toda.

Luiza bordava, assentada á beira da janella, emquanto a mãe lidava cuidando dos asseios da casa.

Ainda bem não tinha soado a terceira badalada do meio dia quando se ouviu retinir a campainha: era o correio que deixou uma carta.

Luiza tremeu e córou; no meio da desflorida aridez em que a deixára a perda de todas as suas mais queridas esperanças havia ainda uma, occulta e ignorada, cuja existencia ella não confessava nem a si propria.

A letra da carta era completamente desconhecida; rasgado o sobrescrito leram o que se segue:

« Deus é misericordioso, não ha duvidal-o; permittiu « elle que eu, o morto para todas as alegrias, resuscitasse « á vista do paraizo que de subito se patenteou a meus « olhos! Só a virtude e a belleza que reciprocamente

« se confundem e reflectem alcançam d'estes e outros mi-
« lagres!

« Pouco é o que tenho para offerecer-lhe, Luiza, além « de um coração rico de affectos. Pouco ou muito, tudo « deponho a seus pés.

« D'aqui a uma hora me dirá se posso e devo ir re-
« velar o meu nome e pedil-a a sua mãe?»

Concluida a leitura da carta Luiza cravou em sua mãe um olhar cheio de angustia e interrogações.

A viscondessa comprehendeu-a e abraçando-se com ella disse-lhe:

— Socega, nada te peço, bem sei que não podes! É indispensavel, porém, que escrevas a esse desconhecido agradecendo o honroso pedido que revela claramente uma nobre alma.

— O que haverá que eu não seja capaz de sacrificar ao seu bem estar, querida mãe? acudiu Luiza com meiguice. E d'ahi, acrescentou, quem me diz que não virei ainda a amar esse homem generoso? Elle é talvez o mensageiro da felicidade. Vou escrever-lhe, minha mãe, vou dizer-lhe que aceito com reconhecimento o futuro que me offerece.

A viscondessa examinou Luiza com olhar perscrutador depois do que sorriu tristemente.

Luiza levantou-se e dispoz-se a escrever; porém, os seus movimentos convulsos, febris, precipitados traiam a violencia que fazia a si mesma. Tinha apenas conseguido traçar algumas letras quando perdendo de todo a côr soltou um grito e deixou cair a cabeça nas mãos.

A viscondessa fez-se livida e correndo n'um impeto de dôr para a filha exclamou:

—Pobre martyr! O sacrificio era superior ás tuas forças!...

Acto contínuo, com um vigor extraordinario em corpo tão debil pegou em Luiza, deitou-a na cama e prodigalisou-lhe toda a sorte de desvélos.

Decorridos alguns instantes de mortal anciedade Luiza abriu os olhos e envolvendo a mãe n'um olhar de amor e supplica eloquente murmurou a medo a palavra:
—Perdão!

Ouviu-se então de novo bater á porta, e a viscondessa teve de deixar a filha. Era um homem desconhecido que pedia a resposta da carta que tinha vindo pelo correio. A pobre mãe, prostrada por tantas e tão diversas commoções escreveu com mão trémula estas palavras: « Agradecemos, profundamente reconhecidas, a generosa « proposta que por mais de uma razão não podemos acei-« tar. »

O homem afastou-se com passo accelerado e Margarida voltou para a cabeceira do leito da filha.

—Sou indigna do seu amor, minha mãe, disse Luiza cuja pallidez se confundia com a brancura das almofadas. Podia fazel-a feliz e fico-me preza ao passado sem ter forças para trocal-o pelo futuro! Castigue-me, minha boa mãe, despreze-me, abandone-me!

—Então, filha! acudiu a viscondessa cobrindo-a de beijos, socega! Tenho-te a ti, é quanto me basta; não preciso de mais cousa alguma. Não seria a riqueza e o mundo que me restituiram a felicidade; ambos m'a rou-

baram; de que me serviriam comprados a preço de um sacrificio teu?! Não fallemos mais em tal. Dize-me tu se te sentes melhor?

—Muito melhor, minha adorada mãe, tornou Luiza cingindo-lhe o corpo, melhor do que mereço a Deus!

—Tontinha! interrompeu Margarida tapando-lhe a bocca com a mão.

IX

A mãe e a filha conversaram por longo tempo ácerca do passado, recordaram dias felizes e deixaram ir o pensamento apoz elles. Repentinamente ouviu-se o rodar de uma carruagem, em seguida retiniu a campainha vibrada por mão impaciente. Luiza e Margarida olharam-se com espanto. Quem poderia vir procural-as de carruagem a ellas de quem pessoa alguma se lembrava já?!

A viscondessa surprehendida e receiosa abriu a porta. Soaram passos rapidos na escada depois do que appareceu um homem. Luiza soltou um grito e caiu sem vida nos braços da mãe.

Era elle, Jorge!

Áquelles que sabem o que são lances d'estes em que o coração se despede convulso do peito e a vida se multiplica em jubilos não preciso nem mesmo sei descrever o que se passou.

Luiza entre a vida e a morte, suspensa dos braços da mãe e do amante sorria com expressão angelica, como quem antevia o paraiso de delicias que a esperava.

Por fim os cuidados e extremos da viscondessa e de Jorge conseguiram reanimar-lhe os sentidos.

Abriu os olhos e desceu um olhar de infinita doçura ao mancebo que ria e chorava ajoelhado a seus pés.

— Perdôas-me, Luiza? disse elle com a terna e melodiosa inflexão que suavisa uma voz varonil prestando-lhe encantos irresistiveis. Perdôa-me, minha mãe?

Pobres e queridas martyres! Como me julgariam ingrato e mau quando eu era só desgraçado! Olha, minha Luiza, fugi como doido d'esta terra que tu pizavas; fui pedir ás nações estrangeiras, aos homens desconhecidos, aos logares onde não havia nada que me fallasse de ti o esquecimento. Estranha coisa! o teu olhar seguia-me sempre, acompanhava-me constantemente! Trouxera do paraiso, como o archanjo rebelde, o olhar do anjo que d'elle me expulsára e sentia-o descer como uma punição tremenda até á aridez do meu inferno! Em troca do thezouro que lhe sacrificára pedi ao mundo a extincta felicidade, e esse absurdo mundo que fizera de mim um cobarde, não entendendo a minha dôr, voltou-me as costas! Regressando á patria mais desgraçado se é possivel, perdido, allucinado procurei-te por toda a cidade, bati a todas as portas, perguntei a toda a gente por ti; ninguem me sabia responder! Um dia poz Deus olhos na minha miséria e encaminhou-me os passos para uma egreja onde afinal consegui ver-te! Que profunda commoção a minha, nem sei dizer-te! Escondi-me na sombra: tu rezavas e eu chorava; em vez da criança alegre e feliz que deixára deparava-se-me uma mulher pallida e triste!

Sahi da egreja desorientado, despedaçado pelos re-

morsos! Tentei ainda retroceder e approximar-me e não pude, prendiam-se-me os pés ao chão! No dia immediato quiz experimentar com aquella carta se o teu coração ainda me pertenceria. Hoje venho como o filho prodigo, contricto e arrependido, offerecer-lhes esta vida que lhes pertence. Minha mãe, minha boa Luiza, em nome de tudo que soffri, perdoar-me-hão?

A resposta foi muda mas eloquente.

A viscondessa levantou Jorge, apertou-o ao peito e pondo nas mãos d'elle as mãos de Luiza indicou-lhe com gesto amoravel a fronte da filha que o conde Jorge beijou respeitoso. Luiza mal podia fallar; a pobre menina passando sem transição da suprema angustia para a suprema felicidade estava n'uma especie de extasis.

N'aquelle mesmo dia a viscondessa e a filha foram habitar um palacio que Jorge havia de antemão aformoseado com a superior elegancia que o distinguia.

X

D'alli a um mez celebrava-se no templo de S. Domingos de Lisboa o casamento do conde Jorge com Luiza.

Os noivos com as phisionomias radiantes do intimo jubilo que lhes inundava os corações partiram em companhia da viscondessa para Cintra.

Não perturbemos a sua lua de mel agora que a felicidade lhes sobredoira a existencia colorindo-a com todos os seus prestigiosos matizes.

- A felicidade, poeira que se levanta ao longo da estrada e desapparece no ar como fumo, segundo assevera A. Karr; a felicidade, estremecida realidade dos que amam e são amados, embora rapida e fugitiva como fugitiva e transitoria é a vida, *«sonho de uma sombra»* como lhe chamou Pindaro, é situação que pouco ou nada se presta á fantasia do romancista.

É porque a felicidade é só para os felizes: fallar d'ella aos indifferentes, ao leitor avido de commoções que péga

no livro com a curiosidade distrahida que carece para despertar de estimulos fortes e sangrentos equivale, por exemplo, a ter uma pessoa a estranha fantasia de ir narrar ao bey de Tunis o ultimo idyllio amoroso que povoou de osculos e suspiros os arruamentos da baixa!

AMOR DE MÃE

AMOR DE MÃE

I

> « O miracle! ô grand cœur, à qui tout autre céde,
> Dieux! que je suis puissant, puisque je te posséde! »
>
> (BRUTO A PORCIA.)

Entremos em uma pequena casa do bairro de Buenos Ayres e vejamos o que ahi se passa.

A mobilia da casa compõe-se de meia duzia de cadeiras, uma banca de pinho, uma cómmoda e sobre a cómmoda um espelho e duas jarras com flôres de papel.

É noute. Duas mulheres assentadas ao lado uma da outra occupam-se costurando e fazendo meia.

Trajam ambas vestidos de chita cuidadosamente lavados e engommados, aventais pretos e lenços de seda no pescoço, como convém a quem não desdenha nem pretende disfarçar com ridiculas exagerações de um luxo falso e incompativel a sua honrada condição plebeia.

A mais nova das duas mulheres poderia apenas contar vinte annos; as suas feições com quanto não fossem formosas éram agradaveis e expressivas; mais uma vez demonstravam que o irresistivel iman da sympathia não só não é partilha exclusiva das physionomias correctas e brilhantes em que o cinzel do grande artista se demora complacente como parece inclinar-se mais para a apparente desharmonia, graciosa nos seus traços incoherentes e caracteristicos!

Na expressão do rosto da mais velha lia-se uma bondade inesgotavel, como que santificada pelos cabellos brancos.

Trabalharam em silencio até que o relogio da Estrella deu onze horas.

— Onze horas, já! exclamou então a velha estremecendo.

— Onze horas e Fernando sem vir! acudiu a outra a meia voz.

— Talvez fosse longe ajustar alguma obra; depois, tu bem sabes, Maria, os rapazes não podem estar sempre em casa como se fossem raparigas; precisam tanto de ar e de liberdade como nós precisamos de socego.

— Tem razão, minha tia; volveu Maria fazendo-se vermelha, sou uma doida!... Mas olhe, sempre lhe quero dizer, tenho estado calada a scismar que Fernando já não é tão nosso amigo...

— Tonta!...

— Não convida a gente como antigamente para irmos passear com elle aos domingos; já se não occupa em lernos ao serão esses bonitos livros que o mestre lhe empres-

tava; nem eu sei quando foi o ultimo dia em que elle lhe trouxe á volta da missa, como d'antes costumava, o ramalhete de rosas que vocemecê lhe pagava com beijos e que elle lhe deixava cair nas mãos a rir e a cantar como uma criança!... E o peor de tudo, pensava eu, é que Fernando já não canta nem ri e que vai perdendo a côr do rosto á porporção que a alegria lhe foge do coração!...

— Enganas-te, Maria. Fernando é um homem, não ha de estar sempre a rir e a brincar como se fosse uma criança. A amisade que lhe tens exagera as cousas e faz com que te affligas sem razão; tambem tu antigamente cantavas todo o dia como um pintasilgo e andavas córada como as rosas que Fernando nos trazia, e hoje olhem para aquillo! não parece senão um cravo defunto!

— Minha tia!...

— Ainda hontem choraste; tu quizeste disfarçar mas foi debalde! Ouve, Maria, é preciso que sejas feliz, aliás terei que dar grandes contas a Deus e á alma de teus paes. Desde que recebi nos braços a orphã que me acariciou com as suas mãos pequeninas contrahi aos olhos de Deus e dos paes moribundos a obrigação de fazel-a feliz.

Tinha então cinco annos o meu Fernando; horas e horas levava elle ao pé do teu berço a rir e a chamar-te irmãzinha. Não sei qual de nós tres gostava mais de ti, se teu tio, se Fernando, se eu. Ás vezes ralhavamos por que todos te queriamos nos braços...

— Minha boa tia! interrompeu Maria beijando a velha.

— Á hora da morte, elle, o teu pobre tio, disse-me: «Anna, tóma bem cuidado na pequena e se o Fernando fôr sempre o que tem sido, se continuar no officio tão bem como principiou cása-os e estou certo que assim farás a sua felicidade.»

Ao pronunciar estas palavras com voz trémula resvalou uma lagrima pelas faces da velha.

Maria córou muito e escondendo a cabeça no seio da tia desatou a chorar.

II

Algumas palavras que elucidem o leitor antes de proseguirmos.

Anna enviuvára em 1827, dez annos antes do começo d'esta narrativa. O marido, honrado e laborioso artista, ganhando o indispensavel para manter a familia deixára-lhe por unico legado um nome sem mancha e uma saudade constante.

Fernando, mostrando desde pequeno a maior aptidão para o officio de estucador herdára-o do paé juntamente com a aptidão, tornando-se em poucos annos um habilissimo official, respeitado pelos companheiros, estimado pelo mestre e estremecido pela familia de quem era amparo e enlevo. Maria, prima e irmã adoptiva de Fernando, custára a vida a sua mãe que nem sequer chegou a abraçar a filha, succumbindo o pae um mez depois ferido pelo desgosto que lhe causára a morte da mulher.

A orphã entregue aos extremosos cuidados dos tios cresceu na ignorancia da irreparavel perda que soffrera.

III

— Meia noute! Basta de costura, observou Anna. São horas de recolher...

— E Fernando? acudiu Maria.

— Fernando?... Talvez fosse ao theatro; em todo o caso fico eu de pé á espera d'elle.

— Mas minha tia, dê-me licença...

— Vamos, tornou a velha com affectada rispidez, eu tambem me deito em cima da cama.

Dizendo estas palavras impelliu a rapariga para o quarto e obrigou-a a deitar-se, deitando-se tambem conforme promettera.

Maria com as feições profundamente alteradas obedeceu machinalmente; decorridos alguns momentos a sua respiração alta e regular annunciava que dormia.

Acto contínuo, Anna levantou-se, espalhou em torno de si um olhar triste e investigador, ficou por algum

tempo pensativa, logo depois deitou nos hombros um chale preto, abriu com as maiores precauções a porta e saiu.

Assim que a porta se fechou Maria saltou da câma e exclamou com voz angustiosa:

— Ah! eu bem sabia! O coração raras vezes se engana! Em seguida abriu a janella com gesto nervoso e examinando a rua com olhar perscrutador, deserta e sombria áquella hora, acrescentou cada vez mais angustiada: —Aonde irá ella?... Onde estará elle?... Fernando!... Este nome deu livre curso ao pranto que brotou copioso. Então, como que ferida por uma idéa subita, instinctiva dirigiu-se a uma alcova contígua á sala e abriu com mão convulsa a gaveta de uma meza.

— É absolutamente preciso que eu saiba a verdade... murmurava com voz entrecortada, essas repetidas ausencias, a mudança repentina de Fernando, a tristeza que minha tia em vão pretende occultar, as suas saidas de noute...

E á medida que fallava abria caixas, procurava, desembrulhava papeis e lia-os, devorava-os com ardor febril.

— Deus ha de perdoar-me a feia acção que estou praticando. Elle lê na minha alma, bem deve vêr que não posso viver mais tempo n'esta horrivel incerteza!... Nada!... nada!... exclamou a triste Maria torcendo as mãos e acabando de passar em revista o ultimo papel.

Depois de abraçar todo o quarto com um olhar de suprema anciedade estacou de repente e deu um grito;

*

acabava de descobrir, escondido debaixo do travesseiro de Fernando, um rolo de papeis. Correu para elle, apertou-o nas mãos convulsas, abriu-o e trémula, palpitante começou a leitura.

Se lhe parece, leitor, acompanhemol-a.

IV

JORNAL DE FERNANDO

26, JANEIRO, 18...

... Começo a escrever estas paginas da minha vida em um dia bem solemne: Faz hoje annos minha mãe.

Com que amor lhe fui depôr nas mãos alguns pobres mimos acompanhados de um ramalhete!

Vi lagrimas nos olhos de ambas e senti-as tambem nos meus.

São duas santas e eu um doido que sonho ás vezes com o impossivel!...

30 DE JANEIRO...

Maria ama-me, bem o sinto; os nossos destinos ligados de antemão pela vontade de nossos paes estão unidos de uma tal maneira que não será nunca possivel

separal-os... Habituei-me por tal fórma á sua vista, ao som da sua voz, aos seus cuidados, aos seus extremos que chego a imaginar que ella é minha irmã e nem por isso sou menos feliz!

10 DE MARÇO...

Convidaram-me os meus companheiros hoje para ir a um passeio ao campo e á noute ao theatro.

Era um domingo de suaves contentamentos que furtava a minha mãe. Fallei-lhe n'isto logo de manhã; riu-se e disse-me que fosse; olhei para Maria, descorára e como que me reprehendia com os olhos. Dei dois pulos, peguei em Maria e em minha mãe ao collo e disse-lhes que se havia de passear com os amigos era muito melhor irmos todos tres dar um passeio. Ficaram tão alegres como se lhes tivesse annunciado a sorte grande!

20 DE MARÇO...

Hoje minha mãe, séria como nunca a vi, conversou comigo por espaço de algumas horas.

Maria tinha saido e ella pegando-me na mão disse-me:

— Gostas da Maria, meu filho?

— Se gósto! mãe, respondi; gósto d'ella como se gósta

de uma irmã, ou antes adoro-a como se adora uma santa!

— Não é isso, Fernando. Achas que Maria seja digna de ser a tua companheira, a tua mulher? tornou minha mãe.

Deveria esperar esta pergunta mas confesso que estremeci. Hesitei um instante, depois disse:

— Maria é boa e pura como os anjos; quem melhor do que ella poderia eu escolher?...

— Mas, filho, serás tu sempre para Maria o que teu pae foi para mim? Amal-a-has tu com o amor de amante e de marido, com uma affeição tão forte que não venhas de futuro a arrepender-te de ter feito d'ella a tua constante e inseparavel companheira na vida?...

— Ás vezes, mãe, respondi, julgo que Maria é minha irmã por tal maneira estão enlaçadas as nossas existencias desde que abrimos os olhos á luz do dia; não sei se a amo como se deve amar uma esposa, sei só que sacrificaria a vida pela felicidade d'ella e que lhe hei de ser dedicado até á morte.

— Muito bem, Fernando, acudiu minha mãe com ternura; é quanto basta para a nossa mutua e commum ventura. Os casamentos por paixão, contrahidos depois d'esses amores de romance que ordinariamente pertencem mais á cabeça do que ao coração nem sempre são os mais felizes. Quando termina o amor que assenta sobre tão frageis alicerces fica apenas a indifferença e mais tarde o aborrecimento. Não acontece assim na união em que de parte a parte haja certeza de encontrar boas qualidades, estima verdadeira, final-

mente raizes de amisade e convivencia d'essas que quando entram no coração nunca mais saem.

Se não tem os enthusiasmos que seduzem a mocidade compensa-os assegurando uma existencia socegada e abençoada por Deus.

....

Reflecti muito depois d'este dialogo com minha mãe e conclui que não tenho melhor partido a tomar do que casar com Maria.

9 DE JULHO...

Ha muito que não escrevo aqui, que não converso a sós com a minha consciencia. Tenho medo!...

Levo horas e horas seguidas assentado á janella a vêr correr as nuvens ou a olhar para as estrellas!...

—Para que olhas tu para o céo com esse olhar pasmado? pergunta-me minha mãe. Estás fazendo versos?

Não lhe respondo; envergonho-me como se fosse surprehendido no acto de commetter algum crime!...

Porque aborreci eu o que antigamente me dava alegria? Maria e minha mãe devem estar admiradas, e se me interrogassem não saberia nem poderia responder-lhes! Passo as noutes a correr pelas ruas como um doido e perco os dias a imaginar loucuras, cousas impossiveis!... Tenho vergonha de ser filho do trabalho, do trabalho que era d'antes o meu orgulho!...

Dar-se-ha caso que eu ame menos essas duas santas que me estremécem?... Não! e todavia fujo d'ellas, evi-

to-as, não posso estar em casa; suffoco!... Pésa-me na alma, aqui, dentro do peito a minha humilde condição! Sou um miseravel estucador!!

20 DE JULHO...

Ellas estão tristes e apezar d'isso nada me perguntam! Fazem bem, nada lhes responderia!

Nem mesmo á minha consciencia posso responder quando me reprehende e me accusa!

Louco! mil vezes louco! que deixei o verme que se arrasta pela terra levantar olhos ousados para o céo!... Como eu serviria de ludibrio aos desprezos do mundo se soubessem o que me vae dentro d'alma!...

Maria fitou-me hoje por longo tempo, e descobrindo não sei o quê na minha physionomia que a impressionou perguntou com voz trémula:

—Estás doente, Fernando?...

Deveria responder-lhe: Não estou doente mas estou doido!

4 DE SETEMBRO (2 HORAS DA NOITE)

É condessa!... soube-o hoje... e está para casar!... Chorei como uma criança; sinto ainda latejarem-me as fontes; creio que tenho febre!...

Para que permittirá Deus que o vil insecto da terra veja a altiva aguia radiante de luz se elle póde amal-a mas nunca possuil-a?

Para que o condemnará á devoradora sede de Tantalo? Quem me mandou a mim, pobre e humilde artista, atomo perdido na immensidade do mundo erguer olhos da baixeza da minha condição e pol-os n'essa mulher deslumbrante de formosura e opulencia?!

Dizem e escrevem, os democratas que lisongeiam o orgulho do proletario para mais facilmente alcançarem a popularidade e o ponto que levam em mira, que o artista é nobre porque deve os pergaminhos da sua nobreza ao trabalho e não ao acaso do nascimento.

Que importa? se a desdenhosa aristocracia dos grandes esmaga a fidalguia dos pequenos, embora comprada a preço da intelligencia e sobredoirada pela honestidade impoluta!

Irrisoria e miseravel superioridade que me não confere o direito de amar e poder viver acariciado pelo olhar da mulher que me mata!!...

4 DE OUTUBRO...

Vi-a hontem! Será verdade que me viu tambem e que do seu throno de luz abriu um sorriso ao perdido que a devorava com os olhos?!

É isto que me endoidece, é isto que me leva á custa de tudo, até da propria honra, a correr atraz d'ella para colher esses sorrisos que são auroras de canticos!...

Que formosa ella ia, Deus meu!...

Voava para o baile envolta em rendas e diamantes!...

Demorei-me até ás onze horas da noite em frente do palacio; creio que chovia, segundo ouvi dizer aos que passavam; por fim appareceu e ao subir para a carruagem olhou para mim e sorriu-se!... Que sorriso!... fiquei suspenso d'elle a esperal-a até pela manhã: só depois de a ter visto sumir-se como uma visão e o portão fechar-se é que me lembrei de minha mãe e de Maria!...

Pungiu-me então o remorso de havel-as esquecido!...

20 DE OUTUBRO...

Mal sabem ellas que o seu filho, o seu amigo, o seu Fernando é um jogador!... Um jogador!... eu! que odiava o jogo!... Foi o destino que assim o quiz!...

O trabalho vexa-me e repugna-me; não posso trabalhar mas não quero deixar de dar a minha mãe a féria.

Fallaram-me no jogo; fui e ganhei!

Voltei attraido pelo interesse; os ganhos continuam, porém, o socego e a alegria é que fugiram para sempre da minha vida! Só sáio da espelunca onde se joga o socego e a consciencia a troco de algumas libras para ir para o meu posto em frente do palacio; gasto a vida a espreitar-lhe as janellas!...

30 DE OUTUBRO (2 HORAS DA NOITE)

Ousei esta noite approximar-me d'ella e dirigir-lhe a palavra no momento em que subia para a carruagem! Sorriu-se e ordenou que me calasse.

Para que alimenta ella com a sua risonha bocca adorada esperanças que são um inferno?

Depois de lhe ter fallado descobri um vulto parado á esquina que parecia seguir-me com a vista. Soltei um grito; figurou-se-me que era minha mãe!

Esfreguei os olhos convencido de que estava sonhando; quando tornei a abril-os desapparecera o vulto.

Corri para a espelunca, para o meio d'esses homens devorados pelo vicio ou pela cubiça. Joguei e ganhei! Depois cheguei á janella para tomar ar; avistei o mesmo vulto a distancia de alguns passos e senti a mesma impressão!... Mas... é impossivel! Ella, minha mãe!... tão timida, tão recolhida, tão caseira nunca se atreveria a correr as ruas a taes horas da noite!...

V

Deixemos Maria surprehendida e banhada em pranto á vista da funesta revelação que aquellas paginas continham e vejamos em que se occupa Fernando emquanto dois corações dedicados soffrem e derramam lagrimas de sangue por amor d'elle.

Na vespera, Fernando passára como de costume parte da noite na sua muda contemplação em frente do palacio. Por varias vezes desenhou-se atravez das cortinas das janellas um elegante vulto de mulher; afinal o vulto parou, afastou a cortina e fez com a mão afilada e aristocratica um gesto como para chamar. Convulso e perturbado Fernando approximou-se da janella; então trocaram ambos algumas palavras que comcluiram com a promessa de se verem no dia immediato.

Ébrio de ventura Fernando comprimia o coração para que não lhe estalasse dentro do peito.

A noite que deu principio á nossa historia era exactamente aquella em que o pobre rapaz, deslumbrado pela es-

perança, aturdido pela inesperada felicidade que de subito lhe abria com chave de oiro o paraiso dos seus ardentes sonhos se dispunha para correr á entrevista que o seu idolo lhe designára.

Ás oito horas já elle estava collocado em observação defronte do palacio.

O edificio de uma architectura pesada e triste, silencioso e occulto na penumbra contrastava com a anciedade febril que o dominava.

A escuridão da noite era intensa, o vento soprava rijo e a chuva principiava a cair.

Fernando não sentia cousa alguma; a vida fugira-lhe para aquella casa onde na vespera lhe sorrira a deusa dos seus cultos.

Deu meia noite, hora marcada para a entrevista, e as janellas permaneceram fechadas.

A mesma escuridão, o mesmo silencio interrompido com longos intervallos pelo caminhar de algum transeunte ou pelos bramidos do vento.

Deu uma hora, que pungiu como o attrito de um cilicio o coração do mancebo.

Fernando perguntou então a si mesmo se o teriam escarnecido, e a frieza do raciocinio succedendo ao ardor da exaltação começou a fazer-lhe ver, ainda que vagamente, que as suas esperanças eram loucas e irrisorias.

Ás duas horas ouviu-se o rodar de uma carruagem. Fernando estremeceu: profundamente commovido retrocedeu e cozeu-se com a parede fronteira ao palacio.

A carruagem parou; abriram-se logo de par em par os dois batentes do portão e apeou-se uma mulher luxuo-

samente vestida, acompanhada por dois homens, um velho e um rapaz.

Fernando levou a mão ao peito e murmurou:

— Provavelmente é o noivo!

A carruagem afastou-se; porém, o portão ficou aberto. Fernando, com a vertigem da febre a queimar-lhe o sangue e a cabeça em chammas entrou sem hesitar; sem olhar para ninguem nem perguntar cousa alguma atravessou o vestibulo com passo rapido, subiu n'um abrir e fechar d'olhos a escada alcatifada, passou por duas salas e entrou finalmente em um quarto opulento e deslumbrante, illuminado por dois candelabros e guarnecido de sedas, velludos, rendas, crystaes, bronzes e flôres, um verdadeiro quarto de fidalga!

A borboleta incauta e cega voava para a luz que a attraia!

A condessa estava em pé defronte do espelho e desvanecia-se com a belleza da sua imagem reflectida no vidro.

Cabellos pretos finissimos, olhos ardentes e languidos, bocca vermelha e levemente desdenhosa, descobrindo atravez do sorriso dois fios de dentes admiravelmente esmaltados, pescoço de cysne branco e delicado como as rendas que o cingiam, tal era a condessa.

Depois de um olhar demorado e approvador a fidalga fez um gesto que equivalia talvez a dois louvores, um para si outro para o espelho.

Em seguida, com a indolencia felina natural á mulher do grande mundo descalçou as luvas de sete botões e voltando as costas ao espelho encaminhou-se direita á

sala. N'esse mesmo instante viu Fernando e recuou estupefacta soltando um grito.

Todo este tempo levára o desventurado contemplando-a extatico, pallido, ancioso, reprimindo a respiração e amparando o coração que pulsava desordenado; não ousando mexer-se com receio de quebrar o encantamento que o magnetisava e profanar o sanctuario da ignota deidade.

A condessa apparentando uma tranquillidade que estava longe de experimentar mediu-o dos pés até á cabeça e com leve desdem na voz disse:

— O que faz o senhor ahi?

Fernando estremeceu; duas lagrimas silenciosas turvaram-lhe a limpidez do olhar.

A condessa viu-as, deu um passo para elle e murmurou com expressão menos aspera:

— Retire-se, peço-lhe encarecidamente! Que diria meu pae se o visse aqui a esta hora?

— Que me retire? acudiu Fernando instigado por estranha exaltação, então assim se brinca com a vida de um homem? Rouba-se-lhe a alegria, o socego, a honrada existencia livre de remorsos, tudo que era a sua riqueza, accende-se-lhe no coração uma chamma que o devora e depois um dia, n'uma hora de enfado volta-se-lhe as costas e arreda-se com o pé como um objecto inutil e desprezivel!...

Tenha dó de mim, senhora condessa, acrescentou supplicante, suavisando a voz e estreitando-lhe as mãos, castigue-me, esmague-me, expulse-me, mas, por Deus! não me endoideça com esses sorrisos que me trouxeram

arrastado até aqui, que me fizeram entrever o céo para me precipitarem agora no inferno!

Olhe que o crime de acordar n'uma pobre alma uma esperança para abandonal-a no momento em que nos absorvera a vida nem Christo lh'o perdoará!

Parte d'este dialogo fôra ouvido por um gentil cavalheiro, calado e immovel no limiar da porta.

Fernando e a condessa não podiam vel-o porque lhe voltavam as costas.

Esse cavalheiro, encasacado e attento, era nada menos do que o barão de***, futuro esposo da condessa. Contrahia-lhe a enorme bocca, da qual o bigode em vão tentava apoderar-se, um riso de mofa.

No momento em que Fernando apertando as mãos da condessa lhe fallava com ardor cada vez mais vivo da sua paixão e esta diligenciava livrar-se d'elle, o barão entrou em scena e com voz acerada de ironia exclamou:

— Bravo, condessa! que sentimentalismo! Ignorava que fosse rainha d'este novo Ruy Blas!

A condessa fez-se livida e despedindo um grito penetrante soltou-se afinal dos braços de Fernando: logo, encarando-o com expressão de orgulho feroz, bradou indicando a porta:

— Sáia, miseravel! sáia immediatamente!

Fernando nem pestanejou; a dôr paralisando-lhe todos os movimentos deixára-o como que assombrado.

Via confusamente o rosto da mulher que lhe parecera formada da essencia immaterial dos anjos transtornado pela ira, e perguntava a si mesmo como era possi-

vel que fosse aquella a mesma physionomia suavissima cujo sorriso lhe captivára a existencia!

Zumbiam-lhe aos ouvidos e feriam-n'o com punhais as palavras de desprezo com que ousavam expulsal-o, a elle que se julgára amado! Queria fugir e não podia, sentia os pés cravados no chão!

O barão soltou uma gargalhada e acrescentou no mesmo tom:

—Vim interrompel-os, meus pombinhos, á hora talvez em que a rainha ia dizer ao *soi disant* Ruy Blas que o amava!... Peço perdão e absolvo-me retirando-me.

—Por Deus, barão! atalhou a condessa mordendo os beiços a ponto de fazer sangue. Este homem, que não conheço, e indicava Fernando, que nunca vi senão hoje, introduziu-se no meu palacio, ignoro com que fim, e levou a audacia até ao excesso de invadir o meu gabinete; disse-me não sei quantas insolencias que ouvi receiando chamar porque tive medo que me fizesse mal, e mesmo porque me persuado que este homem está doido! Perguntava a mim mesma qual a melhor maneira de o mandar pôr fóra pelos meus criados quando V. Ex.ª entrou.

Depois d'estas explicações, dadas pela fidalga com assombrosa naturalidade, o barão curvou-se risonho e convencido e com um gesto humilde, e a miragem dos duzentos contos da condessa a fulgurar-lhe diante dos olhos, pediu perdão.

A fidalga suspendeu-se-lhe do braço e lançando-lhe um olhar de verdadeira *coquette* murmurou, terna e queixosa:

— Cioso!...

— Se eu a amo tanto!... respondeu o barão sorrindo á miragem e requebrando-se para o objectivo da dita.

Acto contínuo retiraram-se sem que a condessa se dignasse volver um só olhar de commiseração ao desgraçado que assistia petrificado ao enterro do seu primeiro idolo d'amor, aureolado de falsas e ephemeras perfeições! Ficando só, Fernando levou as mãos á cabeça como para reunir os pensamentos que lhe fugiam, confusos e indistinctos: sentiu então a imperiosa necessidade de abandonar aquella casa fatal, onde residia a mulher que tão cobardemente o ultrajára.

Largou a correr como um possesso, deitou ao chão um criado que encontrou no caminho, chegou á rua e continuaria a correr sem destino, doido, perdido, com o espirito em trevas e a alma cheia de dôres se um vulto, cruzando vivamente com elle e obrigando-o a parar e não chamasse pelo seu nome.

O infeliz estremeceu, encarou de frente com o vulto que o contemplava com indizivel expressão de amor e piedade e soluçando como uma criança caiu-lhe nos braços exclamando:

— Minha mãe!

VI

Acompanhe-me o leitor á Villa de Odemira, no Algarve, seis mezes depois dos acontecimentos que tiveram logar no comêço d'esta veridica historia.

Estamos em dia de S. João Baptista do anno de 1837. O dia abrira festivo e ruidoso: céo azul, sol brilhante, descantes nas ruas e foguetes a estalarem no ar, um verdadeiro dia de S. João, santo poeticamente querido, preferido e festejado pelos portuguezes, isto sem offensa do thaumaturgo de Padua.

Os soldados, proprietarios communistas da Villa n'aquelles tempos bellicozos, confundiam-se com o povo e descançavam consagrando ao alegre culto do santo o tempo que de ordinario pertencia á labutação de uma guerra penosa e ingloria.

Por fortuna coincidia o dia de S. João com a suspensão momentanea que houve d'aquellas successivas escaramuças a monte, atravez de escarpadas serras, na garganta dos precipicios ou no concavo dos valles sempre

desacompanhadas do estimulo da presença do inimigo ou dos triumphos da victoria, e sem outro resultado mais do que deixar a tropa extenuada, empoeirada, coberta de sangue, dilacerada mais pelos afiados dentes da serra ou pelas urzes do matto do que pelos tiros do invizivel e embuscado inimigo.

Sem querer de maneira alguma avivar odios ainda não extinctos nem despertar memorias funestas tocarei apenas levemente na epocha calamitosa á superficie da qual deslisa a acção do meu conto.

Os guerrilhas, capitaneados pelos célebres *Remexido* e *Baihôa,* terror do Algarve, abraçando apparentemente idéas politicas, que no fundo talvez escarnecessem, serviam-se d'ellas como de uma arma terrivel, porém, auctorisada, para empenharem combates quotidianos com os liberaes, destruindo ao mesmo tempo e saqueando tudo que encontravam.

Na Villa de Odemira, onde nos achâmos, aquartelava havia seis mezes um destacamento do 25 de infanteria. Na noite d'esse mesmo dia de S. João recebera ordem para enviar uma força que escoltasse o correio até Ourique.

Como dissemos, os soldados aproveitavam as horas de folga para se divertirem associados com o povo.

Nas ruas ardiam ainda os restos esbrazeados dos barris de alcatrão, em torno dos quaes tinham girado os rapazes, as bichas de rabiar e os busca-pés. Grupos de raparigas, trajando as suas mais vistosas galas, dirigiam-se para a egrejinha da villa, relembrando saudo-

sas os descantes do bailharico e scismando nas alcachofras queimadas á chamma da fogueira.

Á porta do quartel conversavam e riam os sargentos deitando ternos olhares e palavras incendiarias ás raparigas que passavam.

Dentro do quartel, em um quarto pequeno e desviado do resto do edificio encontraremos um sargento que poderia contar apenas 24 annos; escrevia assentado a uma meza. Obscurecia-lhe a physionomia franca e sympathica uma nuvem de melancolia. Causava estranheza vel-o alli, sósinho, concentrando toda a sua attenção na carta que escrevia em quanto lá fóra os camaradas só pensavam em divertir-se.

Vejamos a carta, e é provavel que ella nos dê a palavra do enigma.

« Vae já em seis mezes que a deixei, minha santa
« mãe. Arrancaram-me dos seus braços a dôr e o re-
« morso! Nem eu sei ainda como tive forças para tan-
« to!... Porém, era preciso... e fez-se! Vocemecê não me
« deixaria partir se eu lhe tivesse contado o meu proje-
« cto, e eu deveria expiar de alguma maneira o desatino
« que me arrastou a sacrificar aos pés de uma namora-
« deira vulgar a felicidade da nossa vida e o futuro d'esse
« anjo de bondade! Nunca esquecerei o olhar e o abraço
« com que acolheram a minha volta! Humilharam-me com
« a sua generosidade! tive vergonha de não a merecer e
« protestei então que havia rehabilitar-me aos meus e aos
« seus olhos. Aqui estou pois, minha mãe; não tenha cui-

« dado em mim. Assentei praça ha seis mezes e já ganhei
« tres divisas; espero ter a banda de official quando tor-
« nar a vel-a. Já lhe mandei dizer, e é verdade; ponto é
« ser valente que a recompensa não se faz esperar; não
« se póde dizer que eu seja ahi um valentão, mas não
« fujo do perigo.

« Ha tres dias tivemos uma pequena escaramuça com
« a gente do *Baihôa;* apanhei lá uma arranhadura seme-
« lhante ás que a agulha faz nos dêdos da nossa Maria:
« valeu bem a pena porque me alcançou um elogio do ca-
« pitão á frente do destacamento!

« Abraco Maria por mim, minha mãe; afiance-lhe que
« a estima como sempre o seu Fernando.»

Agora que o leitor já conhece com quem trata prosigamos.

Depois de escrever Fernando levantou-se e mettendo a carta no peito encaminhou-se com passo rapido para o quarto do capitão, no pavimento superior.

Ahi, tres officiaes ainda moços conversavam e fumavam. Fernando approximou-se do capitão e fazendo a continencia do estylo disse:

—Meu capitão, desejava saber se V. S.ª teve a bondade de nomear-me para fazer parte da força que ha de marchar esta noite?

O capitão riu-se, torceu o bigode e lançando um olhar expressivo aos officiaes respondeu:

—Descance, Fernando, conforme os seus desejos está nomeado.

—Muito obrigado, meu capitão, acudiu com vivacidade o moço sargento e retirou-se.

—Que valente! exclamaram a uma voz os officiaes.

VII

Corria a noite tepida, serena e estrellada; ouvia-se o canto da cigarra e sentia-se no ar o cheiro acre dos trigaes humedecidos pelo orvalho. As sombras dos moinhos, dos outeiros, das montanhas e das arvores disseminadas ao longo do caminho recortavam no fundo argenteo do luar os seus vultos extravagantes.

A escolta que acompanhava o correio compunha-se de 18 voluntarios da terra e 16 praças arregimentadas; commandavam-n'a dois sargentos e um cabo.

Depois de uma marcha de sete horas sem occorrencia notavel fizeram alto a meio caminho.

Estavam na vinha do *Salto,* cerca da povoação de S. Luiz, local opportuno para descançarem.

Os sargentos mandaram ensarilhar armas e juntamente com os soldados assentaram-se ou deitaram-se, comendo, fumando e dormitando. A vinha era toda rodeiada pelas sebes que formavam uma espessa cortina de tojos, cardos e troncos seccos; por detraz das mes-

mas erguia-se um grande muro, em parte esboroado; a vinte passos accidentava-se o terreno em ondulações successivas e principiava o matto, extenso e enredado.

De repente ouviu-se uma detonação que partia do muro arruinado.

Os soldados, colhidos de surpreza, levantaram-se na maior confusão dispondo-se á resistencia. Começavam a preparar as armas quando uma segunda descarga prostrou metade da escolta. No mesmo instante um troço de homens uniformisados de differentes maneiras, maltrapilhos, com as barbas crescidas e o aspecto feroz surgiram como uma caterva de demonios da sebe e do matto e cairam n'um impeto selvagem sobre o resto da tropa.

Fernando que commandava a escolta fazia esforços desesperados para reunir os poucos soldados que restavam e que não esperavam senão que se lhe facilitasse ensejo de debandarem: travou-se então um combate desesperado.

O moço sargento batia-se como um leão, os soldados animados com o seu exemplo faziam prodigios de valor; porém, o numero dos guerrilhas conduzidos pelo terrivel *Remexido* multiplicava-se de instante a instante, e embora elles ignorassem a tactica militar e a disciplina que dão ao soldado além da destreza e pericia a superioridade do sangue frio, tinham pela sua parte a posição e o numero.

Fernando achou-se só em campo, obrigado a fazer frente a perto de noventa guerrilhas armados até aos dentes. Já sem forças, coberto de feridas, cheio de sangue e pó caiu afinal varado pelas baionetas dos guerri-

lhas. Estes reuniram á pressa as espingardas dos soldados, despiram-lhe os uniformes e retiraram levando as malas do correio.

A lua estava quasi a sumir-se no céo. Sobre aquelle chão juncado de cadavéres erguia-se a madrugada com o seu aspecto de festa; o horisonte coloria-se com tintas auri-rozadas e os passarinhos chilreavam embuscados no arvoredo. Ao longe, atravez da indecisa claridade do raiar do dia avistavam-se dois vultos, caminhavam pela estreita e tortuoza vereda que conduzia á vinha.

Á medida que o dia ia rompendo e que o sol nado allumiava com os seus raios aquelle campo funebre os vultos approximavam-se. Era uma velha e um rapaz, vestido como os trabalhadores ruraes. A velha com as feições alteradas por estranha inquietação encostava-se ao braço do rapaz, que a contemplava com expressão compadecida.

— Então vocemecê p'los modos chegou hontem mesmo? perguntou o camponez.

— Cheguei, respondeu a velha sem poder fallar.

— Havéra de ter vindo mais cedo; o *Remexido* cuido que fez das suas!

— Fernando!... murmurou a pobre mulher cobrindo a cara com as mãos e desatando a soluçar. Fernando!... onde estás?

— Elle não lhe mandou dizer o que por cá ia? tornou o guia olhando admirado para a pobre mãe.

— Ha muito que não sabia d'elle! volveu Anna com expressão angustiada, vim... porque não podia esperar mais tempo; o coração não me enganava!...

— Já agora o que lhe ha de vocemecê fazer? acudiu o camponez pretendendo cortar o mal pela raiz.

— Oh! meu filho! meu filho!... exclamou a triste com os pés feridos, já sem poder caminhar e rompendo em dilacerante chôro, meu filho!...

O rapaz embora não soubesse entender aquella grande dôr respeitava-a e amparava cuidadoso a pobre mulher.

Chegados á vinha, á vista dos cadaveres que jaziam no chão Anna despediu um grito e caiu sem alento.

Depois de alguns instantes de total aniquilamento ergueu a cabeça, levantou-se e com um valor heroico começou a examinar minuciosamente todos os cadaveres. Sublime quadro, singelo e grandioso, o d'aquella pobre mulher procurando entre os mortos o corpo do filho! Depois de aturadas investigações, auxiliada pelo aldeão, a desgraçada parou um momento como que para recobrar alentos e volver ao céo um olhar supplicante, eloquente de lagrimas; de cada uma d'ellas pendia-se um pedaço do coração da triste mãe.

— Vamos lá, não vale affligir-se tanto! aventurou o guia.

Anna estremeceu e relanceou a vista em torno de si; depois, fixando de subito um ponto que já havia percorrido soltou um grito e deitou a correr. Meio occulto pelas raizes de uma arvore jazia um cadaver. A velha, com a força sobrenatural que provém de dôres sobrehumanas levantou-o nos braços, apertou-o ao peito com delirio e cobrindo-o de beijos bradou:

— Meu filho!... meu adorado filho!...

Morto! o meu Fernando está morto!... soluçava regando o cadaver de lagrimas.

— Talvez não esteja... lembrou o rapaz apalpando o peito do sargento.

— O quê! estará vivo?! acudiu Anna desvairada pela esperança.

— O que lhe sei dizer é que as feridas botam sangue, como vê, e que a pelle não está fria. Tem vocemecê ahi um lenço?...

— Aqui está! atalhou Anna de prompto arrancando os lenços da cabeça e do pescoço.

No mesmo instante deitaram o corpo no chão. O rapaz foi buscar agua e lavou o sangue; depois rasgaram os lenços em tiras e ligaram as feridas. Em seguida chamaram um trabalhador, que por felicidade passava, armaram com alguns ramos seccos uma especie de padiola e collocando-lhe em cima o corpo do sargento encaminharam-se para Odemira. A pobre mãe seguia-os banhada em pranto.

Chegados a Odemira conduziram o ferido para o quartel. Entrava elle na occasião em que o cirurgião militar se dispunha a acompanhar a força que marchava para o logar do morticinio. O cirurgião examinou as feridas que cobriam o corpo de Fernando e declarou que o moço sargento ainda vivia mas que em vista da grande perda de sangue duvidava poder salval-o. Anna que tinha esperado a sentença do medico como a de um oraculo prostrou-se, abraçando-se com os joelhos d'elle e supplicou-lhe entre soluços despedaçadores que lhe salvasse o filho.

Não se pouparam soccorros e commodidades ao brioso

sargento que era estimado por todos, camaradas, superiores e inferiores; porém, acima de tudo valeram-lhe os extremos da mãe que nunca mais arredou pé da cabeceira do seu estremecido doente. Ao cabo de 8 dias havia uma leve probabilidade de salvação para o pobre Fernando; e no fim de tres semanas já o doente dava alguns passos pelo quarto meio reclinado nos braços da mãe. Receberam varias cartas de Maria que ficára provisoriamente em casa de umas parentas, em todas pintava ella a anciedade e angustia que a devoravam.

Fernando, com a ternura e reconhecimento a trasbordar-lhe da alma ajoelhava repetidas vezes em frente da mãe a pedir-lhe perdão pelo mal que lhe havia causado, promettendo de futuro remedial-o.

Em virtude do melindroso estado de saude do convalescente deram-lhe licença por alguns mezes para tratar-se. Desejando ardentemente tornar a ver Maria, Fernando persuadiu sua mãe a partirem para Lisboa logo que o seu estado de saude permittisse.

VIII

Foi commovente a entrevista de Fernando e Maria! Aquellas duas almas enlaçadas no berço por uma d'essas affeições que ordinariamente só terminam no tumulo, separadas de improviso por um fatal capricho da sorte tornavam a encontrar-se e reuniam-se na communhão de todos os sentimentos que brotavam do coração, reflectiam no limpido espelho da consciencia e brilhavam no jubilo do olhar. Depois do pungir obstinado do remorso sentira Fernando que aquelle fel, diluindo-se pouco a pouco na doçura do pranto enternecido permittia-lhe afinal que purificasse a alma com o santo amor votado a Maria, anjo que um momento desconhecera! Todavia figurava-se-lhe pequena a expiação, e n'um olhar de ternura da noiva parecia-lhe ás vezes descobrir uma exprobração. A pobre mãe é que delirava á força de contentamento!

As almas das mães quando irradiam a felicidade dos filhos são uma aurora! Gorgeios, flôres, perfumes, luz,

ha tudo alli! E n'esse tudo reside o infinito do amor, a essencia da dedicação, manifestação visivel da omnipotencia,—o amor maternal!

Fernando, pretextando o seu mau estado de saude obteve a baixa do serviço; no dia em que a recebeu entrou em casa como doido, pegou na mão de Maria e deitando-se aos pés da mãe disse a medo:

— Já não sou soldado, minha boa mãe; porém, pensa em consciencia que serei digno d'ella?

Anna respondeu enlaçando Fernando e Maria nos braços e estreitando-os ao peito. Logo alli combinaram que o casamento deveria verificar-se o mais tardar dentro em quinze dias.

O commandante, querendo dar ao ex-sargento um testemunho da sua estima, offereceu-se para padrinho. Fernando, radiante de felicidade, completamente esquecido do passado conduziu a noiva ao altar entre festas e benções.

CONCLUSÃO

Leitor, queira pôr os olhos no quadro que vou desenhar com um traço breve e rapido, visto que o autor depois do casamento dos seus heroes não tem mais que fazer do que dar o caso por concluido.

Quatro figuras conta o esboço, simples e patriarchal como uma pintura flamenga: Uma mulher coroada pelos fulgores da ventura, com uma criança nos braços, um homem com o olhar enlevado na criancinha e uma velha sorrindo a brandura de todos os affectos maternais na suavissima expressão do rosto.

O leitor já de certo reconheceu, não obstante a incorecção do lapis, Maria, Anna e Fernando.

Fernando lia um jornal. De vez em quando interrompia-se para beijar a mulher e o filho. De repente parou no meio da leitura e disse com leve tremor na voz.

— Oiçam esta noticia; é curiosa! e leu:

« Diz-se que o barão de ***, que casou ha tres mezes com a condessa de ***, uma das estrellas do mundo elegante, vae intentar acção de divorcio no tribunal respectivo. »

Fernando, Maria e sua mãe olharam-se em silencio, depois do que Fernando unindo-as ao coração exclamou:

— Maria! minha mãe, meu filho... eis a minha unica felicidade!

A DAMA DAS VIOLETAS

Qui voit son âme, hélas! qu'on mutile et qu'on foule,
Eparse maintenant sous les pieds de la foule;
Qui pleure son parfum par ton souffle enlevé;
Pauvre vase de fleurs tombé sur le pavé!

V. HUGO.

A DAMA DAS VIOLETAS

Lembras-te, Maria, d'aquella tarde na aldeia em que fomos juntas á quinta das Lapas?

Tu levavas-me pelo braço e eu colhia distrahida as congossas, as giestas côr de oiro e as flôres dos pilriteiros que bracejavam entre as sebes, confundidas com a amoreira brava e a pita de folhas agudas como estyletes, ou serpenteiavam enredadas nos troncos de folhagem miuda do sabugueiro e da madresilva.

Todas as tintas opulentas do crepusculo vespertino, a purpura, a opala, a violeta, o oiro e o azul desmaiado tingiam o céo. Tremia no ar esse fremito sonoro que é como que o bater de azas invisiveis.

O verde sombrio das arvores recortava-se como uma renda no azul do firmamento.

As *boas noites* entreabriam a medo as delicadas petalas impregnadas de aroma.

Caminhavamos em silencio. O sino do campanario proximo vibrou lentamente e o *Angelus,* ondulando no espaço como uma nuvem de incenso, perfumou o campo e

as nossas almas enlevadas. Depois, não sei como, caprichos de gente moça! em vez de meditar e contemplar preferimos conversar; acudiram-nos ao pensamento os nossos autores predilectos. Citei Henrique Heine, o poeta do Rheno, que sabe colorir a triste e desflorida alma com o matiz de uma estranha ironia, simultaneamente amarga e suave!

Contei-te a mysteriosa legenda d'aquella arvore singular das florestas virgens, que Heine nos pinta n'um dos seus primorosos quadros, esquiva e espinhosa *coquette* do reino vegetal, que conta os seculos pelas flôres e que só ao som de uma especie de tiro desdobra, no extremo da haste guarnecida de extravagantes folhas eriçadas de espinhos,—como um pavilhão real, as brilhantes petalas da flôr do aloés.

Em seguida tu, depois de haveres colhido uma rosa silvestre que me prendeste no cabello, grave, seria, quasi triste, fallaste-me do *Mario* d'esse mallogrado talento que se chamou na terra Silva Gayo, e que fulgura sempre, radiante como um astro, nas paginas do seu livro immortal; da suave e immaculada Thereza, vulto harmonioso e poetico como o de Santa Cecilia, do presbyterio, perfumado como um templo pela presença do santo vigario, pobre e humilde ancião, tão grande e tão sublime na identificação do Evangelho de Jesus Christo! do nobre e generoso Mario, arrastando pela terra negra e árida do prezidio africano os dilacerados pés e o coração morto de saudades, em quanto se lhe desenhavam ao longe, na poeira doirada da miragem, os vultos estremecidos da amante e da patria!...

Por tal maneira nos deixáramos captivar com o encanto d'esse animado dialogo que entrámos na quinta sem darmos por tal! Mergulhava então o sol, pallido como um adeus saudoso, no leito das aguas que expiravam no extremo horisonte, veladas pela bruma opalina levemente colorida de côr de rosa.

Era realmente encantador o aspecto d'aquella vivenda situada á beira mar! De um lado olhavam as janellas da casa para o pomar que transformava a sala n'uma especie de urna balsamica de inebriantes aromas; do outro abriam para o rio, avistando um extenso e accidentado panorama das margens de Lisboa, coroadas de innumeras casas, dispostas n'uma desordem pitoresca, ora descendo a reclinar-se na espalda do rio ora subindo em ondulações caprichosas até ás mais elevadas collinas, onde no fundo azul ferrete do céo recortavam as agudas flechas os campanarios de varias egrejas.

Debruçado no peitoril das primeiras poderia qualquer namorado sonhador evocar o doce vulto da virgem dos seus amores para depôr-lhe aos pés a flôr symbolica cujo aroma lhe acariciava os sentidos... As segundas, suspensas sobre o mar, insondavel, melancolico, que parecia suspirar o poema da saudade nos seus mysteriosos lamentos, convidavam os tristes. D'esse lado havia uma especie de caramanchão, vestido de bouganville, que entrelaçando os ramos com a murta e o jasmineiro formava uma especie de docel de flôres, á perfumada sombra do qual nos assentámos.

O piano, vibrado na sala, enviava-nos melodias de Cimarosa, que brotavam como beijos, voando confundidas

com as flôres; o rio espreguiçava-se volúptuosamente desenrolando a sua nivea tunica de prata.

A conversa deslisava indolente, afinando pela languida cadencia das aguas e pelo vago rythmo da musica.

Umas vezes distraiamo-nos desfolhando malmequeres e atirando-os para o rio juntamente com pequenos seixos; outras discutiamos com imperturbavel gravidade os destinos da Europa, as evoluções da politica (seriamos ridiculas se não fossemos crianças!) as altas questões da philosophia, os progressos da Arte, as maravilhas da sciencia e a marcha ovante da litteratura.

Passaram assim, idealmente, diante do nosso audacioso olhar, os mais heroicos e os mais incompativeis vultos: Victor Hugo, por exemplo, ao lado de Bismark; Shakspeare acotovelando Thiers; Gœthe dando o braço a George Sand e a madame de Girardin; Pope comprimentando Camões; Napoleão cedendo o passo á baroneza de Stael! e o senhor Fontes marchando ao lado de Bernardim Ribeiro, o namorado trovador manuelino!

— Em que estás pensando, Eugenia? perguntou Margarida, ha meia hora que não fazes senão olhar para o rio, triste como uma noite sem estrellas!

— É verdade, tens razão, exclamámos. Eugenia é por força victima de algum desgosto.

— Querem ver que está com saudades dos bailes do club?...

— Qual! de S. Carlos, de S. Carlos é que é! Lembram-se da ultima noite?...

— Em que scintillavam na plateia dois olhos, vivos como dois bicos de gaz!

Fallavamos e riamos ao passo que Eugenia permanecia seria e impenetravel.

— Loucas! volveu afinal meneando a loura cabeça coroada de intelligencia e mocidade, tenho saudades, tenho, porém são estas saudades funebres como as que se enfeixam nos tumulos!...

A melancolica resposta de Eugenia impressionou-nos.

A noite approximava-se envolta em sombras indecisas, em rumores mysteriosos; no céo fulguravam já algumas estrellas de brilho trémulo.

— Vamos para casa, lembrou Maria, querendo fugir á subita tristeza que tomara posse de nós.

— Pelo contrario, fiquemos, contestei. Gosemos a melancolica poesia da noite que é triste como a saudade de Eugenia, já que ella teve a rara habilidade de transmittir-nos as suas impressões.

— Tens razão, exclamou Eugenia commovida, só por intermedio da saudade, pungir amargo e deleitoso, como lhe chamou um poeta, sentimento que revive extinctas memorias e sobredoira apagadas imagens, podemos comprehender todo o singular encanto da noite!...

Quedámo-nos em longo silencio. As estrellas accendiam-se e palpitavam na curva azul; do profundo seio da natureza adormecida erguia-se a harmoniosa *preghiera* cantada pela viração, pelo arvoredo, pelos insectos e flôres. A lua, radiante e limpida, cortava as aguas com os seus raios serpentinos e phosphorescentes. Os longes esfumavam-se na sombra e condensavam-n'a.

O piano como se não ousasse associar as suas vulgares melodias áquella harmonia immensa, emmudecera.

— Mas de quem tens tu saudades, criança?! interrogou Margarida curvando-se graciosamente para Eugenia?

Esta deixou cair a cabeça nas mãos, logo depois murmurou:

— D'ella!

A palavra simples como era penetrou-nos no coração! Consequencias talvez do aroma da flôr de laranjeira e do mavioso suspirar do rio.

Quem póde furtar o coração, por muito que elle se esquive a lyrismos poeticos, á ebriedade proveniente dos ardentes philtros que chovem do céo n'estas voluptuosas noites do estio?...

— Já se não lembram da dama das violetas? proseguiu Eugenia com voz trémula.

— Aquella senhora muito pallida que tinha o estranho capricho de usar violetas no cabello? perguntou Maria.

— A que esteve aqui o anno passado? acrescentou Margarida.

— Que é feito d'ella? inquiri curiosa. Imaginei sempre que uma mulher tão elegante não deixaria de apparecer todas as noites, como as estrellas, no brilhante céo da moda, onde a gente tem de antemão a certeza de encontrar astros e satellites. Procurei-a muitas vezes nos theatros, nos bailes, nos passeios, n'esses dilúculos onde as borboletas da *elite,* formosas como Beatriz, deslumbram, crestando as azas, mas não a vi nunca!

— Tu eras amiga de Beatriz, observou Graciosa, é provavel que saibas onde ella está?

— Sei, volveu Eugenia cravando os olhos no céo, está alli!

— Que dizes?... perguntámos todas.

— A verdade! concluiu reprimindo um soluço; depois baixando a voz murmurou: Beatriz morreu!

— A dama das violetas era decerto uma mulher superior, disse Maria ao cabo do penoso silencio em que ficáramos absortas, a sua altiva fronte dardejava estranhos fulgores!...

— Parece que a estou vendo, acudi tentando subjugar a dolorosa impressão que me pungia; pallida, ondulante, com o olhar perdido n'um vago scismar; arrastando, desdenhosa e indifferente, a longa *traine* do seu vestido de velludo pelo terreno agreste da aldeia e saudando-nos de longe com uma leve inclinação de cabeça.

— Nós tinhamol-a por soberba, observou Margarida.

— E não era senão desgraçada!... volveu Eugenia.

— Lembro-me que diligenciando uma vez interrogar-te a respeito da tua amiga, não respondeste senão com evasivas mysteriosas, tornou Maria.

— Parecia-nos uma parodia de romance, uma especie de miniatura de Lelia com o appendice das violetas, como Alphonse Karr, disse Margarida levemente ironica. Residindo os tres mezes d'estio na aldeia, partilhando o nosso viver sertanejo, nunca se dignou dirigir-nos a palavra! Só Eugenia possuia a chave do cofre das suas boas graças, preferencia que a dizer a verdade nada tinha de invejavel, porque os passeios e serões em casa da *dama das violetas* entristeceram-nos a nossa jovial Eu-

genia, que tomou de repente o aspecto de uma lady devorada pelo *spleen!*

Tinha graça, diziamos nós n'aquellas divertidas palestras ao luar, se n'este singelo Portugal, prozaico, obscuro e desartificioso, onde floresce a couve lombarda e o sapato de ourelo, e a individualidade de George Sand, presentida de longe, amphibologicamente, por intermedio dos seus livros, rasteja na voragem dos reprobos, á chamma azul do enxofre mephistophelico, perturbando os sonhos das consciencias timidas; tinha graça se topavamos assim inesperadamente, em plena poesia bucolica, uma Lelia, romantica e visionaria, de olheiras fundas e cabellos soltos!....

—Lelia! interrompeu Eugenia com expressão magoada, Lelia é apenas a nevrose de um espirito enfermo, ou antes é a aguia que tão depressa paira no ether como desapparece na escuridão do abysmo, que da altura demasiada a que ousou subir foi precipitada na voragem da duvida infecunda, da aspiração indefinida, da impossibilidade de amar e da constante revolta contra o bem.

Beatriz é a singela mulher, condemnada pela fatalidade do destino! A primeira representa a ficção esplendida de um genio; a segunda é menos e é mais, porque significa a realidade pungitiva de um calvario de dôres!

Estas palavras pronunciadas com a vehemencia de uma convicção inabalavel commoveram-nos; instinctivamente cravámos os olhos no céo.

A lua orvalhava-nos a fronte com as suas lagrimas de luz, a folhagem estremecia afagada pela viração, as

larangeiras desfolhavam ao luar as suas niveas grinaldas ebrias de perfume.

— Confia-nos o mysterio d'essa existencia, implorei sem esperança de obter o que pedia, guardal-o-hemos no occulto sacrario do coração.

Acto contínuo, vivas e reiteradas solicitações tentaram resolver Eugenia a satisfazer-me o pedido.

— São crueis! respondeu profundamente magoada, não veem que tormentos vou padecer obrigando-me a revolver aquellas cinzas!...

É indispensavel, porém, que conheçam melhor a sublime alma, dolorosamente ferida, que ousáram recortar pelo figurino trivial de uma heroina de romance!

Beatriz contou-me a historia do seu coracão, (bem sabem que no coração reside toda a nossa historia!) n'uma tarde tempestuosa, em presença do mar que rugia encapellado sacudindo a enorme juba.

Os relampagos fuzilavam cruzando a sua luz sinistra com o estranho fulgor do olhar de Beatriz; o trovão rugia ao longe, o furacão varria as areias da praia que redomoinhavam em turbilhões e atirava-as de chófre ás ondas que fustigavam os rochedos, coroando-os de argentea espuma.

A tempestade de paixões desencadeada na melancolica narrativa alheava-nos da tempestade dos elementos, que affrontavamos intrepidas, desdenhosas e impassiveis como o rei Lear.

Era um quadro sombrio, de traços indeleveis, formoso e artistico como uma aguarella de Taylor, o d'aquella pallida e elegante mulher, com as tranças de negro e

assetinado cabello esparsas ao vento, a fronte allumiada pela altivez do soffrimento que não espera nem implora, o olhar velado por insondaveis melancolias ou requeimado pelo ardor da febre que lhe esphacelava o peito!

Lembram-se da incomparavel belleza de Beatriz?... proseguiu Eugenia a meia voz; estranha e fatal belleza! Fascinava e endoudecia! Fazia escravos importunos ou rebeldes traiçoeiros!

A formosura, que na opinião de um escriptor é a manifestação palpavel da bondade, não é para a maioria das mulheres senão a corôa de espinhos do martyrio que lhes devora, — traiçoeiro e implacavel! o coração e a mocidade!...

As paginas d'aquella existencia que deletreei atravez das lagrimas, á pallida, sanguinea e esverdeada luz dos relampagos gravaram-se-me mais no coração do que na memoria. Se fosse escriptora—privilegio excepcional que, felizmente, não tenho de agradecer a Deus! — havia de reunil-as em livro e por bem paga me reputaria se lhe deslisasse nas paginas, como um fio de perolas, o pranto enternecido de algum coração generoso e vidente.

Como não sou, conto-lh'a singelamente e peço-lhes que todas as vezes que se lembrarem de Beatriz repitam, como eu, os eloquentes versos de Petrarcha:

Non la conobbe il monde, mentre l'ebbe;
Conobill'io, ch'a pianger qui rimasi.

D'esta narrativa, leitor, que ouvi entre um laranjal em flôr e um rio azulado e phosphorescente como os lagos da Italia, pela hora silenciosa, tepida e perfumada de uma das nossas esplendidas noites peninsulares, queria poder fazer um livro elegante, apaixonado, primoroso, consoante a heroina d'elle; limito-me, porém, a historiar os factos como os ouvi, na minha maneira de escrever tal qual é.

I

Ha creaturas que como as aves nascem em ninho de musgos e pennas e tão depressa o sol lhes sobredoira o berço descobre-lhes azas! São as menos felizes, talvez!

Isto de voar é só para a aguia; deu-lhe Deus a garra que dilacera e as azas que rasgam altivas o cariz das nuvens!

Ai! do homem que sentindo palpitar no peito a aza da ambição irrequieta emprehende levantar vôos sobrehumanos e dominar o pobre mundo que se lhe afigura pequeno e imperfeito! Ai d'elle! porque ao passo que profunda com o olhar o seio luminoso do infinito e entrevê vagamente o divino ideal, sonho constante da alma predestinada, não poderá nunca libertar-se do abraço de argilla que o encadeia, e como a Salamandra viverá na plena irradiação do fogo sem deixar de sentir o vil barro da terra comprimir-lhe no cerebro, como n'uma lampada estreita, a chamma immortal do espirito!...

Á estranha curiosidade insaciavel d'estas almas, que fitando céos e terra exclamam como Goëthe:

> « *Immer hober muss ich steigen,*
> *Immer weiter muss ich schauen.* »

(quero subir mais alto, quero olhar para mais longe!) succede de ordinario o acordar severo da realidade, que a par da ideal cifra de diamantes e perolas — os sonhos e as chimeras!... — escreve com tinta negra a palavra *nada!*

É por isso que a breve ou a longa jornada da existencia tem de ser para nós,—não um sonho povoado de visões radiantes e ephemeras, mas sim, a vigorosa e sã verdade dos factos, logicamente definidos.

O aphorismo, porém, não passa de uma theoria, falsa, absurda e nulla como a maior parte das theorias.

Prender estes espiritos arrojados que atravessam o mundo como quê perdidos de outros mundos, sacrifical-os á mathematica do positivismo, apeal-os do aureo pedestal cinzelado de illusões, despertal-os a todo o instante para lhes demonstrar que a vida não é de fórma alguma a miragem encantadora, enlevo de poetas, que ella está fatalmente subordinada á geometria dos accidentes fortuitos, parece-me tão impossivel como acclimatar o condor de vôos largos ao limitado espaço da gaiola de arame de um canario.

Estas è mil outras considerações, que poupo ao leitor, occorrem naturalmente tratando-se de Beatriz.

Não imaginem que me proponho apresentar algum

archanjo de contornos firmes e correctos como uma esculptura de Lysippo, ou alguma virgem lamartiniana de olhos azues e espiraes de cabellos de oiro que desenrola candidamente, na espectativa do namorado Raphael que tangendo o bandolim venha constellar-lh'os de flôres.

O lyrismo, corrido de pejo, prescreveu do livro e da sala a exhibição de tais entes.

Hoje permitte-se á heroina de romance, como já em tempo usava Balzac, que rubrique a certidão de baptismo com a somma redonda dos trinta annos.

O pallido outomno, que realisa todas as promessas, substituiu a adocicada, ingenua e indefinida primavera.

O *tic* litterario consiste até para muitos na redempção convencional de umas certas peccadoras elegantes que maculam no pó da estrada as niveas açucenas da puresa, sem terem como a Magdalena — ideal das condemnadas!—grandeza no peccado nem abnegação no arrependimento!

A *Dama das violetas* não é anjo que revôe em demanda de lucidas espheras nem demonio pendido no cairel da voragem.

Os corações amantes—apostolos e martyres do amor! não deixarão de enflorar-lhe a sepultura de saudades.

Porém, aquelles que, feliz ou infelizmente, descobriram a incognita de escalarem a montanha com a impassivel isenção do granito que vão pizando até construirem habitação duravel na zona das neves eternas, gravar-lhe-hão provavelmente na lousa, sombreada pelos cyprestes, o *Mané Thecel Phares* do festim de Balthazar!

Beatriz é o que é!

Eu não invento, conto simplesmente uma historia.

Nascera ella entre blandicias e opulencias, farto patrimonio dos mimosos da fortuna.

Se no meio das suas fantasias de criança se tivesse lembrado de cubiçar alguma estrella é de suppor que os criados, novos Titans, escalassem o céo para satisfazer-lhe o appetite. O espirito de Beatriz, avido e curioso, déra-se todo mal que saira da puericia ao estudo que dia a dia lhe rasgava horisontes novos.

Auxiliada pelos mestres e pelos livros robusteceu-se-lhe a intelligencia já de seu natural ricamente dotada. Á medida que aquella cabeça, prenhe de luz, penetrava nas regiões das artes, das sciencias e das lettras descia sobre a phisionomia, bella e correcta como um oval de Raphael, um véu de sombras.

Na sua estante de ebano incrustado de nácar deparava-se-nos em vez dos romances francezes, flôres lethais onde as borboletas moças bebem o morbido succo que endoida, a *Divina Comedia* do Dante, a *Jerusalem Libertada* do Tasso, o *Genio do Christianismo* e os *Martyres* de Chateaubriand, o *Jocelyn* e as *Meditações* de Lamartine, a *Legenda dos Seculos* de Hugo, a *Iliada* e a *Odyssea* de Homero, a *Divina Epopeia* de Soumet, a *Educação das mães* de Aimé Martin, a *Eneida* de Virgilio e todos os livros de Herculano, Garrett e Castilho.

Sobre a mesa de sandalo e prata do gabinete de leitura, perfumado e luxuoso como o gabinete de uma rainha, via-se ás vezes na pagina do livro aberto e esquecido o vestigio de uma lagrima!...

*

O mundo dos desherdados, curioso e ingenuo, costuma perguntar qual a razão porque padecem os escolhidos que o destino collocou sobre um pedestal de oiro; e quando passa o carro olimpico d'essas divindades terrestres, tirado á *Daumont* por cavallos arabes *pur sang*, e a divindade em vez de sorrisos só tem na vermelha bocca, orvalhada e fresca como uma rosa de maio, o esboço de um bocejo, revelador eloquente do tedio que lhe devora a existencia, recua aturdido e estupefacto.

Queres saber porque soffrem a maior parte d'essas mulheres que te deslumbram com os seus diamantes, cegando-te com a poeira que levantam as rodas da sua carruagem? Porque a facilidade de afogarem na voluptuosa opulencia de sybaritas,—caprichos, fantasias e sentimentos, inutilisando-lhes de antemão a possibilidade de um desejo, gasta-lhes o coração, esterilisa-lhes o espirito e adormece-lhes a sensibilidade com o distillar-lhe, gotta a gotta, o opio do deleite ou o corrosivo da saciedade! e quando afinal apparece a felicidade, personificada no amor, e desfolha sobre essas frontes pallidas as suas candidas grinaldas de jasmins e açucenas, encontra, não a esposa dos cantares que delirante de ternura perfuma com o puro incenso da sua alma o altar do culto, porém, sim o marmore, insensivel e gelado, que repelle Pygmaleão!

«Ai! de vós, ricos! Jap. 3, 2 e 14» que não ha miseria mais profunda e mais digna de lastima do que a vossa!...

Beatriz pertencia ao limitadissimo numero dos que

não logram apagar no oceano da riqueza a centelha do enthusiasmo.

Consumiu longas e consecutivas noites e innumeros dias scismando com a fronte pendida nas mãos.

A realisação do bello, absoluto e incorruptivel, sonhado com enlevos mysticos, pediu-a Beatriz á religião de Jesus. Poeta e crente como Santa Thereza prostrou-se aos dilacerados pés do Crucificado: porém, levantando o ardente e exaltado olhar para a imagem de marfim pareceu-lhe muda e gelada!

Entrou na egreja com o peito rico de crenças, com o fervor dos antigos christãos, ajoelhou como um archanjo piedoso, invocando entre nuvens de incenso, ao som grave e melancolico do orgão, a Divindade Omnipotente; mas reparando nos que a rodeiavam viu a indifferença, a vaidade e a preoccupação mundana discutindo alli, em frente do altar, frivolos e mesquinhos interesses!

Fugiu do templo horrorisada, receiando que a expulsassem juntamente com os modernos vendilhões!...

Procurou no mundo a realidade dos seus ambiciosos sonhos: — virtude perfeita, abnegação completa, misericordia infinita. Guiada pela luz do seu espirito investigador quiz sondar de perto a humanidade, tendo no coração e nos labios as doces palavras do Nazareno: *amae-vos uns aos outros* e recuou assombrada, desilludida!...

Mergulhadora obstinada tentou revolver os limos e descobrir perolas no fundo do caudaloso oceano!

Collocou acima dos homens egoistas, despiedosos e culpados, os poetas, as mães e os ministros de Deus! Porém, n'estes deparou-se-lhe o sacrilegio, nas mães o

desamor ou a ignorancia que produz os mesmos amargos fructos e nos poetas a materialidade maculando com os seus impuros attritos o niveo frouxel da inspiração!

Acordando do divino sonho que a tivera como quê deslumbrada pela irradiação de intimas visões levou a mão ao peito e doeu-lhe o contacto, cravou os olhos no céo e viu-o acastellado de nuvens!

Pareceu-lhe então que toda a sua florente mocidade, que todo o jubilo da sua alma iam subverter-se no insondavel abysmo que mediava entre a realidade e o paraiso das suas fantasias.

Comprehendeu, emfim, as palavras de Veuillot:—«*O mundo é o mar e a Verdade o navio; é indispensavel viver no navio ou morrer nas ondas!*»

Restava-lhe do grande naufragio um porto de salvação, — seu pae! Acolheu-se, como rôla ferida, ao doce abrigo d'aquelle grande amor e consagrou-lhe a existencia. Para o mundo converteu-se na mulher altiva e invulneravel que não ama nem quer ser amada.

Ella que sentia brotarem-lhe do peito mananciais de inexgotavel ternura despedia olhares e palavras de um desdem frio e cortante como estyletes!

No entanto, o olhar dos homens, curioso e fascinado, seguia com infatigavel persistencia a Galatheia, radiante de formosura, que apparecia nas salas sempre alheada, distrahida, separada do mundo exterior pela muralha de granito da duvida, atravessando-as como um astro que deslisa entre nuvens de rendas e flôres.

Beatriz confiava os abundantes e ondeados cabellos pretos aos caprichos do cabelleireiro que os constel-

lava de diamantes, e nem sequer se dignava consultar o espelho!

Assentava-se ao piano com a mesma impassibilidade; sob o contacto dos seus dedos rosados e agudos arfava o teclado, desprendia fios de perolas, suspirava as mais namoradas inspirações de Weber, Bellini e Beethoven. As notas esvoaçavam no ar, pousavam-lhe na fronte, segredavam-lhe ignotos poemas de melodia e o olhar da artista permanecia tranquillo e desdenhoso!

Quem não soubesse adivinhar o coração que pulsava sob aquelle esplendido marmore fugiria aterrado.

Porém, é de crer que não se alterasse para o odio a indifferença com que Beatriz encarava o amor.

II

Uma noite, em S. Carlos, Beatriz demorou-se mais tempo do que costumava no vestibulo.

A affluencia das carruagens retardava a sua.

Os *dilettantis,* que repartem o culto pelo bello entre as romanzas da *prima dona* e do tenor e a formosura das espectadoras, rodeiavam Beatriz, que encostada ao braço do pae tinha no rosto a sua habitual expressão, fria e altiva.

O conde de C***, seduzido por aquella belleza harmoniosa e glacial como a estatua do silencio, devorava-a com a vista. Todas as mulheres que o fidalgo encontrára até então pediam atravez do casto véo das pestanas o tributo do amor, aquella, ao inverso das outras, rejeitava-o!

Depois do uso e abuso de varios amores, colhidos a monte, em peregrinações successivas pelas cinco partes

do mundo, semelhante conquista era para o conde de C***, que sentia o estiolamento prematuro dos sultões saciados de faceis prazeres, uma novidade appetitosa que pedia *brevet*.

O conde sabia theoricamente todo o codigo do amor, — desde as crystallisações do Stendhal até aos equivocos de Paulo de Kock, não perdera nenhum autor do genero! — além d'isso conhecia-o praticamente nas suas complexas evoluções.

Aspirára o Lovelace portuguez o aroma da fina flôr, garrida, coquette e provocante, do amor das francezas; brincára com o galanteio, buliçoso e travesso como os meneios do *abanico,* do amor hespanhol; arrefecera os enthusiasmos da paixão peninsular nos gelos do norte do amor londrino; saboreára, como uma colher de *haschisch* ou uma cápsula de opio, a paixão tropical, devoradora e morbida; crestára o coração na lava ardente, profunda e sombria do amor africano; embalára sonhos de amante nas aguas azues do Bosphoro, evocando formosos vultos pagãos e entrevendo ao longe a aurea Grecia; inebriara-se com os filtros do amor italiano, mysterioso e vagamente tragico como uma caricia dos Borgias e terrivel nas represalias da *vendetta,* e voltára por fim, como o perdulario da parabola, á serenidade inoffensiva dos amores nacionaes.

Imagine-se que profundo jubilo não acariciaria a vaidade d'aquelle homem ao distribuir a si mesmo o papel de Pygmaleão da nova Galatheia!...

O elegante fidalgo delineou o plano de campanha

entre o champagne e o fumo do charuto, e resolveu consagrar-lhe os entre actos do Gremio e do Jockei Club.

Ao tempo em que o conde torcia as guias do annelado bigode procurando a *pose* assignalada por anteriores triumphos, Beatriz, impaciente com a demora da carruagem, conchegava aos hombros a capa de setim branco; o movimento da cabeça desfolhou-lhe a camelia.

O conde curvou-se n'um impeto leonino e guardou no peito as folhas da rosa.

N'isto parava a carruagem á porta.

Beatriz, que não dera sequer pela tactica do inimigo subiu, leve como um passaro, e desappareceu no estofo de setim côr de perola do coupé.

A partir d'aquella noite fez-se o irresistivel conde satellite d'aquelle astro.

Contava-se de antemão com a presença do fidalgo em todos os bailes, passeios e theatros frequentados por Beatriz.

Porém, ella, sufficientemente altiva para lhe ser dado distinguir entre os homens que lhe faziam a côrte o mais importuno ou o mais apaixonado não suspeitára o amor do conde.

Foi necessario que uma amiga — ha sempre d'estas amigas!...—lhe pintasse á feição da sua fantasia a devoradora chamma.

Beatriz respondeu que não déra por semelhante amor mas que em todo o caso lhe era a descoberta totalmente indifferente.

É facil de presumir o alcance d'esta resposta, trans-

mittida e commentada, perante o levantado brio de um Alexandre de corações rendidos!...

O conde sem reflectir nem hesitar mandou acto contínuo um amigo á presença do pae de Beatriz pedir a mão da filha.

O opulento capitalista, colhido de surpreza, interrogou Beatriz que respondeu recuzando terminantemente.

A monumental derrota não conseguiu aniquilar a esperança do fidalgo.

Os seus amigos, que mantinham identicas relações de amisade com o capitalista, emprehenderam demonstrar a este, com bons e solidos argumentos, as conveniencias moraes e materiaes do enlace e juraram—consciencias elasticas como a gutta-percha!...—que elle realisaria em tudo a felicidade da filha.

Ora de todos os raciocinios o mais irresistivel para os paes que verdadeiramente o são é o que lhe promette a felicidade dos filhos.

Beatriz, novamente interrogada, acariciada e solicitada pelo pae, que a adorava, disse por ultimo que não amava o conde, que lhe era tão indifferente como qualquer outro mas que se o pae desejava o casamento ella por feliz se consideraria obedecendo-lhe.

O conde de C*** ao darem-lhe a suspirada noticia é provavel que desmaiasse de alegria se o não esperasse á porta, mordendo o freio e escarvando a terra, um cavallo arabe de fina raça, que montava pela primeira vez n'aquelle dia.

Ao cair da tarde o fidalgo, radiante como Jupiter

depois das metamorphoses, passeiou pelo Chiado a sua victoria e o seu ginete.

Obtida a solicitada autorisação para visitar a noiva o apaixonado Endymião passava os dias, que voavam como rapidos instantes, ajoelhado aos pés da esquiva e soberba Diana.

III

Dos candelabros doirados jorravam caudais de luz que multiplicavam os crystaes facetados, avivavam o colorido das flôres, scintillavam nos espelhos em reverberações successivas, emprestavam vida ao marmore das estatuas e morriam em cambiantes pallidos no estofo dos sofás, no velludo das alcatifas e nas espadoas nuas das mulheres.

Cada gabinete patenteava aos convidados um prodigio de magnificencia e bom gosto.

Logo no vestibulo deslumbrava o aspecto fantastico da escada ornada de espelhos e grinaldas de hera, ladeada de vasos de jaspe com plantas raras e de Psychés e Venus de porphiro, pendendo-lhe dos serpentinos braços globos de luz fosca.

Realisava-se o baile dado pelos condes de C***, um mez depois do seu casamento, esperado com viva anciedade pelo *hýgh-life* e para o qual fôra convidada toda a alta *gomme* lisbonense.

Beatriz, tranquilla e impenetravel como os seus crystaes e os seus bronzes, deslisava, como sémpre, rythmica e fulgurante de mocidade e belleza á flôr d'esse mar revolto de vaidades, despeitos e paixões ephemeras.

O conde adorava-a, não com o amor puro e exclusivo cuja centelha immortal Deus accende nos corações para dissipar-lhe os sombrios tedios; porém, sim com a paixão egoista do orgulho lisonjeado.

A formosura da esposa equivalia aos seus e particularmente aos olhos do mundo elegante a um quadro valioso e raro, superior aos que lhe ornavam a galeria, pelo merito do qual respondia a difficuldade da acquisição e a sua fina intuição artistica, que legitimamente se ufanava de possuil-o.

O homem que á semelhança do conde procura na mulher que desposa unicamente a correcção da arte, extasiando-se com a pureza das linhas, com a suavidade dos contornos, com a flexibilidade das curvas, exactamente como se examinasse n'um museu a Venus de Praxiteles ou a Magdalena de Canova, não a ama!

—Não danças com a condessa, Leopoldo?

—Não! antipathiso altamente com as desdenhosas como ella.

—É despeito?

—Estás doido?

—Queres que te apresente?

—Não! para quê?

—Beatriz é uma senhora de espirito.

—Póde ser...

— Não é *bas bleu*, afianço-te!

— Quem te diz o contrario?

— Os teus ares incredulos.

— Chama-lhe antes indifferentes.

— É a primeira vez que te vejo assim n'um baile!

— E a ultima, porque não volto a bailes.

— Paixão?...

— Enfado, meu caro!

Este dialogo, acompanhado pelos trémulos da walsa que vinham de longe expirar nas longas pregas dos reposteiros e no velludo dos tapetes, travára-se entre dois moços elegantes que fumavam enterrados nas almofadas de uma *causeuse*.

Depois das ultimas palavras Leopoldo fechou os olhos e reclinou a cabeça no estofo azul.

— Rias-te de mim se eu te dissesse uma loucura que me atravessou n'este instante o espirito? perguntou o interlocutor de Leopoldo pondo-se em pé e parando defronte d'elle.

— Dize, respondeu este sem abrir os olhos.

— Não ficas zangado?

— Advirto-te que as tuas loucuras são importunas...

— Parece-me que estás apaixonado pela condessa!

Leopoldo levantou-se n'um impeto como se o houvessem ferido no coração, sacudiu com gesto febril o braço do amigo, depois encarou-o por algum tempo fixamente, como se quizesse penetrar-lhe no intimo do pensamento, em seguida cruzou os braços e desatou a rir.

No momento dado entrava o conde no gabinete.

— Então que é istò, amigos? Desertam-me das salas! Olhem que o bello sexo é capaz de punil-os!

Anda d'ahi, Leopoldo, quero apresentar-te á condessa. Fallei-lhe de ti, das tuas viagens, do teu talento: Beatriz deseja conhecer-te.

Feita a apresentação e trocados os logares communs do estylo, Leopoldo offereceu o braço á condessa.

Passeando pelas salas tocaram ao de leve em varios assumptos: musica, botanica, theatros, livros...

Ella risonha, com o espirito independente e brilhante de vivacidade; elle reservado, curioso e inquieto.

Aconteceu pararem ambos distrahidamente defronte de um enorme açafate de violetas.

— As flôres queridas das italianas, disse a condessa para quebrar o silencio. Tenciono passar este anno o carnaval em Napoles; morro de curiosidade de assistir á marcha triumphal da grande mascarada, caminhando atravez de uma chuva de violetas e confeitos.

Ahi está uma doidice que se comprehende, é poetica e elegantissima!

— Perdão, senhora condessa, não é só na Italia que se gosta de violetas; eu, por exemplo, semsaborissimo portuguez, morro por ellas!

— Pelas italianas? perguntou o conde chegando a proposito.

— E pelas violetas, acudiu Beatriz com um sorriso indecifravel.

— N'esse caso, *carina,* deves offerecer-lh'as, lembrou o conde indicando o açafate. Leopoldo é poeta, tanto

basta para ter em subida conta flôres offerecidas por mãos patricias como as tuas.

Leopoldo curvou-se respeitoso.

A condessa depois de breve hesitação tirou do açafate meia duzia de violetas que deu ao mancebo.

Este prendeu-as naturalmente á lapella da casaca.

Acto contínuo tocou a orchestra uma walsa de Strauss.

O conde offereceu o braço de Leopoldo a sua mulher e foi buscar uma duqueza constellada de diamantes.

Depois de algumas voltas Leopoldo e a condessa pararam. As cadencias da walsa, languidas e ardentes, palpitavam no ar como beijos de fogo e crestavam o viço das flôres.

— Devo talvez restituir-lhe estas violetas, disse Leopoldo fitando a condessa com olhar demorado; foi uma leviandade da parte do conde a que não posso prestar-me...

— Perdão! replicou Beatriz sem poder ter mão no leve rubor que lhe coloriu o rosto, exagera uma coisa simplissima! Não offenda a amisade chamando-lhe leviandade! O conde era incapaz de...

— Bem sei, minha senhora, interrompeu Leopoldo poupando á condessa a difficuldade da conclusão; mas não será um crime de lesa-delicadeza apoderar-me eu indevidamente d'estas flôres que os seus dedos divinos tocaram?

Leopoldo tirava com premeditada lentidão as violetas da casaca e envolvia a condessa n'um olhar profundo e investigador.

Esta, comprehendendo com a penetração do seu fino espirito que se aceitasse as flôres daria ao facto interpretação mysteriosa e a um estranho direitos de superioridade sobre o marido, recusou.

— Póde guardar as violetas, senhor Leopoldo de Miranda, acudiu com dignidade senhoril. O conde não lhe perdoaria se soubesse que as rejeitava.

Leopoldo estremeceu e fez-se pallido. Depois, diligenciando evitar o olhar ironico com que a condessa o dominava retomou o compasso da walsa e arrebatou-a no doido turbilhão que revoluteava pelas salas.

Quasi no fim da noite, quando as luzes, as flôres e as mulheres empallidecem depois de haverem illuminado o baile com os seus fulgores, os seus perfumes e os seus sorrisos, e a musica parece suspirar a surdina melancolica de um adeus, o amigo de Leopoldo tocou-lhe no hombro:

— Achaste espirito á condessa?

— É uma senhora de grandes meritos, respondeu Leopoldo com as sobrancelhas franzidas.

— Uma mulher de enlouquecer!... És meu amigo? Dá-me uma d'essas violetas.

— Não! exclamou Leopoldo com desabrimento.

— Offereço-te por ella o meu cavallo; olha que o rei Ricardo dava a corôa por um cavallo, e o rei Ricardo...

— Era decerto menos impertinente do que tu, interrompeu Leopoldo com um desdem amargo.

— Decididamente, meu querido Leopoldo, a condessa...

— Prohibo-te que acrescentes uma syllaba ao nome

da condessa, atalhou Leopoldo subjugando o seu interlocutor com o gesto e o olhar.

Este soltou uma gargalhada, encolheu os hombros e afastou-se com apparente indifferença; porém, no olhar fuzilou-lhe um relampago de cólera que breve se extinguiu.

Á sahida o conde pediu a Leopoldo que não faltasse a acompanhal-os com o violoncello nos futuros concertos que projectavam.

IV

Uma tarde do mez de abril, quando a amendoeira, a olaia e a acacia ajardinam a paizagem com os seus floridos ramos de varios matizes e o campo exhala o seu tepido beijo, perfumado e acariciador, Leopoldo montou a cavallo e saiu as portas da cidade.

Os cómoros toucados de giestas, a planicie humida de orvalho e estrellada de malmequeres, as sebes coroadas de cachos de sabugueiro e alegra campo entreabriam sorrisos de primavera. O jubilo da terra parecia cantar no espaço, entre o céo azul e os ramos das arvores, o seu hymno nupcial.

Leopoldo caminhava triste e pensativo; deixára cair as redeas sobre as lustrosas crinas do cavallo e passava, sombrio como Manfredo, pelas festas da natureza.

De repente esvoaçou-lhe na bocca um sorriso, apeou-se e risonho, infantil curvou-se e principiou a devastar um canteiro de violetas.

Só os olhos azues da primavera, como Heine chama

ás violetas, embora escondidos entre a folhagem, conseguiram fixar aquelle olhar até então distrahido e frio! Depois de colher as violetas reuniu-as n'um *bouquet* que beijou profundamente commovido.

N'aquella tarde Leopoldo entrou em casa do conde uma hora mais cedo do que costumava.

A sala estava deserta, o piano aberto e na estante o *Tancredo* de Rossini.

O mancebo collocou o *bouquet* de violetas sobre o album de velludo côr de perola da condessa, onde ella escrevia e desenhava, e assentando-se ao pé da janella que abria para um largo horisonte no fundo do qual desappareciam, esfumadas no vapor azulado do crepusculo que descia, como um véo de crepe, a desenrolar-se no mar, collinas arrelvadas, moinhos immoveis e arvores de folhagem miuda, tocou no violoncello uma das melodias doces e tristes de Pergoleze.

O violoncello parecia chorar e tremer; a poesia das lagrimas mysteriosas que deslisam como sonhos á flôr do lago azul da fantasia communicava-lhe a sua harmoniosa voz, eloquente e indefinivel!...

Leopoldo curvava-se enternecido para o instrumento como se elle fôra a mulher amada, envolvia-o no fluido do seu olhar, ardente e humido, transmittia-lhe a sua alma de artista e enlevado, absorto esquecera absolutamente onde estava.

De subito, advertido por uma d'essas sensações que ninguem explica, voltou a cabeça.

Encostada ao piano, bella e elegante como nunca,

estava Beatriz; contemplava-o atravez do pranto que lhe tremia na franja das pestanas.

— Era de Pergoleze o que tocava? perguntou levando com gesto rapido o lenço aos olhos.

Leopoldo respondeu affirmativamente.

— É um virtuose verdadeiramente inspirado, senhor Leopoldo de Miranda! O seu violoncello não se limita a reproduzir o que o maestro escreveu; parece que adivinha o segredo das mais intimas melancolias e que em cada uma das suas notas veladas palpita um coração pungido de estranhas angustias!...

Creio que me disse que foi em Pariz que concluiu os seus estudos musicaes?

Pariz adora a musica, cultiva-a, inspira-a, compõem-n'a e applica-lhe a fina intuição artistica com que prezide a todas as demonstrações do bello; tem mesmo eschola e maestros de superior talento, apesar do juizo errado de muitas pessoas que suppõem que a linguagem musical da França reside exclusivamente em Offenbach e Lecocq. Onde ficariam então Adam, Gounod e Ambroise Thomaz, o autor da deliciosa *Mimon?*

Leopoldo, em pé e silencioso contemplava-a com olhar profundo e investigador.

— Segundo deprehendo, contrariei-o interrompendo-o? perguntou a condessa. Vou mandar illuminar a sala.

— Um momento, minha senhora, acudiu Leopoldo com voz trémula, dando alguns passos para detel-a.

Dei hoje um passeio pelo campo, fui offerecer os meus respeitos á primavera; as suas opulencias de noiva feliz fizeram-me pensar em V. Exc.ª Escravo d'esse

adoravel pensamento colhi um raminho de violetas: dá-me licença que lh'o offereça?

Beatriz depois de hesitar um momento fez um gesto affirmativo; foi só então que viu sobre o album as violetas.

Meia hora depois estava a sala povoada pelos aristocraticos amigos dos condes de C***.

—Sabe em que eu pensava ha uma hora, quando V. Exc.ª me fallava da musica franceza? dizia Leopoldo á condessa depois de um dueto de violoncello e piano, primorosamente executado, n'uma cousa extravagante! N'aquelle homem dilacerado pela angustia dos Titans ludibriados, que n'uma das scenas da tragica epopeia de Miguel Angelo estende braços supplicantes para o anjo que póde, querendo, levantal-o do abysmo com as plumas das niveas azas.

V. Exc.ª, radiante de mocidade, altiva, bella e glacial, lembrava o anjo de marmore!

—Depois de uma melodia de Pergoleze uma visão dantesca! acudiu a condessa sorrindo e córando levemente. É justo e artistico!...

O conde já lhe disse, acrescentou com visivel intenção de mudar de conversa, que tencionâmos passar dois mezes em Cintra?

N'isto approximava-se da condessa Alvaro Mendonça, o antigo amigo de Leopoldo.

—V. Exc.ª não nos dá a honra de deixar-se ouvir esta noute? Tinha-nos promettido o *adio* da *Filha do Regimento*.

— Hoje não posso cantar, desculpem-me, respondeu Beatriz com sequidão.

— Então, já sabem? exclamou o cônde ruidosamente juntando-se ao grupo. Vamos ámanhã para Cintra! Mandei ir os cavallos, o coupé e o tilbury: tenho em perspectiva uma infinidade de festas. Tu, Leopoldo, não faltas... Ah! e o senhor Alvaro Mendonça tambem!

Vou revolucionar Cintra, decretar em plena serra idyllio permanente!

Beatriz conspira comigo e os senhores serão as figuras dos nossos quadros Virgilianos.

Serio, serio, Leopoldo, tu que pizaste o asphalto parisiense, que percorreste os boulevards de braço dado com o *gommeux,* tu que assististe no Bois de Bologne á marcha ovante das divindades do alto mundo francez e das brilhantes dissipadoras do *demi monde,* que encontraste mais tarde com os hombros nus, afogados em rios de diamantes, na esplendida sala da Grand Opera; tu, finalmente, que riste com os francezes e perdeste o juizo com as francezas, no Mabille, á chamma electrica d'aquelle *avoir du chien* inimitavel, ao estalar ruidoso e effervescente do champagne, deves achar-nos altamente semsabores!

— Tens saudades de Pariz? perguntou Leopoldo.

— Que dúvida!

— Mesmo ao pé de tua mulher? disse-lhe ao ouvido.

— Ás vezes!...

— Tua mulher vale Pariz inteiro! acrescentou no mesmo tom.

Beatriz não ouviu mas adivinhou as palavras que ambos trocaram.

Leopoldo proseguiu em voz alta:

— Ha mais poesia embora haja menos espirito no nosso lar, conde. Olha, repetidas vezes, nas noites d'inverno, quando leio junto do fogão, ao lado de minha mãe, ouvindo o aspero bater da chuva na vidraça e o fremito subtil da agulha caseira costurando, ergue-se deante dos meus olhos, excentrica e grandiosa como uma visão do sonhador de Pathmos, esculptural e olympica como a estatua do Progresso, provocadora como uma bacchante da antiga Grecia, a nova Babylonia!

Deponho então na doce cabeça branca de minha mãe um olhar agradecido e saboreio com indisivel e novo encanto a suave quietação que me rodeia.

Compáro aquellas radiantes e formosas mulheres que caminham sobre flôres, cobertas de diamantes, que surgem do brando estofo de velludo e setim das carruagens, impregnadas de aromas irritantes, e entram nos camarotes — visões luminosas, deslumbrantes, allucinadoras! — sob o ardente e curioso olhar dos homens que lhes beijam mentalmente os hombros nus, compáro-as á minha singela e obscura velhinha e prefiro-a a todas, preferir-lhe-hia, mesmo para o amor de amante, qualquer modesta conterranea nossa de somenos illustração.

É innegavel, meu amigo, que se imitando as borboletas vamos crestar-nos á chamma d'aquella luz, nenhum de nós deixa de voltar, como o filho prodigo, aos patrios lares perfumados de affeições dedicadas.

— Estás patriarchal!... observou o conde desatando a rir.

— Ha um anno... acudiu Alvaro Mendonça a meia voz.

Leopoldo fitou-o desdenhosamente e não se dignou responder-lhe.

Beatriz afastara-se pensativa.

O conde não deixou Leopoldo o resto da noute, expoz-lhe minuciosamente os pitorescos e variados aspectos do plano com que premeditava afrancezar (sem gallicismo!) a fina flôr da sociedade elegante.

— Que me dizem á nova paixão de Leopoldo?... perguntava Alvaro Mendonça no angulo da sala, entre um circulo de ociosos de casaca e peitilho de polimento.

— Á d'esta noute? replicou um d'elles, loiro adolescente de cabellos symetricamente apartados ao meio e feminilmente empastados na testa.

— Qual!... tornou Alvaro, esta já conta um anno de idade!

— Endoideceste? acudiu outro. No coração d'aquelle nosso amigo os amores são como as estrellas cadentes, brilham e desapparecem!

— Ou como as rosas de Malherbe, que murcham no espaço de uma manhã! observou um que alimentava aspirações a poeta de eroticos e ineditos lyrismos.

— Vamos ao caso! emendou o primeiro. Quem é a Ignez do D. João?

— A Capuleto do Montechus, a Rosina do Almaviva?... acrescentou um imberbe com fama de erudito,

que empolgou com unhas e dentes o propiciado ensejo de mostrar-se versado em varios capitulos de litteraturas diversas.

—Dar-se-ha caso que os olhos de alguma formosa tivessem visco para prender aquella ave fugitiva?

—Pois aquelle Alexandre Magno de corações femininos deixar-se-hia vencer?

—O nome, o nome d'ella?! pediram em côro.

—O nome é um segredo! balbuciou Alvaro com malicia.

—Um segredo!... De algum pae irritado? perguntou um.

—De algum marido furioso? observou outro.

—Já sabemos, acudiu um terceiro, entra na aventura a classica escada de seda, a chave mysteriosa, a criada confidente e a lua discreta...

—Calem-se, deixem fallar Alvaro!

—Alvaro que decifre o mysterio, lembrou um dos menos falladores, Alvaro que desvende a Psyché!...

—Então!... emendou outro, vocês são insupportaveis!

—*La jeunesse,* como diz Schiller, *est prompte aux paroles!* declamou sentenciosamente o poetastro sentimental.

—Falla Alvaro! insistiu a uma voz o ruidoso grupo.

—Alvaro falla! *Se resistes assassinamos-te,* á moda do Antony.

—Como hei de fallar, volveu Alvaro apertado pelos amigos, se nem respirar me deixam!

— Tens razão, replicaram recuando um passo; mas dize-nos o nome d'ella!

— Pois ainda não perceberam! insinuou Alvaro baixando a voz. Que deploravel perspicacia!...

Já lhes disse que é um segredo, no entanto confio-o á sua discrição...

— Á nossa discrição, está entendido; mas despacha-te, homem, torturas-nos!

— A paixão de Leopoldo, segredou Alvaro, é pela condessa de C***. Não reparam que desertou das nossas bandeiras, que mudou completamente de vida, que não ha vel-o senão onde ella está?

Olhem!... acrescentou chamando a attenção dos amigos.

Encostado ao marmore do fogão, bello, altivo e dominador como um heroe de Shakspeare estava Leopoldo; o seu olhar eloquente e apaixonado envolvia a condessa que preludiava no piano uma symphonia de Mozart.

....

Oh! mulheres, mulheres!... se é verdade, como affirma Shakspeare, que espargís centelhas do verdadeiro fogo de Prometheu, porque não purificaes com a divina chamma immortal os labios d'aquelles que distillando o veneno da calumnia maculam o que deviam respeitar e defender?...

V

— Ó Byron! perdoamos-te o mal que disseste de nós em attenção a haveres feito pela voz do teu *Childe Harold* a apotheose d'este pedaço de céo esquecido na terra!...

— Uma manhã em Cintra é um capitulo do *Genesis!*...

— Testemunha, o Bernardim Ribeiro que escolheu de preferencia estas paragens para trovar a saudade dos seus mallogrados amores!

— «Ó nobres paços da risonha Cintra!» declamou um repetindo os versos de Garrett.

Estas e outras coisas identicas diziam-se n'um grupo de rapazes, encostados ao peitoril da varanda do hotel Victor, em Cintra, ao nascer do sol que esmaltava de oiro e purpura as cumiadas da serra e reflectia em cambiantes pallidos sobre as arvores que, entrelaçadas, formavam uma enorme cupula bordada pelas perolas do orvalho e povoada de bandos de aves chilreadoras.

Do fundo escuro dos maciços de verdura saiam em relevos de marfim as magnolias e entornavam no espaço as suas urnas de perfumes.

A verbosidade dos madrugadores confiava ás brisas sylvestres, que as transmittiam ás montanhas e ao arvoredo, as suas expansões lyricas juntamente com o fumo dos charutos e com a vaga aspiração ao almoço.

— Anda d'ahi, Leopoldo; vamos até Seteais!

— Vão vocês, respondeu este, prefiro ficar aqui.

— Poeta!...

— Apaixonado!...

— Romeo!...

— Hamlet!...

— Anachoreta!...

Depois do tiroteio de epigrammas, que deixou Leopoldo impassivel, os rapazes afastaram-se de braço dado assobiando o côro dos velhos de Gounod.

Leopoldo quedou-se por longo tempo com os braços apoiados no peitoril da varanda e a vista perdida no azul do firmamento franjado de purpura, onde desenhavam os seus perfis angulosos e extravagantes as cabeças de gigante das serras.

Depois, como que respondendo á voz com que dialogava no intimo do pensamento murmurou com inflexão apaixonada um nome de mulher, o nome que o Dante coroou de louros immortaes.

Acto continuo rasgou uma folha da carteira e escreveu a lapis:

BEATRIZ!

Visão que surges n'estas horas magicas,
como eu te imploro a suspirar por ti!...
Como eu te vejo esvoaçar no espaço,
como aos teus olhos meu olhar prendi!

Ai! se lograsse de minh'alma as trevas
nos raios teus illuminar, estrella!...
Passae, ó nuvens, que tóldaes o astro,
deixae-me, nuvens, adoral-a e vel-a!

Ai! quem podera esta existencia dar-lhe,
primicias pobres de opulento amor!
e no meu extasis estreital-a ao peito,
trocando em jubilo esta immensa dôr!

Ao longe, embora, tu sorris altiva!...
e eu vivo e fico a suspirar em vão!
Estrella, esplende no teu céo sereno
mas dá-me um raio d'esse teu clarão!

Tinha posto a ultima palavra no papel quando ouviu o trote de cavallos e logo uma voz conhecida:

— Em que estás scismando, Leopoldo? Monta a cavallo e acompanha-nos!

Leopoldo desceu a escada da hospedaria, e trémulo, estonteado, sem ter bem a consciencia do que fazia montou a cavallo.

Seguiram pela estrada, dando elle a direita á condessa.

Beatriz ia resplandecente! Fluctuava-lhe em graciosas pregas o longo vestido de velludo preto abotoado com diamantes; cobria-lhe a cabeça, d'onde se desenrolavam ondas crespas de cabellos negros e lustrosos, um elegante chapéo de castor com penna de abestruz.

O corpete de velludo, desenhando os contornos irreprehensiveis da sua figura talhada pela estatuaria, prestava extraordinario realce á brancura do rosto. As mãos, pequenas e afiladas como as de uma duqueza, calçando luvas que lhe subiam ao antebraço seguravam com difficuldade as redeas.

O conde vestia o rigoroso figurino de *gentleman-rider;* fallava e ria sem descanço.

A condessa só de quando em quando fazia breves observações consoantes á paizagem que iam atravessando.

Chegados á Varzea de Collares deixaram os cavallos ao *jockey* e entraram no bote.

Leopoldo tomou conta dos remos e o conde do leme.

Beatriz, curvada para o lago abraçado em toda a sua extensão pelos arbustos e toucado de grandes tufos de anemonas e roseiras bravas, cujas desmaiadas petalas boiavam ao lume d'agua, distrahida e estranha ao

que a rodeiava, abria no lago com o cabo de oiro de um pequeno chicote sulcos de espuma.

Os seus negros olhos, avelludados e melancolicos como os das madonas de Ticiano, occultavam como sempre a eloquente linguagem da alma n'uma frieza glacial e impenetravel.

— Achaste que foi bem dirigido o *menu* da nossa *matinée* campestre de hontem? perguntou o conde a Leopoldo. Que te pareceu a invenção de coroar as taças de flôres? Puro estylo grego!

Reparaste na linguagem das flôres apropriada ás pessoas a quem se destinavam?...

Por exemplo, a tua taça e a de Beatriz entendi que devia engrinaldal-as de violetas em memoria das que ella te offereceu no dia em que lhe foste apresentado, e como um symbolo da predilecção que ambos consagram ás cousas poeticas.

Leopoldo não poude resistir á tentação; cravou na condessa um olhar demorado e interrogador.

Ella baixou os olhos e desfolhou com gesto nervoso um botão de rosa que tinha entre os dedos.

— Olá, William! gritou o conde ao *jockey*, leva os cavallos para a sombra. É um valente animal o *Almanzor!* acrescentou com a sua habitual volubilidade, olhando enthusiasmado para o cavallo.

Leopoldo sorriu desdenhosamente.

A condessa viu e castigou-lhe o sorriso com um olhar severo; porém, o olhar despedido como um raio apagou-se de subito na expressão de suprema ternura com que Leopoldo a implorava e diluiu-se n'uma la-

grima que tremeu e desappareceu de prompto na franja das pestanas.

O conde não viu cousa alguma. Em pé, no barco, não cessava de recommendar os cavallos ao *groom*.

— Faz um calor excessivo, observou a condessa, não me sinto bem, voltemos.

Montaram de novo a cavallo e n'um instante galopavam pela estrada entre nuvens de pó.

Á claridade vaga e branda da manhã succedera o calor abrazador do sol que despedindo os seus fulgurantes raios polvilhava de uma poeira de oiro as plantas humedecidas pelo orvalho.

Beatriz cada vez mais pallida e triste não pronunciou palavra em todo o caminho.

Em compensação o conde fallou sempre, poupando assim a Leopoldo o trabalho, nem sempre agradavel, de responder-lhe.

— Então acha que o orgulho é um grande mal? perguntava a condessa a Leopoldo, na tarde d'aquelle mesmo dia, assentados ambos na varanda de uma elegante casa campestre.

— Não, minha senhora, o orgulho é a força das grandes almas, o gladio dos archanjos, como lhe chamou a George Sand; a voz austera e imperiosa que impõe silencio ás loucuras do coração, embora esse silencio se assemelhe ao frio da morte!...

— Mas porque é que condemna os caracteres altivos que se retrahem ao contacto do mundo preferindo-lhe a thebaida sombria e ignorada?

— Não os condemno, condessa, lamento-os!

A divina flôr da mocidade que se alimenta da seiva do coração necessita para desabrochar de liberdade, de expansão e sobre tudo d'amor, a musica do sangue, como tão eloquentemente lhe chamou Calderon.

Furtal-a á luz do dia, sepultal-a n'um tumulo de marmore, estiolada pelos gelos precoces da viuvez sem hymeneu, esteril e infecunda como as raras plantas do deserto fustigadas pelo Simoun, é, quanto a mim, o peccado da revolta contra as leis naturaes, grito de condemnado perturbando o harmonioso cantico dos escolhidos!

Diz-me a consciencia que o homem que passa desdenhoso e indifferente pela felicidade sem ir assentar-se, com os olhos da esperança cravados no céo, á sombra perfumada da arvore dos affectos, completa na terra a rebeldia do archanjo expulso do paraiso!

— E se essa altivez que censura, volveu a condessa com expressão triste, quasi severa, resultasse do acordar doloroso de uma alma, crente ou visionaria, que vendo desmoronar-se o mundo doirado que fantasiára preferisse renunciar para sempre a toda a esperança de ventura, antes do que consentir que lhe dilacerassem o coração depois de lhe haverem desencantado o espirito?...

— Condoer-me-ia d'essa dôr que deve ser terrivel, mas não perdoaria ainda assim! O coração que palpita continuadamente, como para advertir-nos de que elle é a origem unica da felicidade, não deve nem póde ser immolado em holocausto ao espirito!

*

Negar-lhe os gosos do sentimento porque o espirito, ambicioso e perscrutador, subiu tão alto que lhe pareceu tudo pequeno e imperfeito e votar o coração a uma clausura que lhe inflige despiedosamente a tortura dos cilicios, é oppôr ao preceito divino um supplicio digno de figurar no inferno do poeta florentino!

— É cruel, Leopoldo! murmurou Beatriz com os olhos cheios de lagrimas.

Estava formosissima, a estatua de Psyché transfigurada de subito pelo beijo de fogo do amor!

— Os homens são todos assim!... concluiu.

Logo, arrependida e reservada, escondendo a commoção que por instantes a vencera acrescentou com expressão altiva: Não sejamos metaphysicos... ou antes ridiculos, proseguiu despedindo uma gargalhada espirituosa e incisiva, que a fallar a verdade é o que estamos sendo ha meia hora.

— Galatheia!... exclamou Leopoldo depois de a envolver n'um olhar de amor e resentimento, profundo e imperioso como a vaga levantada ao sopro da procella.

O sol descia então os seus ultimos raios de uma pallidez indecisa sobre os montes que desenhavam ainda vagos contornos no fundo da paizagem.

A viração, tepida, perfumada pelos effluvios das flôres que descerravam os calices ao orvalho da noute beijava as frontes de ambos e communicava-lhes a dormente poesia do sonho...

— Ri-se de mim se eu lhe confessar que fiz versos esta manhã? aventurou Leopoldo depois de longo silencio. Quer vel-os? perguntou com timidez de criança.

Beatriz não respondeu; pensativa, melancolica, curvada no peitoril da varanda parecia ter esquecido a presença de Leopoldo.

— Perdôa-me depois de os ler?... acrescentou animado pelo silencio da condessa, dando um passo para ella e depondo-lhe o papel na mão.

Beatriz estremeceu e lançou-lhe um olhar investigador.

— Leia!... supplicou o mancebo com voz trémula e humilde.

A condessa recuou, perturbada e irresoluta; depois, recobrando a sua natural tranquillidade leu os versos com voz argentina e pura como a vibração do crystal.

O terraço illuminado pelo luar lembrava a varanda de Julieta.

Quando a ultima estrophe expirou no espaço como um aroma fugitivo encontraram-se os olhares de ambos e revelaram n'um rapido instante, eloquente e dominador, o ignorado drama da paixão!...

VI

« Creio que lhe disse hontem que tinhamos sido ridi-
« culos?... Reflectindo hoje, concluo que fomos ainda me-
« nos do que ridiculos, não passámos de pueris!

« Pois não lhe parece que é loucura poetar em an-
« nos de prosa, e que n'esta assisada epocha em que
« viemos ao mundo, positiva como uma definição mathe-
« matica, em que o silvo da locomotiva e o pregão do
« jornal cantam aos nossos ouvidos o jubiloso hymno do
« Progresso, o espirito se quizer estar á altura do se-
« culo tem de ser como elle forte, laborioso e inimigo
« de sentimentalismos?

« *Ceci tuera cela!* A realidade serena, harmonica, fa-
« tal afugentou os devaneios romanticos, desbastou a ex-
« huberante florescencia do lyrismo e applicou assim ao
« luxo desordenado do passado o devido correctivo.

« O seculo XVIII, como o senhor sabe, por pouco não
« afogou a humanidade no caudaloso oceano da poesia!

« As fantasias, como um enxame de borboletas de to-

« das as côres, obscureciam a limpidez do horisonte! As
« florestas não tinham arvores que bastassem para refu-
« gio de trovadores! O verbo novo, brotando ardente e
« impetuoso dos labios de Rousseau, de Voltaire e de to-
« dos os encyclopedistas, alimentava a effervescencia poe-
« tica. Ao madrigal, suavemente melancolico, reuniu-se o
« quadro pastoril, a palheta galante e vivaz de Watteau,
« Boucher, Greuze e outros.

« As mulheres, cultivando com enlevo a flôr azul do
« ideal, davam o relevo seductor da realidade ás estrophes
« apaixonadas dos poetas e ás miniaturas brilhantes dos
« pintores. O artista deixava em todas as suas creações o
« sello indelevel da poesia! A preoccupação do seculo não
« era o bello, era o bonito; no entanto, desde que tomára
« desassombradamente por divisa a *sensibilidade* do idyl-
« lio, era-lhe licito cantar o eterno poema do amor.

« Portugal, governado pelo supersticioso, namorado e
« opulento fundador do mosteiro de Mafra, obedecendo ao
« irresistivel influxo da epocha, cultivava com ardor a ode
« pastoril, o dithyrambo e a elegia rimada. Nos outeiros
« mysticos, certame onde as musas travavam renhidas
« pelejas, de que, não raro, sahiam mal feridas—mon-
« jas e vates, choviam versos, doces, confeitos e *bonbons*,
« (como dizem hoje os degenerados netos d'esses trovado-
« res galantes!) De tão copioso fructear ressentiu-se o ar-
« voredo; correntes oppostas trouxeram-lhe a esterili-
« dade e arrebataram-lhe a flôr cujas petalas desappare-
« ceram ennegrecidas pelo fumo das machinas!

« Embora! Vivâmos absolutamente identificados com
« a actualidade, retemperemos os pulmões debilitados na

« vigorosa atmosphera do positivismo, esqueçamos o ly-
« rismo e os poetas que como V. Hugo, novo Evange-
« lista da Arte, converteram a existencia real em alluci-
« nações de vidente, ou como Musset afogaram as
« rosas da juventude na taça do absyntho, ou como Ca-
« mões trocaram a enxada de abastado arroteador pela
« gloriosa penna dos *Lusiadas* que condusiram o autor
« ao catre do hospital, ou finalmente como Gilbert,
« Chatterton, Espronceda, Tasso e outros succumbiram
« devorados pelo abutre da miseria ou vergastados pelo
« latego da tyrannia!

« Agora reparo que de braço dado com a *folle du*
« *logis* percorri seculos em minutos, perdi tempo e pa-
« pel em digressões absurdas, como qualquer collegial
« avida de exhibir o seu estylo e a sua calligraphia, ac-
« cumulei palavras sobre palavras, dei-me ares de *bas*
« *bleu* e ainda não lhe fallei dos seus bonitos versos, prin-
« cipal assumpto da minha carta, nem lhe disse que con-
« seguiram commover-me, a mim, a organisação mais
« anti-poetica que se conhece!

« Milagres do talento e tambem, força é confessal-o!
« conspirações tramadas a favor das musas entre a na-
« tureza campestre e o crepusculo!

« Não voltarei áquella varanda; desejo furtar-me ao
« pejo do inglez surprehendido em flagrante delicto de
« aquecer a enregelada fronte a um raio de sol meridio-
« nal e não receio menos sentir-me alli peor ainda do
« que sou e consideral-o menos do que o considero!

« Escrevo, além de tudo, impellida pela vaidade de
« offerecer-lhe um esboço do meu caracter.

« Não aspira elle a perfeições sobrehumanas, porém, « detesta pieguices irrisorias.

« Basta-me um *fac simile,* que por mal de meus « peccados possuo!

« É a minha criada de quarto, que chora como uma « Magdalena quando lê Ponson du Terrail!...

« Ha de surprehendel-o esta carta com que não con- « tava; o medo do ridiculo venceu a decidida antipathia « que me merece o genero epistolar!

« Se não conseguir decifrar estas *pattes de mouche* « reenvie-me a carta; copial-a-ha o conde na sua ele- « gante calligraphia e devolver-lh'a-ha.

« Deixe-me concluir com as palavras de um homem « de espirito que me saltaram agora, como um *diabinho* « azul, aos bicos da penna:—*Ne soyons rien pour rester* « *quelque chose!*»

....

Leopoldo não se contentou em ler a carta da condessa, decoreu-a! Aquelle papel queimava-o como um ferro em braza!

Reflectiu por longo tempo com as sobrancelhas crispadas, o olhar apagado e a cabeça pendida nas mãos.

Ardeu até ao fim a véla que o allumiava e Leopoldo só levantou a cabeça quando os ultimos clarões mortiços e fugitivos annunciaram que a luz ia apagar-se.

Poz outra véla no castiçal e inquieto, agitado, com o olhar febril largou a passear pelo quarto, furioso como o leão preso na jaula.

De instante à instante rebentava-lhe da bocca como um rugido a palavra: Orgulhosa!... Depois parava,

cruzava os braços e convertia-se-lhe a expressão do rosto n'um desdem esmagador; porém, ao desdem, succedia sem transição uma dôr profunda e sombria!

Devia ser tremenda a tempestade que se debatia n'aquella alma de fogo onde as paixões tinham reinado até então livres e absolutas!

Desejos ludibriados, esperanças aniquiladas, amor escarnecido e mais do que tudo o seu orgulho, orgulho indomavel e virgem, despedaçado como vidro por uma fragil mulher!!... por esse eterno feminino, fraco, leviano, versatil, que considerára até então como flôr perfumada e bella que o seu capricho ou o seu amor havia de colher, respirar e desfolhar impune!

Elle! que tinha visto prostradas aos seus pés todas as modernas beldades mendigando um sorriso; elle! bello e adorado como Alcibiades, do olhar de quem pendiam supplices tantas Aspasias; elle! que collocára o amor no numero dos prazeres creados para lhe lisonjearem os sentidos e distribuira á mulher o papel de sacerdotiza do altar que edificára a si proprio, idolo caprichoso e insondavel; elle! o moderno D. João, ver-se assim, de repente, illudido e derrotado por aquella mulher que ousava expandir livremente o seu espirito, ironico e scintillante, e levantar a sua insolente virtude acima da vontade e do espirito d'elle, isto no momento em que a soppunha dominada pelo amor!!

Como Des Grieux perguntava a Manon: Que fizeste da minha mocidade? daria elle tudo para lhe ser dado dizer á rebelde, fulminando-a depois como Deus fulminou Sodoma e Gomorra:

— Que fizeste do meu orgulho, mulher?!

Lembrou-lhe ir procural-a, fallar-lhe na presença do marido e á vista de todos da scena do terraço, feril-a com o ridiculo, a propria arma com que ella o aggredira; depois desafiar o marido, deixando assim na vida da esposa uma nodoa eterna.

Reflectiu pausadamente; por fim o expediente pareceu-lhe cobarde e pouco digno. Repelliu-o indignado, sentindo, rasgar-lhe mais fundo o peito, avido de vingança, a garra adunca do amor proprio ultrajado.

A tempestade debatia-se cada vez mais impetuosa no coração do homem que tinha em si, como um heroe retratado pelo pincel vigoroso de G. Sand, altivez de cavallo arabe, paixão selvagem de Beduino, irrequieta velocidade da gazella, delicadas susceptibilidades de artista e sensibilidade de mulher!

Preferiu escrever-lhe: sentou-se á mesa e encheu muitas paginas de lettras confusas e illegiveis; a penna devorava o papel, as linhas tortuosas encontravam-se, arremessavam-se umas para as outras como frechas envenenadas, cruzavam-se, partiam-se, redomoinhavam e embebiam em fel o branco e assetinado vellino.

Insultava-a ferozmente, escarnecia com ironia pungente, cortada de reticencias intencionaes, o ter ella querido fazer litteratura n'uma carta e passar por *femme savante;* arrastava-a pela poeira da terra como uma flôr murcha; despedaçava-a como um falso idolo de barro; accusava-a como juiz, punia-a como se fôra ré convicta, algemava-a implacavel á grilheta do pelourinho!!...

Em seguida, frio e severo dissecava-a com o escal-

pello anatomico: chamava ao seu pretendido desdem despeito, ao orgulho mascara, á virtude sophisma.

Jurava-lhe que não a amára nunca, que se por instantes a contemplára fôra com a simples curiosidade de artista com que entrava nos museus ou nos theatros.

Depois de escrever e sobrescritar a carta, com a cabeça em fogo e o corpo prostrado, deixou-se cair n'uma *chaise-longue* e vencido pela fadiga adormeceu á hora em que os primeiros alvores da madrugada entravam pela janella.

— Olá, Leopoldo, abre! Então em Cintra dorme-se a esta hora?... Bem se vê que és parisiense desde o laço da gravata até ao bico da bota!... Abre! bebeste opio?... passaste a noute n'algum sabbath nocturno?! Abre, homem!

Estas palavras soavam vagamente, como um pesadelo importuno, aos ouvidos de Leopoldo; ás palavras succederam fortes pancadas na porta do quarto.

Leopoldo, estonteado pelo somno, entreabriu a custo os olhos, fez um esforço supremo para reunir as idéas que se lhe confundiam no cerebro e reconheceu afinal a voz do conde de C***. Levantou-se então e abriu a porta.

Só depois do conde ter entrado no quarto é que Leopoldo se lembrou da carta; era tarde para guardal-a; voltou o sobrescrito, escondendo assim o nome da condessa, prompto a deixar-se matar primeiro do que consentir que tocassem na carta.

— Amores? perguntou o fidalgo... notando o movi-

mento. Quem é a diva?... Deixa ver... acrescentou, estendendo o braço para a carta.

— Não! volveu Leopoldo.

— Bravo! que louvavel discrição! Querem ver que é alguma pastorinha de Florian?... Vamos a ver o que escreveste; estylo bucolico, já se sabe, impregnado de aromas sylvestres, côr local, idyllio reduzido ás dimensões de um enveloppe! Deve ser altamente pitoresco!

Não te dispenso, tem paciencia, proseguiu approximando-se mais da mesa e com a mão afastada uma pollegada da carta.

Essa pastorinha não vale decerto mais do que as condessas, as duquezas e as baronezas de quem temos lido juntos a sentimental correspondencia, lembras-te?... Está dito, leio!

Leopoldo, sem trair a anciedade febril que o devorava senão pela lividez cadaverica do rosto agarrou o braço do conde e impellindo-o com gesto violento obrigou-o a voltear no ar indo cair por fim n'um *fauteuil*.

— Então o caso é serio? gaguejou o fidalgo concertando os estragos accidentaes da *toilette*. Ias-me partindo o braço, o que era brutal, privando-me de montar hoje o *Pachá*, o que era pelo menos absurdo!... Bem sabes, meu caro, as mulheres não valem tanto!

Leopoldo, sem se lhe alterar um musculo, sem trair uma só das commoções que o agitavam pegou na carta, chegou-lhe um fosforo e deitou-a para o fogão.

Quando o ultimo pedacinho de papel reduzido a cinzas esvoaçou no ar e a labareda foi substituida por

um pouco de pó negro, voltou-se para o conde, que seguira todos os movimentos do amigo com visivel espanto, e perguntou-lhe com expressão perfeitamente natural:

— A que devo o prazer da tua visita matinal?

— Por pouco que me não roubaste a possibilidade de dizer-t'o! tornou o conde. Devo primeiro do que tudo observar-te que a *visita matinal* é feita ao meio dia!

Uma madrugada parisiense, que só não tem os arabescos da neve cobrindo os vidros das janellas como uma renda e a taça de chocolate *á la crême* erguida no seu pedestal de saborosissimas *tartines!*

Sabes a que venho, feliz mortal? proseguiu pondo-se em pé; ouve e exulta! Programma do dia de hoje: almoço á sombra do copado arvoredo em Queluz, jantar *item* em Bellas, uns minutos na Varzea e á noute em Seteais, onde mandei preparar uma surpreza! *Toilettes* rigorosamente bucolicas! Beatriz vae encantadora, verás!

A partida é á uma hora, eu já te não largo; preciso de ti para umas combinações essenciais!

Leopoldo não achou senão breves e futeis evasivas para escusar-se; eram a agonia do orgulho que disputava ainda ao coração a sua incontestavel victoria!

O conde nem quiz ouvir as desculpas de Leopoldo; pendurou-se-lhe do braço e sem attender cousa alguma levou-o comsigo.

« Quantas vezes o destino de uma creatura depende de uma carta!... » exclama um personagem de V. Sardou.

Aquelle papel que um fosforo reduzira a cinzas poderia talvez atear no peito do fidalgo pueril e voluvel, um incendio d'onde surgisse o Othello inexoravel e baqueasse, irremissivelmente perdida, a immaculada Desdemona!...

VII

Anoitecia, uma noite languida, harmoniosa e estrellada quando a elegante cavalgada punha pé em Seteais. Os cavalleiros traziam nos chapéos ramos de rosas bravas e anemonas. Por commum e tacito acôrdo todos tinham deixado em casa, no cofre das luvas e dos *sachets* d'Iris, o ceremonial da côrte. Ria-se e conversava-se despreoccupadamente; o gesto livre da *pose* e a palavra do lavor convencional identificavam-se com a desartificiosa formosura da natureza campezina; cada qual dizia o que pensava sem pensar um instante no que dizia.

O campo, o vasto salão affestoado de musgos, de arcarias, columnatas de porphiro e esmeralda e docel azul como as turquezas, onde rouxinoes, rosas e borboletas celebram as suas nupcias e festins, prodigos de musicas e fragrancias, é decididamente onde a gente despe a chlamyde palaciana, descalça a luva *gris perle* e com a fronte serena e o olhar limpido estreita ao coração a

candida sylphide, coroada de illusões, que se chama mocidade!

As balsas exhalam um não sei quê de familiar e insinuante que as arvores murmuram, os passaros gorgeiam e os corações absorvem!

Não haja medo que nenhum consiga esquivar-se á magia que ondula no espaço como um pollen mysterioso!...

No campo, o coração tem artes de fugir do peito para suspender-se dos labios, como o orvalho do calice da rosa; a dissimulação e hypocrisia retrahem-se corridas de pejo; a alma, infantil e crédula, volve por instantes a sobredoirar com o fulgor da aurora a escuridão cerrada da alma envelhecida e gasta!

A condessa menos triste mas talvez mais descórada encontrou ao apear-se Leopoldo que lhe segurava as redeas do cavallo.

Sorriu e córou, depois disse com expressão graciosa:

— Sempre amabilissimo!

— Escravo, é que V. Exc.ª queria dizer, emendou Leopoldo.

— Ora vamos, confesse, tornou ella entre séria e risonha, depois do mancebo ter entregado o cavallo ao *groom* e caminhando ambos ao lado um do outro; ainda não me perdoou?...

— Mas, minha senhora, eu não devo senão agradecimentos a V. Exc.ª...

— A sua voz denuncia o enfado que em vão pretende occultar! interrompeu a condessa sem attender Leopoldo. Tem razão!... Só conheço uma cousa peor do

que escrever uma longa carta é ter de a ler; reflecti isso e arrependi-me de lhe haver escripto. Depois, se bem me lembro, não era uma simples carta desambiciosa e modesta, era uma especie de divagação litteraria ainda menos desculpavel do que a pieguice que diligenciava emendar! Ao tempo em que a extravagante missiva lhe chegava ás mãos revia-me eu no espelho da consciencia e ria-me como os augurios romanos descobrindo que para evitar o ridiculo penetrára no dominio do comico!

Chasser le naturel il revient au galop!

Os meus nervos são caprichosos e insupportaveis, tyrannizam-me!

O melhor de tudo é restituir-me a carta e ficarmos amigos como d'antes.

Leopoldo não respondia senão com a pallidez que lhe velava o rosto.

—Então, está combinado, entrega-me a carta e esquece como um homem de espirito o estranho acaso que lhe fez encarar por um prisma artificioso a creatura mais natural do mundo.

—Já uma vez me chamou cruel, lembra-se? disse Leopoldo descendo sobre a condessa um olhar profundo; em compensação deixe-me chamar-lhe hoje implacavel!... Esmaga-me com a immensidade do seu orgulho, proseguiu com voz trémula, e nem sequer me deixa a força precisa para levantar-me á altura d'elle!... Presinto que lhe faço dó, que ha de sempre brincar com o meu destino e dilaceral-o como as crianças brincam com as flôres, desfolhando-as!... E veja, exclamou deixando correr uma lagrima, não sei odial-a!...

Voltavam n'esse instante pela estrada de Pizões; o murmurio da agua caindo em fio dos penhascos e espadanando no tanque acompanhava com a sua melopea suave e melancolica o cantar da cigarra e o grasnar das rãs; os pyrilampos scintillavam e penduravam-se das moitas perfumadas como estrellas caidas do céo.

A condessa não respondeu e apressou o passo, com a intenção visivel de approximar-se do marido que caminhava em distancia dando o braço á elegante esposa de um diplomata francez. A illimitada vaidade do conde, que nem em sonhos admittiria a possibilidade de o preferirem a qualquer, não poderia nunca humanisar-se a ponto de perceber que sua mulher estendia para elle os braços como o naufrago para o porto de salvação.

O fidalgo ria, gesticulava e desfiava perante o olhar azul da embaixatriz o rosario galante das suas aventuras de *touriste*.

— Repare!... exclamou Leopoldo detendo a condessa e mostrando-lhe um lyrio branco, que singelissima flôr aquella!... Vestiu-a Deus com a alvura do arminho, perfumou-a com o pudico aroma da virgindade, confiou-lhe todos os attractivos da primavera; podia ser orgulhosa, cobrir-se de espinhos como as rosas e no entanto é timida, é modesta e deixa-se afagar pelo vento que lhe prostra a franzina haste! Se amasse o seu amor havia de ser suave e acariciador como ella: não é orgulhosa aquella flôr!...

— Se amasse, acudiu a condessa em voz baixa, perderia irremediavelmente a pureza que é o seu principal encanto.

*

— Imagina então que o amor é um crime?!...

— O amor dos lyrios, não! respondeu Beatriz olhando para a flôr.

— O seu?... murmurou elle.

— Não lh'o diz a consciencia?... volveu encarando-o com expressão severa.

— Diria, talvez, se o coração me deixasse ouvil-a!... Escute! exclamou estreitando-lhe as mãos e beijando-as, e mate-me depois! Amo-a, amo-a apaixonadamente!... Sei que é orgulhosa e fria, que escarnece sem dó nem piedade, sei e não posso fugir-lhe!!... Este fatal amor segue-me, envolve-me, levanta-me, precipita-me, não sei se no céo se no inferno!...

Tenho ás vezes impetos doidos de apunhalal-a, não como Antony para salvar a honra, não como Othello para cevar o ciume mas para furtar-me ao desprezo de mim proprio; e surprehendo-me a chorar, escravisado, aos seus pés!...

A maldição converte-se em bençãos e o odio em amor!... Não ha n'isto que me afflue imperiosamente do coração á bocca o canto da sereia que seduz.

O calculo não é para quem ama; o abysmo não poderá nunca chamar-se idyllio!... A paixão não pensa, sente, não levanta, arrasta! Um de nós tem de ficar condemnado... o destino assim o quer!... Lutar é impossivel quando nem sequer o sentimento da propria dignidade consegue salvar-nos!...

Beatriz ouvia-o commovida, perturbada, mudando de côr de instante a instante. A expressão altiva do seu

rosto desapparecera como por encanto; substituira-a uma especie de enlevo silencioso e extatico.

Quando Leopoldo acabou de fallar quedou-se ainda a escutal-o, subjugada pela eloquente voz que lhe vibrára no coração diluindo os gelos da mortalha e acordando a mulher na estatua.

Depois, tentando furtar-se ao influxo magnetico que a fascinava deu dois passos, colheu o lyrio e deixando-o cair nas mãos de Leopoldo, ajoelhado aos seus pés, murmurou com solemnidade insinuante e meiga:

— Guarde o lyrio, confunda-o na sua alma comigo; fique a flôr entre nós como uma recordação e como um symbolo!...

Leopoldo metteu a flôr no peito e cobriu de beijos a mão que lh'a offerecia.

Não pronunciaram uma unica palavra mais até ao instante de se separarem. Os olhares de ambos cruzavam-se ás vezes como o fulgor de dois astros que obedecem a uma attracção reciproca.

Depois d'esse dia que enlaçou dois destinos seguiram-se muitos dias irradiando luz e harmonias.

Entre essas duas almas, apparentemente irmãs, reunidas pelo apertado laço do amor, existia no entanto a profunda incompatibilidade de elementos oppostos!

Beatriz, que despertára afinal do longo somno, Beatriz para quem soára a hora da luta, simultanêamente amarga e suave, amava com a pureza ideal, com o religioso abandono de um coração opulento e virgem.

Leopoldo, ao contrario, amava com o ardor insensato

que sacrifica sem hesitar os mais santos deveres, com o egoismo dos corações saciados que namoram de longe uma flôr brilhante, pura e casta e são capazes de ir colhel-a no cairel do abysmo onde pender exanime!

Ella era a aurora, florida e ingenua, gorgeiada pelos rouxinoes da fantasia juvenil e candida!

Elle era a noute conspirando na sombra, oppondo ao rubor do sol os pallidos feitiços do luar, á plena luz do dia o vago mysterio da penumbra!...

O culto que significava para Beatriz uma iniciação era para Leopoldo a substituição de um idolo!

Ella amava com a prodigalidade generosa que espalha ás mãos cheias perolas.

Elle amava para ser amado e cobria com essas inestimaveis perolas, como as Marions cobrem com ellas os collos maculados, a alma desflorida e gasta!

VIII

Um mez depois estavam os condes de C*** em Lisboa.

O campo que alimenta no placido remanso das suas noutes perfumadas e silenciosas as mais loucas illusões é a eterna cilada dos corações amantes!...

O ruido prosaico, a existencia convencional da cidade arrancaram Leopoldo e Beatriz ao seu mutuo encantamento.

Foi só então que a condessa descobriu pela primeira vez uma nuvem na limpidez da consciencia.

Da altura onde collocára o seu amor, querendo purifical-o, examinou o homem insignificante e vulgar a quem estava indissoluvelmente ligada e teve dó de si e d'elle: d'elle, illudido, d'ella que illudia!

Que importava que esse homem não tivesse coração nem espirito, que fosse leviano, vaidoso, pueril, que não amasse verdadeiramente senão a sua pessoa e os seus cavallos, attenuaria isso por ventura a quebra da pro-

messa sagrada á qual ella voluntariamente prendera, aos olhos de Deus e do mundo, o corpo e a alma?!... Se o não amava promettera amal-o; o amor votado a outro homem offendia duas vezes a legitimidade do direito e convertia-o n'um perjurio!... A logica das consciencias rectas persuadiu-lhe de uma maneira irrefutavel e iniludivel que semelhante ligação, embora pura e casta, era um crime! Essa revelação que o delirio do amor demorára indefinidamente cravou-lhe na altiva fronte um agudo espinho!...

Fugiu-lhe aterrada, combateu-a, repelliu-a com a ponta do pé, com a immensidade da sua altivez que não se curvára nunca perante a consciencia, antes a submettera; refugiou-se nos jubilos ineffaveis de amar e ser amada, embriagou-se, como os deuses, com a ambrosia do seu Olympo estremecido: porém, o espectro reapparecia implacavel, apertava-a nos seus braços de ferro, multiplicava-se, perseguia-a, zumbia-lhe ao ouvido palavras severas, distillava amargores em todos os nectares, obscurecia-lhe a luz da felicidade e apagava-a por fim!

O pensamento quando obedece ás instigações da consciencia póde converter-se em algoz! N'essas horas difficeis o coração succumbe quasi sempre pungido pelos cilicios do verdadeiro e do justo!

A consciencia de Beatriz, crystal que reflectia uma existencia isenta de culpas, era severa e exigente; mas o amor condemnado por ella era o culto fanatico, ideal e invencivel dos pagãos pelos seus idolos e dos christãos pelo seu Deus!

Á sentença imperiosa e austera que lhe ordenava o

sacrificio do coração rejuvenescido respondia Beatriz indicando o altar onde permanecia de pé um deus nunca olvidado, deante do qual ajoelhava noute e dia, cujas flôres e cirios renovava sem cessar.

Illusões que perdera, crenças e enthusiasmos que sentira fugir do coração como uma revoada de andorinhas afugentadas pela geada nem de leve entibiaram aquella adoração immensa: como o pelicano alimentava-a com o sangue das veias, vivia e morria por ella, era o seu credo, o seu ideal, o seu impossivel, o seu deus,— era o dever!

Uma tarde, quasi no fim do estio, quando a purpura do crepusculo tem já a pallidez melancolica que adivinha o outono e os horisontes pesados e densos se fecham sobre a terra como um bracelete de bronze, seguia o coupé da condessa de C*** pelo Aterro.

A condessa mal se via escondida a um canto do carro e enterrada no estofo das almofadas; vestia de seda lilaz, com rendas de Bruxellas nas mangas e no pescoço; debaixo do elegante chapéo d'onde pendia um mólho de violetas soltavam-se-lhe em espirais trez opulentas madeixas de cabello.

Ia triste: o olhar meigo, languido e distrahido não se fixava em coisa alguma.

Muitos se descobriram na passagem do coupé; porém, a condessa não viu os comprimentos dos seus malaventurados admiradores!

Perdia-se-lhe o olhar pelo espaço; parecia seguir ás

vezes uma nuvem fugitiva ou o vôo largo das gaivotas que pousavam na superficie do rio.

O coupé atravessou o caes do Sodré, subiu a rua do Alecrim e tomou em direcção ao Chiado.

Os *flaneurs* lisbonenses conversavam reunidos em grupos nas esquinas; esmiuçavam provavelmente a chronica diurna de pequeninos escandalos appetitosos e nos intervallos desciam olhares enfastiados, desdenhosos ou investigadores para as burguezas, pedestres, que ousavam pôr pé na rua consagrada pela alta *gomme* para ser exclusivamente pisada pelas patas dos hanoverianos, pelas rodas dos *landaus* e dos *breaks* ou levemente acariciada pelo agudo salto de alguma Phriné moderna que esvoace da *victoria* para o chão por extravagancia, como as borboletas fogem ás vezes das rosas para rasgar as azas nas ortigas!

N'aquelle nosso Chiado, capitulo obrigado do dandysmo ocioso, degladiam-se umas com as outras as altas e as pequenas intrigas da politica, das lettras, das artes e dos amores! Alli gyram, como na dança macabra do sabbat, as pessoas e as coisas que cada um conta, repete, analisa e amarrota, grotescas e serapintadas como jograes, saltando na corda bamba do insulto gratuito, ao som aspero da gargalhada alvar!... Só falta áquelle sybillino choro a formula consagrada do sabbat: *Oben hinaus; nirgends an!* (Passae, girae; não toqueis em coisa alguma!)

As brisas do Chiado impregnadas de poeira, que beijam de fugida a corôa de loiro do Camões, as begonias, os lycopodyuns das salas, as *vitrines* luxuosas e os cabellos perfumados das mulheres bonitas poderiam contar

o comico romance dos nomes agarrados alli á traição, mutilados com o ferro buido da maledicencia impune e arrastados pelo *mac-adam!*...

A carruagem da condessa passou á beira de um grupo que a saudou de chapéo na mão.

De subito, o seu olhar até alli apagado illuminou-se, arqueou-lhe os labios um gracioso sorriso, córou e levantando meio corpo do estofo do coupé mandou parar a carruagem. Largára de um centro de homens alguem que Beatriz adivinhára antes de ver: a um gesto d'esse alguem, que de pé e descoberto á portinhola contemplava apaixonadamente a condessa, puxára o cocheiro as redeas aos cavallos.

Trocaram em segredo algumas palavras, simples e eloquentes: elle pediu-lhe que o deixasse ir vel-a n'aquella noite; ella negou primeiro, depois fez com a cabeça um gesto affirmativo. Quando o coupé seguiu a trote largo Leopoldo voltou para os amigos que lhe fizeram circulo, felicitando-o com effusões maliciosas pelas boas graças da condessa de que elle era objecto.

Leopoldo ouviu distraido e não respondeu; por acaso olhou para Alvaro Mendonça que o fitava com singular insistencia.

IX

A condessa recebia como uma rainha!

Nas suas salas, opulentas como o palacio de um rhajá, havia tudo quanto a fina elegancia de uma mulher póde reunir ao gosto e riqueza de um homem.

Os bronzes, o oiro e prata cinzelados de fantasticos lavores, os marmores, os crystaes, os espelhos, os quadros, as sedas e velludos tudo era magnifico, deslumbrante!

Ninguem acreditaria decerto que esse ponto luminoso e intangivel que avistamos de longe, essa miragem enganadora que o mundo chama *felicidade,* que foge mal tentamos approximar-nos, que apparece ás vezes de repente ao nosso lado quando a soppunhamos perdida sem remedio, era o pomo vedado d'aquelle paraizo terreal!!...

E no entanto, a verdade é que quando saíam do eden os escolhidos a quem fôra permittido o ingresso não ficavam nas salas senão duas estatuas que só se differençavam dos marmores e bronzes em trocarem meia duzia

de palavras banais, um homem e uma mulher sem coração: um porque o tinha gasto, outro porque o dera!

E riam, matavam o tempo conversando de theatros, livros e musica, escondiam quasi sempre o que pensavam na puerilidade do que diziam, não lhes occorrendo nunca que eram moços, que pertenciam um ao outro e que podiam amar e conquistar assim a rara e esquiva felicidade que se alguma vez os visitára tinha desapparecido como um astro de brilho ephemero!

O conde não admittia a possibilidade do amor conjugal; um marido com aspecto de amante parecia-lhe ridiculo e burguez como a legenda de Philemon e Baucis! Admirára em tempo a formosura de sua mulher; depois habituara-se a vêl-a com os mesmos olhos com que via as paizagens de Watteau, as peças de Sardou e os cavallos de fina raça.

Ha muitos crimes que escaparam ao dominio do codigo penal!

Entregar a mulher indifferente ao esposo que a familia ou a sociedade lhe impõem como amigo certo e protector legitimo, aproveitar a hora de repouso da transição em que dentro da chrysalida a larva se metamorphoseia em borboleta para lhe apertar aos pulsos inanimes a cadeia eterna e indissoluvel; e depois, mais tarde, quando a borboleta procura despregar as azas do alfinete que a trespassa e voar no espaço em plena luz, condemnal-a inexoravelmente, dar-lhe inteira responsabilidade da culpa de que é victima, é seguramente um d'esses crimes que as leis deixaram impune!

Ás dez horas da noite o conde montava a cavallo e partia para Cintra: caprichos de gentleman-rider!

Leopoldo ficou acompanhando a condessa.

Ella foi para o piano e afagando o marfim do teclado com as mãos pequenas e delicadas arrancou-lhe umas cadencias doces, timidas, mysteriosas como as indefiniveis aspirações de quem ama... Leopoldo, em pé, com o braço encostado ao piano envolvia-a n'um olhar de fogo.

A condessa mais formosa do que nunca, com a fronte inspirada e o olhar humido, transmittindo ao piano os divinos canticos harmoniosos que lhe brotavam do coração, deixando-se banhar por aquelle olhar profundo e infinito como o oceano resumia em si o virginal pudor de Dea ao sentir a cegueira illuminar-se-lhe com o olhar de Gwimplaine e a paixão ardente da Fornarina!....

De repente, Beatriz estremeceu, córou e levantou-se: depois, dando um passo para Leopoldo e fitando-o com olhar eloquente de ternura, simultaneamente imperioso e supplicante, disse com expressão que não admittia replica:

— Vá-se embora, peço-lhe!...

Leopoldo não respondeu; ergueu os braços, cruzou as mãos, caiu de joelhos e desatou a chorar como uma criança.

Beatriz levantou os olhos para o céo e ficou assim muito tempo absorta e silenciosa. Depois murmurou como se fallasse comsigo mesma, saindo-lhe a voz da garganta trémula e entrecortada:

— Louca!... E podeste tu suppor que te seria per-

mittido conservar o teu amor no sanctuario impeccavel dos grandes affectos que não se aviltam!... e acreditaste a possibilidade de viver no fogo, como a Salamandra, sem que as suas labaredas te queimassem!... e convences-te, orgulhosa! que evitarias a queda salvando assim a pureza da consciencia, unica força da tua deploravel fraqueza!...

Em seguida curvou-se a ponto de roçar os cabellos pela testa de Leopoldo que permanecera ajoelhado e embebendo nos olhos do mancebo o olhar desvairado por estranha exaltação proseguiu com voz vibrante e sacudida:

— Aqui me tens, sou tua! Arrasta-me comtigo para essa voragem de condemnados, precipitemo-nos ambos!... Esgotemos até ao fim a taça dos deleites criminosos...

A embriaguez é o esquecimento e por vezes a morte!.... Que importa depois os despresos do mundo?...

Vem!... continuou travando do braço do amante com gesto febril, leva-me comtigo para longe, para muito longe d'estas alcatifas que me queimam, d'estas paredes que me suffocam como um tumulo; depois, quando rastejar aos teus pés confundida com as mulheres perdidas, ludibrio de todas e vergonha de mim propria, atira as minhas cinzas ao vento que as espalhará no espaço como espalha no outono as folhas seccas das arvores que a primavera enflorára!...

Tinham-se-lhe soltado os cabellos e caiam-lhe em desalinho nas espaduas; a febre batia-lhe nas arterias e relampagueava no olhar profundo e ardente; a paixão combatida pelo remorso pungia-a com os seus agudos cili-

cios de chammas e revestia-a com a sua magestade bella e terrivel! De repente, fez-se livida, deu um grito e caiu sobre os joelhos.

Leopoldo deitou-a nos braços, atravessou a correr duas salas, entrou no gabinete de leitura da condessa e depoz com o maior desvélo o seu precioso fardo n'uma othomana de seda azul. Ouviu-se então o rodar de uma carruagem que parou á porta do palacio.

Leopoldo estremeceu, cravou um olhar de suprema angustia na condessa desmaiada e saiu com passo rapido.

X

Ao recuperar os sentidos a condessa fitou com olhar inquieto e curioso todos os objectos que a rodeiavam e tentou reunir as idéas que se retrahiam confundidas em lineamentos vagos. Ouviu dar uma hora, e como quem procura ás escuras diligenciou recordar-se do que dissera e fizera n'essas tres horas que mediavam entre a partida do conde e o seu desmaio.

Quando afinal conseguiu lembrar-se fez-se-lhe noite escura na consciencia!

Queimavam-n'a como um ferro em braza as palavras que no delirio da febre dissera a esse homem que chorava aos seus pés, daria de bom grado a existencia para emmudecer-lhe o fatal echo e ouvia-as e via-as e sentia-as no coração!...

Pensou então na sua infancia pura e luminosa, no seu passado forte e austero como a virtude: approximou-se da janella, ficou por muito tempo a olhar para as estrellas que brilhavam no céo e viu como espectro de

si mesma, as flôres da sua mocidade crestadas pelo lume do pensamento, as suas illusões feridas de morte como a cotovia quando dá com as azas na crusta de gelo das montanhas; viu o pae, o seu anjo custodio, prendel-a ao homem que o destino convertera em algoz; sentiu depois rasgar-lhe o peito a garra da consciencia accusadora, curvar-se a sua indomavel altivez e bradar a inexoravel voz: «O teu primeiro amor é o teu primeiro crime!»

Aquelles instantes de vida retrospectiva que valiam seculos de angustias deixaram-n'a prostrada; caiu n'um *fauteuil*, levando as mãos á testa e quedou-se muda, pensativa, alheada em sombrias cogitações.

«As grandes dôres, deixou-nos Alfredo de Musset escripto nas paginas de um livro que é por ventura o sacrario do seu primeiro, unico e fatal amor, não accusam nem blasfemam, escutam!»

Depois de longa meditação a condessa foi recobrando gradualmente a sua habitual tranquillidade. A sua alma, ferida como a pomba alcançada pelo chumbo certeiro do caçador ergueu-se pouco a pouco do abatimento em que jazia e revoou serena e immaculada até pousar no altar do sacrificio. Ao jurar á consciencia que esqueceria Leopoldo e o obrigaria a esquecel-a e que partiria depois com o marido para longe de Portugal sentiu-se forte e corajosa. Levantou-se e dispondo-se a escrever a Leopoldo deu dois passos, inesperadamente viu diante de si Alvaro Mendonça!

Não disse uma palavra, não soltou um grito; ficou no meio do quarto, pallida, immovel, assombrada como a estatua do terror.

— Faço-lhe medo? perguntou ironicamente Alvaro. Se me não pareço absolutamente nada com o meu amigo Leopoldo!... Sei o que pensa, minha senhora, acrescentou cortando o passo á condessa que procurava o cordão da campainha. Acha importuna a visita e mal escolhida a hora: mas o que eu tenho que dizer a V. Exc.ª só podia ser dito á hora em que jornadeiam os maridos e chegam os amantes...

Seguiram-se alguns momentos de silencio.

Alvaro não ousava approximar-se da condessa, ella queria fallar e expirava-lhe a voz na garganta.

— V. Exc.ª conhece-me decerto, proseguiu Alvaro dando á voz uma expressão intencional e encarando fito a condessa, mais de uma vez o seu olhar tem encontrado o meu e basta um olhar para que uma mulher de espirito comprehenda que é amada.

A quelque chose malheur est bon; talvez que o meu amor lhe seja util, senhora condessa; venho offerecer-lh'o!

A condessa ouvia-o vagamente; a indignação, a colera, o susto tremiam-lhe nos labios brancos como os de um cadaver; fez um esforço supremo e dominando o seu interlocutor com um olhar titanico bradou:

— Saia, miseravel! ou mando-o pôr fóra pelos meus criados!

— Oh! por quem é, senhora condessa, acudiu Alvaro impassivel, poupe a sua belleza e a sua voz. Lembre-se dos preceitos de uma célebre marqueza do seculo passado que recommendava ás mulheres que não se zangassem nunca, sob pena de adquirir rugas!...

É perfeitamente inutil recorrer aos seus criados, visto

que os comprei; além d'isso tive o cuidado de fechar as portas; estamos n'um verdadeiro *tête-a-tête!*

A condessa não respondeu e dirigiu-se para a porta.

Alvaro deixou-a ir e recostou-se muito a seu commodo n'uma *chaise-longue*. Quando ella voltou na impossibilidade de poder sair, louca de dôr e de raiva, encontrou o olhar de Alvaro, ardente e incisivo.

—Veja, minha senhora, que tem forçosamente de ouvir-me, disse levantando-se. Não abusarei da superioridade que a sorte me confere. O que eu quero dizer a V. Exc.ª é simples como a verdade. Amo-a, tenho ciumes de todos os homens, excepto de seu marido porque esse sei eu que V. Exc.ª não ama, tenho-os particularmente do meu feliz rival porque é amado. Sei que as mulheres são engenhosissimas em tudo quanto diz respeito ao amor; porém, a vingança, esse manjar dos deuses, só a conhecem as italianas!... Imagine V. Exc.ª que aprendi com as mulheres de Italia a vingar-me e que tenho n'um papel não só a vida do seu amante mas tambem a sua, senhora condessa, e o que é mais a sua honra!...

Se duvida, dar-lhe-hei a satisfação de ler a carta em que o meu fantasioso e poetico rival arredonda a frase para responder consoante a palavra de V. Exc.ª que, segundo resa o documento, brotou para o feliz mortal em niagaras de ternura!...

Como a gente se apodera de um papel, de muitos papeis... é cousa tão simples que não vale a pena mencional-a. Nos dramaturgos modernos, cujos personagens

usam e abusam do engenhoso systema, encontrará V. Exc.ª varios processos applicaveis e elucidativos.

A carta a que me refiro e de que tenho cópia está a esta hora, sobrescritada para o conde de C***, nas mãos do meu fiel criado, prompto a expedil-a á primeira ordem.

Se ella deve ou não chegar ao seu destino é o que eu venho, ás duas horas da madrugada do dia quatro de agosto, perguntar muito humildemente a V. Exc.ª?

—Não sei, volveu a condessa com dignidade fria e desdenhosa, se estou sendo victima de um pesadelo ou se com effeito desceu, como ousa affirmar, até ao ignobil artificio de roubar papeis alheios para vir de noute, como um bandido, surprehender uma mulher indefesa e ameaçal-a com a deshonra!...

Mas saiba que a mulher em casa de quem se atreve a entrar a semelhante hora, que insulta porque lhe surprehendeu um segredo, que não ama o marido e que ama outro, colloca ainda a sua honra muito acima da infamia e não o odeia porque o odio é ainda um sentimento!... Affrontas d'estas não teem nada que ver com o odio, castiga-as e esmaga-as o desprezo!...

Já vê que póde expedir a carta, senhor Alvaro Mendonça, concluiu Beatriz fulminando-o com um olhar soberbo de altivez e ironia, é a minha resposta!

Ha de arrepender-se, senhora condessa, retorquiu Alvaro dominado a seu pezar pela coragem nobre e digna que se levantara onde elle soppunha encontrar lagrimas e supplicas. Ainda uma vez, acrescentou, é a sua irrevogavel decisão?

A condessa respondeu apenas com um gesto, indicando-lhe a porta.

Pallida, formosa, radiante de magestade como uma rainha ultrajada, com o fulgor da colera no olhar e o desdem nos labios parecia erguer-se do chão e esmagar com a ponta do pé o miseravel verme que ousára tocar-lhe!

Alvaro curvou a cabeça em silencio e saiu.

XI

No dia immediato, ao cair da noute, parava um coupé com os stores cuidadosamente descidos á porta do palacio da condessa de C***.

Saiu d'elle Leopoldo, visivelmente preoccupado, subiu as escadas e entrou sem se fazer annunciar.

A condessa tinha nas mãos um livro de versos de Musset e folheava-o: lia-se-lhe na physionomia uma tristeza intima mas resignada.

Leopoldo parou um instante, com o reposteiro meio levantado, e contemplou com exclusivo olhar de artista aquella encantadora cabeça de mulher, bella e intelligente, de que a plastica e a esthetica, a fórma tangivel e o ideal abstracto, tinham feito uma obra prima!

Sentiu então pela primeira vez o quer que fosse pungir-lhe o coração e murmurar-lhe ao ouvido que o infortúnio sem treguas, a perdição descaroavel iam desabar irremediavelmente sobre aquella trindade luminosa—mocidade, formosura e talento, que se não fosse elle e o

seu criminoso amor continuaria a ser felicidade invejavel!...

Teve dó e teve medo! Occorreu-lhe uma idéa insensata, extravagante, de uma sensibilidade burgueza!... Lembrou-lhe ir-se embora e não voltar mais, como ella lhe pedia.

Deixou cair o reposteiro e recuou alguns passos.

Porém, o homem, a *bête,* como lhe chamava de Maistre, subjugou os escrupulos do artista, o egoismo da natureza humana impoz silencio ao pudor da alma e Leopoldo correu com gesto nervoso o reposteiro.

A condessa estremeceu e levantou-se. O olhar de ambos cruzou-se então solemne e eloquente.

—Porque não quiz salvar-me? disse ella com lagrimas na voz.

—Venho buscar-te, acudiu Leopoldo apoderando-se-lhe das mãos, tenho o coupé á porta, preparei tudo!

Vamos para o Porto e de lá embarcamos para Inglaterra... A esta hora pódes sair sem ser vista pelos criados. Vamos!...

A condessa deixou-se conduzir como uma criança. Leopoldo levantou-a do chão e levou-a nos braços até á primeira sala. De subito, Beatriz que parecia inanimada soltou-se-lhe dos braços e pondo-se em pé defronte d'elle exclamou:

—Para onde vamos?

—Fugimos!

—Fugir!... atalhou ella, fugir é a vergonha e o opprobrio!... Só os criminosos é que fogem!

—E os desgraçados tambem, interrompeu Leopol-

do. Escuta!... O sol cobre-se ás vezes de nuvens... Dissiparemos as nuvens ou as manchas do astro do nosso amor com o brilho invulneravel e dominador do orgulho leal e franco, e ai! d'aquelle que tentar affrontal-o!...

O opprobrio, dizes tu, o opprobrio é para os que transigem com o vilipendio, para os que afivelam na sombra a mascara de hypocritas, para os que teem medo e como Judas beijam por cobardia a face que atraiçôam! Enlaçando as nossas existencias consagraremos á face do mundo o amor que elle não ousará condemnar!...

— Louco!... louco!... murmurou Beatriz com inflexão terna e compadecida, temos os pés no abysmo e não o vês!!... Se eu podesse tambem illudir-me!...

Mas ha um obstaculo mais forte do que a propria consciencia, és tu, Leopoldo!

O que poderia eu offerecer-te quando me perdesse a teus pés?...

Depois, se quizesses ter saudades minhas nem isso poderias!... As saudades são só do amor puro, da virtude, dos affectos que Deus abençôa!...

O crime faz dó se é que não causa horror!...

Não é o mundo, Leopoldo; o que é o mundo?... Um tyranno de melodrama que aterra os corações ingenuos, um fantasma coroado de flôres e com os pés nos pantanos!... É a nossa consciencia, a pureza da nossa alma, a immaterial essencia do nosso amor, nossos pais e mães que chorariam lagrimas de sangue, nossos filhos que nos amaldiçoariam!... É o teu futuro de homem, a tua gloria de poeta, o teu nome, tudo isso que ficaria para sempre algemado ao pelourinho da vergonha!... Fugir!...

Não, Leopoldo: ficar e esperar é que é o dever embora seja a morte!

—Oh!... soluçou Leopoldo com expressão dilacerante, quando é que o verdadeiro amor reflexiona e sacrifica a ventura ao dever?!...

Seguiu-se um silencio decisivo para os dois.

A condessa esperava, meiga, resignada e decidida. Leopoldo, sombrio, convulso e desesperado exclamou por fim com impeto selvagem:

—Vou deixar Portugal; vou só e condemnado!... Se já não existe burel onde se amortalhem os corpos ha sempre mãos de mulher que nos enclausurem o coração votando-o aos desconfortos do celibato e á perpetua maceração da saudade sem esperança!... Vejo que é sempre a mesma, inflexivel e fria como uma estatua, e sinto fugir-me a vida ao ter de renunciar ao estremecido sonho que a absorvera!...

É triste dar-lhe em espectaculo a minha fraqueza e não saber, como Beatriz, triumphar do amor oppondo-lhe o raciocinio do orgulho!... Que quer?... Soffro muito!... Que extraordinario drama este de que somos personagens!...

A mulher dominando os acontecimentos e tendo a força precisa para repellir a ventura!...

O homem tremendo e chorando!!...

Seria grotesco se não fosse terrivel!

Adeus, Beatriz!... acrescentou deixando correr as lagrimas. Se um dia, o que não é provavel, a sua altivez recuar vencida pela voz imperiosa do coração, diga uma palavra e cairei prostrado a seus pés!...

Leopoldo deu alguns passos para a porta, parou um momento no limiar, por fim largou o reposteiro e desappareceu correndo.

A condessa estremeceu, estendeu os braços pàra a porta e soltou um grito... Ia n'esse grito suffocado e trémulo o nome de Leopoldo!

Esperou, febril e anciosa, depois caiu de joelhos e desatou a chorar.

O seu anjo da guardà emmudecera-lhe a voz na garganta!...

....

Voltava o coupé de Leopoldo o angulo da rua quando parava á porta do palacio a carruagem do conde de C***.

XII

Gœthe arrancou o coração do peito e converteu-o em poemas, dilacerantes de paixão e angustia como os psalmos dos prophetas!...

Pintou no *Fausto* a ambição infinita, o amor sensual, a sede do impossivel, a torrente de paixões brotando desordenada e assoladora até golfar no vortice do crime!...

Pronunciou no *Werther* a derradeira palavra do romantismo, descendo á cova rasa do suicidio, norteados pela chamma devoradora d'aquella eloquencia fatal, a pallida legião de amantes!...

Shakspeare divinisou o amor na trindade radiante e maviosa a que chamou — Julieta, Ophelia e Desdemona!

Porém, a dôr, a cruz de ferro da humanidade, que lentamente, na tréva surda dos grandes cataclysmos obscuros, fere, arruina e aniquila, ninguem soube

ainda descrevel-a com traços caracteristicos e colorido proprio!

A dôr sente-se não se conta, retrahe-se á analise: tem o pudor da superioridade, a isenção das penumbras mysteriosas; foge do pincel do artista e da penna do escriptor; é profunda como o mar, subtil e intangivel como a sombra que de repente obscurece a terra!...

Se as lagrimas tivessem voz e a transmittissem aos livros conheceria o mundo o pungitivo segredo de muitas dôres: mas as lagrimas são mudas como a propria dôr!

Balzac asseverou que a dôr dardeja fulgores de astro porque decerto não perdeu nunca a luz dos olhos na pavorosa noute que a envolve!

Escuridão profunda lhe chamarei antes que nos rouba descaroavel até ao derradeiro vestigio de esperança!...

O homem que padece olha só para as ruinas de si mesmo, annula entendimento e vontade, perde-se, enleia-se n'ellas como a parietaria e nem olhos tem ás vezes para a estrella redemptora que allumia todos os naufragios, a ineffavel religião do Christo!

Quero eu dizer que não posso nem sei escrever as derradeiras paginas da existencia de Beatriz.

A agonia da martyr, lenta, insondavel, latente, cortada de intimos sobresaltos, de terriveis represalias da consciencia adivinhem-n'a os grandes desgraçados que teem provado o corrosivo fel da cicúta!...

A publicidade iria por ventura perturbar a paz que se deve aos mortos.

Chegados ao termo da peregrinação que partiu de um berço e vae terminar n'um tumulo, paremos um momento á sombra melancolica dos cyprestes e deponha a leitora uma lagrima na urna do archanjo misericordioso que paira, de azas abertas, sobre a memoria da que foi na terra condessa de C***.

EPILOGO

O conde de C***, depois de uma violenta explicação com a mulher que não quiz ou não soube disfarçar o rubor da mentira com uma camada de *veloutine,* antes exagerou com a franqueza das consciencias honestas a culpa d'aquelle amor, correu direito ao Club, foi ler aos amigos as cartas que recebera, pedir-lhes conselho e perguntar-lhes se lhes parecia verosimil a innocencia da mulher!...

Elles riram e encolheram os hombros, caso este que fez subir o sangue em ondas á cabeça do elegante fidalgo.

Um mez depois lia-se nos jornaes de Lisboa, onde se fallára vagamente n'um duello entre dois cavalheiros do *high-life,* que o conde de C*** partira para o estrangeiro e a condessa recolhera a um convento.

O eclipse do astro alvorotou durante uma semana todos os salões da alta roda; pouco a pouco a aventura foi tendo ares de legenda até que desappareceu de todo no

grande mar do esquecimento, seguida pelo secreto jubilo das mulheres ciumentas e dos homens despeitados!

Leopoldo desappareceu de Lisboa.

Beatriz passava dois mezes do estio, junho e julho, fóra do convento, no campo, entre as arvores e o céo, acompanhada só pelas recordações e pelas saudades!...

A voragem levára-lhe tudo, até a vida do pae!

Orphanada de todos os amores fizera-se mãe de todos os orphãos; sentindo-se adoptada pela desgraça adoptara os desgraçados.

Parecia desdem ou soberba e era dôr, dôr aguda e constante a expressão distrahida, fria e severa que se lhe immobilisára no rosto.

Um dia interrompeu a quieta e monotona uniformidade do seu viver retirado do mundo uma carta; era de Alvaro Mendonça a letra do sobrescrito; dentro havia uma folha de papel datada de Roma, escrita por um marquez a um visconde; dizia entre outras cousas:

... «Se visses o nosso Leopoldo!...

«Nunca pensei que alcançasse a cura d'aquella paixão « romantica como uma pagina de Rousseau!

«Hontem démos um passeio delicioso pelos arrabaldes « d'esta necropole das artes, d'esta gothica matrona que « edifica o mundo com o seu piedoso Vaticano depois de « o ter assombrado com as suas ruidosas bacchanais!

« Fomos ver os *grandes tumulos* dos grandes e cyclo- « picos heroes!

« Imagina que nos acompanhava uma formosissima na- « politana, um oval de Ticiano com pés de andorinha e

« olhar de aguia, profundo, ardente e brilhante como
« as estrellas d'este esplendido céo!

« A italiana, natureza caprichosa e extravagante
« como todas as italianas de identica procedencia, teve
« a fantasia de apaixonar-se pelo nosso artista!...

« A noite surprehendeu-nos, menos discretamente
« talvez, no meio d'aquella teimosa e eterna exploração
« das ruinas: assentámo-nos debaixo da copada rama de
« um sycomoro; o luar poetisava-nos, dava-nos côr e
« transparencia de visões; o cheiro das flôres subia-nos á
« cabeça como um vinho generoso e vibrava-nos os
« nervos...

« Que noite! que céo! que Italia! e que mulher!!...

« Até este teu criado recitou versos de Petrarcha e
« do Tasso!...

« Fallámos de Portugal... A napolitana estava ra-
« diante e apaixonada como Corinna!...

« Leopoldo com aquelle fino espirito que conheces, ver-
« satil e prodigioso de eloquencia, que passa sem tran-
« sição por todos os cambiantes comicos e dramaticos
« emmudeceu de repente no meio de uma gargalhada pe-
« ninsular e ficou nebuloso como um allemão. Depois le-
« vantando-se e cravando os olhos na immensidade do
« horisonte repetiu, pouco mais ou menos, estes versos:

« Visão que surges n'estas horas magicas,
« como eu te imploro a suspirar por ti!
« como eu te vejo esvoaçar no espaço...
« como aos teus olhos meu olhar prendi!...

« A italiana deu um salto de hyena e com o olhar « inflammado pelas chammas de *la gelozia* perguntou com « voz vibrante:

— «A quem são feitos esses versos?

« Leopoldo não ouviu, ou não quiz ouvir: ficou ca-« lado e absorto, com o olhar perdido no vacuo!...

« Ella bateu com o pé no chão e nervoza, irritada « repetiu a pergunta. O mesmo silencio da parte do « poeta!

« Por fim, arrancado um tanto abruptamente do ex-« tasis pela mão afilada que a julgar pelo sacudir do « braço se convertera em garra, respondeu visivelmente « preoccupado:

— « A ti, *alma mia!*

« Para te dizer a verdade, creio tanto na resposta « como na paixão da napolitana!... »

....

Quinze dias depois d'esta leitura que foi para Beatriz um desmoronamento surdo e pavoroso pendia ella a fronte livida no seio de E***, que a acompanhára ao convento, e exhalava o ultimo alento!

Ha quem affirme que um anno depois da morte da condessa começou a ir todos os mezes em piedosa romaria ao seu tumulo um homem moço, porém, com a cabeça cheia de cabellos brancos e que por expressa recommendação d'elle não murcha nunca em redor do mausoléu um viçoso e florido tapete de violetas.

É natural que o leitor espere que seguindo o pre-

ceito dos antigos apresente a moralidade da historia certificando que Alvaro Mendonça teve a punição do seu crime?...

Porém, as regras da arte, embora consagradas pela antiguidade, não alteram a verdade, mais inverosimil ás vezes do que ellas; e eu vejo-me constrangida a responder á natural curiosidade do leitor que se com effeito o remorso punge a consciencia de Alvaro com os seus agudos cilicios o que elle apresenta ao mundo que acotovela tem o despreoccupado contentamento do egoismo feliz!...

FIM.